UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

RAPHAEL PIVA FAVALLI FAVERO

**A várzea é imortal: abnegação, memória, disputas e sentidos
em uma prática esportiva urbana**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
Maio de 2019

RAPHAEL PIVA FAVALLI FAVERO

**A várzea é imortal: abnegação, memória, disputas e sentidos
em uma prática esportiva urbana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani.

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

Maio de 2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Favero, Raphael Piva Favalli

"A várzea é imortal": abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana / Raphael Piva Favalli Favero ; orientador José Guilherme Cantor Magnani. – São Paulo, 2018.

128 f.

Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia Social. Área de concentração: Antropologia Social.

1. Antropologia urbana;. 2. Antropologia do esporte;. 3. Futebol de várzea;. 4. São Paulo;. 5. cidade. I. Magnani, José Guilherme Cantor, orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Raphael Piva Favalli Favero

Data da defesa: 14/12/2018

Nome do Prof. (a) orientador (a): José Guilherme Cantor Magnani

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/05/2019

Folha de Aprovação

Raphael Piva Favalli Favero

A várzea é imortal: abnegação, memória disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Resumo

Essa pesquisa teve como ponto de partida a ameaça de extinção de um espaço que reúne seis campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo. Trata-se do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte, instalado em um terreno que há décadas é disputado pela Aeronáutica (União) e pela Prefeitura da cidade. Inicialmente, buscou-se articular esse conflito específico a uma questão mais ampla: o que fazia com que o futebol de várzea, prática cuja trajetória é marcada pelo fim de vários de seus espaços, continuasse ocupando um papel relevante como modalidade de lazer e associativismo popular na cidade de São Paulo? Partindo da perspectiva dos varzeanos que construíram os seus campos nesse terreno a partir dos anos 1960 e que, desde então, lidam com a possibilidade de terem que deixar esse espaço, chegou-se a apreensão de uma lógica interna que rege essa prática e sua profunda conexão com o contexto social em que se inserem. O futebol de várzea, para esses varzeanos, só seria viável pela *abnegação* de seus personagens, uma postura necessária para a conquista e manutenção de um universo que se constrói, sobretudo, a partir de ações de *autoconstrução* e de constantes *negociações*. Tanto em sua dimensão espacial, onde a figura do *abnegado* ocupa um papel central por resolver, dentro de seu clube e no campo varzeano como um todo, muitas das questões impostas pela política do Estado de não proporcionar o direito ao lazer e ao esporte, assumindo, por um lado, as vezes de instância auto reguladora, e por outro, de provedor de infraestrutura e mediador de interesses. Como em sua dimensão esportiva, onde sem a presença de uma instituição ou entidade que tenha se estabelecido ao longo de sua trajetória como organizadora e reguladora dessa prática, essa tarefa foi levada a cabo pelos próprios varzeanos a partir de múltiplas alianças e referências.

Palavras-chave: futebol de várzea; São Paulo; antropologia do esporte; antropologia urbana; autoconstrução.

Abstract

This research had as a starting point the threat of extinction of a space that gathers six football fields of várzea in the city of São Paulo. It is the Complexo de Campos do Campo de Marte, installed in a land that has been disputed for decades by the Aeronautics (Union) and by the town council. Initially, we tried to articulate this specific conflict to a broader question: what made várzea football, a practice whose trajectory is marked by the end of several of its spaces, continued to play a relevant role as a leisure modality and popular associativism in Sao Paulo City? Starting from the perspective of the Varzeans who built their fields on this terrain from the 1960s onwards, and since then they have dealt with the possibility of having to leave this space, we came to the apprehension of an internal logic that governs this practice and its deep the social context in which they are inserted. Várzea football, for these Varzeans, would only be viable due to the abnegation of their characters, a posture necessary for the conquest and maintenance of a universe that is built, above all, by actions of self-construction and constant negotiations. Both in its spatial dimension, where the self-sacrificing figure occupies a central role within his club and the Varzean camp as a whole, many of the issues imposed by the State's policy of not providing the right to leisure and sport, , on the one hand, sometimes as a self-regulatory body, and on the other as an infrastructure provider and mediator of interests. As in its sporting dimension, where without the presence of an institution or entity that has established itself along its trajectory as organizer and regulator of this practice, this task was carried out by Varzeans themselves from multiple alliances and references.

Keywords: várzea football; São Paulo; anthropology of sport ; urban anthropology; self-build

Agradecimentos

Agradeço à Fapesp (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) pela bolsa concedida (processo número 2016/14455-8) durante os meses de novembro de 2016 e outubro de 2017. Agradeço também ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa concedida entre agosto e outubro de 2016.

Ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da USP, seus funcionários e professores.

Ao Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani, meu orientador ao longo desse processo, agradeço pelo grande acolhimento e pela paciência ao longo desse processo.

Ao Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo pela cuidadosa, generosa e inspiradora leitura durante o exame de qualificação.

Ao prof. Dr. José Paulo Florenzano, também presente nesse processo, para além da preciosa leitura, agradeço também pelas ideias trocadas desde a época de graduação na PUC-SP – sua postura e a maneira apaixonada com a qual pensa a interlocução entre o esporte e a política são inspiradoras.

Aos colegas do LabNAU, sobretudo do Nau Cidades, agradeço também pelas idéias trocadas durante esse percurso.

Ao prof. Dr. Bernardo Buarque de Hollanda, com quem tive a oportunidade de trabalhar no projeto “Territórios do Torcer”, onde muito aprendi.

À Gabs, Michel e Mariana, pelo forte companheirismo ao longo desse período. De um coleguismo inicial proporcionado pelo ingresso na mesma turma de mestrado, sou grato pelo nascimento de uma amizade que extrapola o prazo Janus.

Ao Enrico, Rajão, Kauê, Roberta, Alberto e Chiquetto, pelas várias idéias trocadas a respeito do futebol de várzea (ou amador?).

Aos colegas e amigos com quem tive a felicidade e o privilégio de encontrar durante a graduação na PUC-SP.

À toda equipe do Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol (Ademir, Camila, Dani, Dóris, Júlia) por acreditar e tocar junto todos os projetos realizados nesse período com os varzeanos do Campo de Marte. Agradeço também imensamente a Natália,

responsável pela produção audiovisual, pela convivência nesse tempo. E, especialmente, agradeço a amiga Aira Bonfim, pela sua fantástica capacidade articuladora e incentivo.

Agradeço especialmente a todos os varzeanos com quem convivo. Especialmente, os *abnegados* do Campo de Marte que tão bem me receberam. Agradeço especialmente aqueles que compartilharam suas vidas comigo e com a equipe do Museu do Futebol: Otacílio Ribeiro, Walmir, Maurinho, Edson Sena, Nelsão, Lalo, Humberto, Sobrinho, Pascali, Geraldo e Fi. Ao Pinga e Feijão (in memorian), por terem me aberto as portas onde se iniciou essa pesquisa.

Aos amigos e amigas que, durante todas as dificuldades enfrentadas nesse percurso, sempre golpearam meu desespero com palavras e gestos eficientes. Com o risco de me esquecer de alguém, gostaria de mencionar alguns nomes: Gui, Paola, Thiago Rosa, Maurício, Bruno, Rodolfo, Titio Matusa, Trafani, Marlon, Valdir, Fabinho. Ao do outro lado do Atlântico: Simon, Jesse, Punky, Dik, Ruth e Alf.

À Dani, por todo o apoio nesse percurso.

À todas às pessoas envolvidas no Autônomos FC e no Boxe Autônomo por todo aprendizado coletivo a respeito de esporte, política e cidade. À toda magia da *bola* e das *luvas*.

À Cidinha e Reginaldo, pela recepção, carinho e paciência ao longo desses anos.

À minha mãe, Marjory, pelo incentivo, amor e exemplo de seguir sempre lutando diante do adverso. Ao meu pai, Johnny, o maior coração que já existiu nessa terra. Aos meus avós paternos, com quem aprendi a enxergar beleza no passado. À memória de meus avós maternos (in memorian), com a qual ainda me deparo pela cidade, e por me ensinarem que sentir vai além.

À Marina, parceira incondicional, meu amor, com quem compartilho passado, presente e futuro.

Crédito: Simon di Principe

*“Mas tão acostumado com o adverso,
Eu temo se um dia me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar”*
João Nogueira

*“Mas nas minhas perambulagens aprendi a ver as coisas. Cada rua, cada esquina tem sua cara. E
cada uma é cada uma, não se repete mais. Aprendi”.*
João Antônio

Sumário

Introdução	11
O futebol de várzea na cidade de São Paulo: um breve panorama histórico	11
Entrando em campo, formulando o problema: de varzeano a pesquisador	13
“Nada acontece... e agora?”: ninguém joga sozinho	15
De pesquisador à militante: Parque Campo de Marte, reviravolta ou mais um novo capítulo?	19
Pressupostos teórico-metodológicos	21
Capítulo 1: Campo de várzea: artefato da impermanência	23
Um oásis do futebol de várzea em São Paulo: o Complexo de Campos do Campo de Marte	23
O quintal da Casa Verde	26
Moradia versus futebol: o surgimento dos campos	29
Arranjo inseguro de posse: nas relações incertas com o Estado	41
Capítulo 2: À beira da dissolução ou lutando contra o fim: os abnegados da várzea	47
“Quem fez isso aqui foi o amor pelo clube”: os abnegados da autoconstrução	49
Samba, política e futebol: o abnegado que articula a luta	55
Entre expulsões e deslocamentos: o abnegado que não deixa o clube morrer	61
<i>Do Parque do Povo ao Campo de Marte</i>	68
Capítulo 3: O futebol que se autoconstrói: as fronteiras da várzea de São Paulo	72
Amistosos	82
“Não tem essa de amistoso na várzea”: o compromisso dentro dos clubes	87
“A glória de um time era a invencibilidade”	91
Os juízes “da casa”	95
Jogando fora do “pedaço”: as fronteiras simbólicas dos amistosos	98
A Liga do Daniel ou como se encontrar para jogar	101
Campeonatos e torneios	107
Pedaços em um mesmo espaço: fronteiras negociadas	107
Super Copa Pioneer, a Champions League da várzea	113
A profissionalização da várzea?	116
Do futebol profissional à várzea: a trajetória de um torcedor organizado	119
Considerações finais	121
A várzea é imortal ou o meu medo maior é o espelho se quebrar	122
Bibliografia	126

Introdução

O futebol de várzea na cidade de São Paulo: um breve panorama histórico

Não há boleiro que um dia tenha envergado a gloriosa camisa da Seleção Brasileira de futebol que não tenha dado seus primeiros quiquinhos num campinho do alto da pirambeira ou da beira da vala, lá nos cafundós das quebradas do mundaréu. Nesses campinhos carecas, esburacados, encravados em ladeiras, com traves de bambu, qualquer pelada, seja a valer chope, churrasco, caneco, ou simplesmente pra tirar uma teima, era sempre disputada com muito amor, esforço, garra, e a bola era sempre solada com a alma, ninguém correndo das divididas. Nesses campinhos se fez muita história. Histórias maravilhosas que foram passando de boca em boca, de geração a geração, até começarem a morrer diante do progresso, da necessidade de crescimento das grandes cidades... (Marcos apud Maia et al.: 2002).

O futebol de várzea, representado acima na crônica de Plínio Marcos, pode ser tomado como uma das mais duradouras formas de lazer e associativismo popular na cidade de São Paulo desde o final do século XIX e início do século XX (Silva, 2013; Fontes e Hollanda, 2014; Seabra, 2008; Magnani e Morgado, 1996; Antunes, 1992). Nessa época, terrenos nas margens dos rios Tamanduateí, Tietê e Pinheiros foram gradualmente ocupados por equipes de origem popular para jogar futebol, se apropriando dessa prática esportiva recém chegada ao país quase que concomitante a formação dos clubes da elite (Mascarenhas, 2002; Toledo, 1996). Embora chegassem no início até a dividir os mesmos espaços na cidade, essas duas formas de apropriação do esporte inglês, por parte das elites e das camadas populares, foram retratadas pela imprensa da época como duas maneiras distintas de se vivenciar o futebol. Enquanto a prática associada aos clubes de origem social abastada era tratada como portador do verdadeiro espírito dos valores esportivos (Silva, 2013), o futebol jogado nas várzeas dos rios da cidade era tido como local da desordem, chegando a ser entendido como problema de polícia.

Com as transformações urbanas ocorridas em São Paulo, durante a primeira década do século XX, o futebol de várzea se espalhou rapidamente pela cidade (Mascarenhas, 2002; Toledo, 1996). Nos bairros operários, centenas de campos e times surgiram em um curto espaço de tempo e logo assumiram um papel de grande relevância na vida cotidiana e social de seus moradores. Essas associações não se centravam apenas na modalidade esportiva do futebol,

mas promoviam também diversas atividades sociais, como bailes e piqueniques, integrando não apenas os jogadores, mas suas famílias, amigos, vizinhos e companheiros de trabalho. A importância desses clubes não se restringia somente à esfera do lazer, mas, como argumentaram alguns autores (Fontes e Hollanda, 2014; Silva, 2013; Seabra, 2008), também serviam de referência à organização civil e política desses grupos. De acordo com Magnani e Morgado (1996), o lazer, ou o “conjunto de atividades que preenchem o tempo livre”, configurou uma das principais bandeiras do movimento operário desde seu início, sendo dotado de diversos significados para os que o desfrutavam. Isso sugere um complexo entrelaçamento entre as atividades políticas, de lazer e de trabalho que compunham o cotidiano das pessoas nos bairros operários e, portanto, também o universo varzeano. O futebol propiciou ainda modos de circular e estabelecer relações na cidade por meio de partidas, torneios e festivais promovidos por clubes em diferentes áreas. Segundo estudo realizado pelo COONDEPHAT (1994), era, sobretudo, por meio desse esporte que moradores de diferentes bairros se relacionavam a partir dos anos 1930.

Esse cenário foi alterado nas décadas seguintes por conta de uma série de mudanças na paisagem de São Paulo relacionadas ao processo de metropolização da cidade. A retificação dos rios, a construção de uma extensa rede viária e estrutura urbana associadas a valorização da terra levaram a crescente e gradual extinção de grande parte dos campos de futebol de várzea (Mascarenhas, 2002; Seabra, 2008; Magnani e Morgado, 1996). Após os anos 1960, esse processo se seguiu com a extinção de mais campos, sobretudo das regiões centrais, que ficaram cada vez mais circunscritos às áreas mais periféricas da cidade - o que foi denominado de periferização da prática do futebol de várzea por alguns autores (Hirata, 2005; Spaggiari, 2009).

Se essa atividade deslocou-se das margens dos rios para outras regiões da cidade, o termo “futebol de várzea” ganhou conotação própria e autônoma e passou a designar tanto uma forma particular de modalidade futebolística, com códigos e símbolos próprios, quanto um modo de apropriação dos espaços urbanos. Nesse percurso, novos significados foram atrelados a essa prática, juntando-se às representações estigmatizantes forjadas no início do século XX, como, por exemplo, a ideia da várzea como o “celeiro de craques” (Silva: 2013) - local onde os jogadores que posteriormente alcançariam prestígio no futebol profissional teriam tido suas primeiras experiências com o esporte. No entanto, longe de ser uma esfera social e cultural fixa, o universo do futebol de várzea continua em constante movimento, atrelado às dinâmicas da cidade, de forma a produzir relações diversas.

Entrando em campo, formulando o problema: de varzeano a pesquisador

O fim dos campos de futebol de várzea em São Paulo, questão indissociável à história dessa prática na cidade, foi o grande ponto de partida na realização deste trabalho, onde se entrelaçam experiência pessoal e trajetória como pesquisador. Cresci ouvindo histórias que tinham como plano de referência espacial antigos campos de várzea, como o antigo "Campo dos Bois" no bairro da Mooca, locais que ainda hoje, mesmo após décadas de sua extinção, seguem balizando afetos de antigos moradores do entorno e de varzeanos. Mas, mais importante para o início dessa pesquisa do que qualquer história que tenha ouvido de alguma outra época, foi o que vivenciei na posição de alguém que também encontra nos campos de futebol de várzea um lugar significativo de sua vida.

Jogo no Autônomos FC, time fundado no ano de 2006 por algumas pessoas que se conheceram a partir de eventos da cena punk e anarquista de São Paulo e região do ABC. E no primeiro semestre de 2015, depois de um jogo, ainda sujo no vestiário do *Bicudão*¹, veio a notícia, no que parecia seguir como um novo capítulo no destino desse fenômeno: mais um campo de várzea da cidade seria extinto. E não seria apenas mais um campo, mas um grande complexo que congrega seis campos de futebol de várzea, o Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte, local reconhecido por varzeanos de todas as regiões da cidade, e que já frequentava esporadicamente há alguns anos.

Mensageiro da novidade, Kiko não conhecia todos os detalhes, só sabia da ameaça latente que pairava nesse espaço em que passou toda sua infância e juventude. Ainda no vestiário, sujos de terra, entre a indiferença de alguns e a indignação dos mesmos de sempre, o engajamento nessa luta surgiu como um imperativo. Uma disputa com contorno de “mundo real”, relacionada aos processos capitalistas de especulação e expulsão, que nos colocava mais próximos ainda desse universo varzeano ao mesmo tempo em que nos afastava de problemas internos de um certo ativismo. Esse era o pensamento de parte dos que restaram no Autônomos Futebol Clube, após um longo ciclo de conflitos acerca do desafio de manter um projeto de se constituir como clube esportivo e coletivo político com ideais próximos ao anarquismo. Sem abrir mão de ser um time de várzea competitivo, com todas as contradições de uma atividade esportiva que colocava à prova práticas e noções de igualdade e participação, a ocasião surgia como uma oportunidade concreta de atuação. Quase que uma

1 O Bicudão é um campo de futebol de várzea na região oeste, bastante próximo da Marginal Tietê.

resposta àqueles que diziam ter o Autônomos *perdido sua identidade* e se tornado *apenas mais um time de futebol de várzea*.

Os brados se esvaneceram depois daquele dia até o mês seguinte, em maio de 2015, quando ocorreu uma partida amistosa no Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte entre o Autônomos e o Baruel Futebol Clube, time da infância de Kiko e um dos seis clubes que mantêm um campo no Campo de Marte. Soube de mais detalhes acerca do processo judicial que ameaçava os clubes por Pinga, um dos diretores do clube nos apresentado por Kiko naquele momento, que explicou a existência de um conflito centenário por aquele espaço do Campo de Marte que envolvia a Aeronáutica e a Prefeitura de São Paulo. Ele, inclusive, mencionou uma dissertação defendida no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo que trata do caso.

Durante a conversa com Pinga, naquela tarde de maio de 2015, comentei sobre o caso do tombamento do antigo Parque do Povo, ocorrido na década de 1990, e se essa não seria uma tática possível para ajudar na luta pela manutenção do futebol de várzea naquele espaço. Nesse dia, então, deixei o campo do Baruel incumbido de levar a disputa até a Universidade de São Paulo, onde cursava como ouvinte uma disciplina do professor José Guilherme Cantor Magnani, que havia trabalhado no estudo de tombamento do Parque do Povo, antigo reduto do futebol varzeano de São Paulo, no começo dos anos 1990, que, no entanto, teve seus campos extintos no ano de 2006. A ideia, nascida nas mesas do bar do campo Baruel, era a de tentar intermediar uma reunião que tratasse de um possível pedido de tombamento do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte.

No mês seguinte, em uma manhã de sábado, retornei ao campo do Baruel junto com o antropólogo Enrico Spaggiari – indicado pelo professor e futuro orientador José Guilherme Magnani - para um primeiro encontro que trataria dessa possibilidade de tombamento. Desse primeiro encontro, fomos convidados a participar semanas depois de uma reunião da Associação dos Clubes Mantenedores do Complexo de Campos do Campo de Marte, composta por cinco dos seis clubes que mantêm seus campos de futebol neste espaço. Junto com Spaggiari e outro amigo jornalista do Autônomos, Gabriel, fomos apresentados como "o pessoal da USP" que estaria ajudando na questão do tombamento dos campos. Nessa ocasião, também nos foi apresentado com maiores detalhes algumas das questões que norteavam a disputa por esse espaço e a ameaça aos clubes, bem como esses estavam se articulando para conseguirem se manter no terreno - questões que trabalharei ao longo da dissertação.

Concomitante a esse primeiro contato, enquanto cursava como ouvinte algumas disciplinas na Universidade de São Paulo, entre as quais, como já mencionado, a disciplina do prof. José Guilherme Cantor Magnani, planejava me inscrever no processo seletivo de mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Meu interesse de pesquisa, na época, apesar de também voltado a temática do futebol, eram outros. Foi a partir de uma conversa com os antropólogos Enrico Spaggiari e Rodrigo Chiquetto, que decidi formular um projeto de pesquisa que tratasse da questão do fim dos campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo a partir da disputa que se avizinhava aos varzeanos do Campo de Marte. Dessa maneira, junto ao engajamento na luta dos clubes, decidi também transformar essa experiência em questão a ser trabalhada analiticamente, dando início a uma trajetória de pesquisa onde se confluem os papéis de pesquisador e jogador de várzea.

A ideia era de, por meio da *prática etnográfica*², que dada à particularidade da minha entrada em campo³, por vezes se aproximava da realização de uma *observação da participação*⁴, acompanhar o desenrolar da disputa no Campo de Marte guiado por uma questão: o que fazia com que o futebol de várzea, mesmo em uma conjuntura desfavorável, com o fim e o risco de extinção de vários de seus campos, continuasse a ocupar um papel privilegiado como modalidade de lazer e associativismo popular significativa na cidade de São Paulo?

“Nada acontece... e agora?”: ninguém joga sozinho

Comecei, então, no final do segundo semestre de 2015, a frequentar semanalmente o Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte pela confluência de dois acontecimentos. Tanto por conta da aprovação no processo seletivo, para iniciar a pesquisa, bem como pelo fato do Autônomos ter, graças ao Kiko, conseguido um horário aos sábados para mandar as suas partidas no campo do Baruel, realizando um desejo antigo do time.

Nesse momento, diferentemente do que encontrara por ali nos meses anteriores, o assunto do fim dos campos não parecia mais ter grande peso no cotidiano do espaço. Após a Associação dos Clubes ter recorrido a notificação judicial que recebera da Aeronáutica em abril de 2015,

² Magnani (2012) diferencia a *prática etnográfica*, programada e contínua, da *experiência etnográfica*, descontínua, imprevista.

³ Como pontua Peirano (2008, 3), “a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico”.

⁴ Segundo (Tedlock, 1991), “na observação da participação, etnógrafos ambos experimentam e observam a coparticipação própria e alheia dentro do grupo etnográfico”(tradução minha).

que ordenava que eles saíssem do terreno no prazo de um mês, a disputa se esvaziava das conversas mais aflitas de varzeanos que frequentam esse espaço, se restringindo à esfera judiciária e aos poucos personagens mais engajados na luta.

Quando procurava abordar o assunto do fim dos campos entre interlocutores frequentadores dos campos, de diferentes níveis de envolvimento com a associação dos clubes, a ameaça era quase sempre relativizada. Os mais antigos me contavam que aquilo já vinha de longa data, que aquela não era a primeira vez que vivenciavam situação semelhante no local. Para argumentar contra a seriedade do perigo, recorriam, inclusive, a lembranças de episódios complicados do passado, como quando a Aeronáutica impediu os varzeanos de ingressarem nos campos mobilizando viaturas para o portão de entrada do complexo, em que tudo depois foi resolvido. Em março de 2017, então, uma decisão judicial favorável aos varzeanos, divulgada aos frequentadores do espaço por meio de uma nota impressa colada nos bares dos seis campos do Complexo, parecia instaurar de vez um clima de tranquilidade em relação a ameaça.

Dessa maneira, entre outubro de 2015 e o final do primeiro semestre de 2017, guiado pela questão geral, “o que faz com que o futebol de várzea continue a ocupar um papel privilegiado como modalidade de lazer e associativismo popular em São Paulo apesar de uma conjuntura desfavorável”, que complementava a ideia de acompanhar a disputa e os conflitos pelo Complexo de Campos de Futebol de Campo de Marte, direcionei minha observação para diversos acontecimentos relacionados a esse universo, que iam muito além da minha vivência com o Autônomos. Me pûs a observar e registrar uma série de amistosos, festivais e torneios de futebol que aconteciam todos os finais de semana e feriados, tanto no Campo de Marte como em outras localidades; bem como congressos técnicos preparatórios para alguns campeonatos varzeanos; jogos festivos, como a tradicional partida de “pretos contra brancos”⁵, disputada no campo do Jardim São Bento, vizinho ao Campo de Marte, que mobiliza já há décadas varzeanos dessa região; festas e eventos de todo o tipo que ocorriam na área social dos campos do Campo de Marte, de bailes de samba rock, rodas de samba, shows de forró, até procissões religiosas e missas, blocos carnavalescos e reuniões políticas, sobretudo com vistas a campanha para vereador e prefeitura em 2016.

⁵ Apesar do mais famoso jogo de “pretos contra brancos” ser realizado no bairro de São João Clímaco, na região sudeste da cidade de São Paulo, os varzeanos do Parque Peruche e Casa Verde reivindicam serem o mais antigo. Nesse ano, celebrarão cinquenta anos dessa festividade. Apesar de ter acompanhado – e até jogado – essa disputa nos anos de 2016 e 2017, deixarei para tratá-la em futuras publicações.

Reza dos jogadores antes de partida de Preto contra Brancos realizada nos anos 1990. Acervo Otacílio Ribeiro / Museu do Futebol.

Baile de samba rock no Cruz da Esperança no ano de 1988.

Apesar de todo o investimento de pesquisa nesse período, que me levavam a circular pela cidade, conviver com diferentes personagens, defrontar-me com distintas representações e sentidos que versavam sobre o que era o futebol de várzea, tinha a sensação de que não via

muita coisa acontecer. Pelo menos, nada que correspondesse ao que tinha traçado como parte de meu escopo inicial de observação. Passei a questionar minha própria atuação em campo. Será que não estaria sendo capaz de levar adiante um pressuposto clássico da pesquisa etnográfica, o de *estranhar o familiar* (Velho, 1978), tão necessário ao empreendimento que me propusera, dada a particularidade de minha relação e inserção?

Algumas dessas experiências desse período, bem como daquilo que havia vivido anteriormente no futebol de várzea, em épocas anteriores, só foram ganhar sentido analítico posteriormente. Destaco duas razões para isso. A primeira dessas é que, junto a esse constante esforço de *estranhar o familiar*, tive a colaboração de pessoas que, parafraseando a clássica metáfora de Geertz (2008 [1989]) sobre o fazer etnográfico, me ajudaram a ler a várzea sobre os meus próprios ombros. Entre a colaboração óbvia - e fundamental - de todas as pessoas e situações relacionadas ao ambiente acadêmico e de campo, destaco, nesse caso, o acaso do encontro com um estrangeiro com quem tive a oportunidade de ir junto aos campos de várzea diversas vezes ao longo da pesquisa. Estrangeiro não em um sentido figurado, de alguém completamente alheio ao universo do futebol de várzea.

Simon, o estrangeiro em questão, um fotógrafo inglês bem ambientado no futebol amador de Londres, e que estava no Brasil com uma vaga ideia de registrar o futebol, olhava para a várzea por meio de uma dúbia condição: se por um lado reconhecia nessa prática futebolística organizada algo parecido com o que conhecia dos campos amadores da Inglaterra, todo o ambiente em que essa prática se desenrolava, as características arquitetônicas das edificações atreladas aos campos de várzea, lhe eram completamente estranhos.

Quando estávamos em campo, ele sempre me interpelava a respeito de coisas que até então não detinham minha atenção: o bar, os vestiários, os banheiros, o alambrado que reveste o campo, os pisos, a cobertura da área social, etc. Seus gestos diante dessas construções eram os de desvendar o que experimentava; os olhares curiosos, as mãos que tocavam e batiam fechadas em paredes, muretas, como quem queria apreender texturas e possíveis sons produzidos. Mesmo que a prática principal que sustentasse o local, isto é, a prática organizada do futebol, com equipes devidamente uniformizadas, alto nível de comprometimento e competitividade, bem como a sociabilidade existente no pós jogo, nas brincadeiras e jocosidades entre os participantes, lhe permitisse traçar aproximações e similitudes entre os dois contextos, Londres e São Paulo, todo o resto, sobretudo referente à materialidade do espaço, era algo a ser descoberto para ele. E conseqüentemente, acabaram se

tornando também indícios que me permitiram avançar em algumas das reflexões presentes na dissertação, como parte do argumento que apresentarei mais adiante.

As perguntas de Simon à respeito das formas de organização do futebol de várzea de São Paulo, da mesma maneira, me levavam a um exercício comparativo em relação ao que ele me contava sobre o futebol amador de Londres, bem como ao que também eu já havia vivenciado em outros contextos. E essas diferenças não poderiam ser tomadas apenas como naturais e óbvias dado ao diferente contexto sociohistórico em que se inscrevem. Me debruçar sobre essas diferenças, então, me permitiram pensar em particularidades da organização social do futebol de várzea de São Paulo, e relacioná-las à maneira como ele se autoconstruiu ao longo da trajetória desse fenômeno, sempre a partir das ações dos varzeanos - tanto em seus espaços, como em suas modalidades de disputa - sem que uma instituição ou entidade conseguisse se estabilizar como reguladora dessa prática.

Finalmente, a segunda razão identifico em um posterior momento de reviravolta no futuro do terreno do Campo de Marte onde estão os campos, bem como em toda a movimentação que se sucedeu.

De pesquisador à militante: Parque Campo de Marte, reviravolta ou mais um novo capítulo?

7 de agosto de 2017, uma manhã de segunda-feira, porta do prédio da prefeitura de São Paulo. Mais um local em que a pesquisa me levava. Do lado de fora do prédio, movimentos sociais que lutam por moradia se posicionavam com suas bandeiras e discursos. Lá dentro, uma coletiva de imprensa fechada, convocada pelo então prefeito, João Dória, conjuntamente com o presidente Michel Temer, e pelo então Ministro da Defesa, Raul Jungmann, anunciavam a sinalização de um acordo inédito entre a prefeitura de São Paulo e a União pela área do Campo de Marte, onde seriam construídos um Museu da Aeronáutica e um Parque Municipal.

O que aconteceria com os campos de futebol de várzea? Nada estava claro, apenas um logotipo do futuro Parque fora divulgado. De qualquer maneira, o episódio inaugurou um novo ciclo de incertezas e boatos.

Nas semanas seguintes, novos indícios surgiam. Uma grande placa com o logotipo do futuro Parque Campo de Marte, com a mensagem "em breve", foi instalado pela prefeitura em parte do terreno, bem próximo aos campos. A partir desse momento, com a questão do fim dos

campos ganhando uma urgência inédita com o que havia me deparado durante a pesquisa até então, se desenrolaram diversas movimentações: uma série de articulações dos varzeanos com diversos grupos e personagens, desde instâncias do poder público até varzeanos de outras regiões da cidade; reportagens de televisão e rádio onde a luta dos varzeanos do Campo de Marte diante da ameaça e incerteza apareciam com destaque; até a realização de um grande seminário sobre o futebol de várzea e a preservação de seus campos, organizado em parceria com o Museu do Futebol.

Nesse momento da pesquisa, circulando por diferentes pontos da cidade junto com as lideranças do que se constituiu, a partir da associação dos clubes do Complexo do Campo de Marte, como um movimento pela preservação de seus campos, meu papel em campo foi ressignificado pelos meus interlocutores. Convidado pelos varzeanos a participar de um programa na Rádio Trianon para falar sobre minha pesquisa, bem como sobre o conhecimento já produzido no âmbito acadêmico sobre o futebol de várzea, fui surpreendido ao ser apresentado ao vivo para toda a região metropolitana de São Paulo como o "relações públicas" do movimento.

Nessa mesma época, a divulgação do projeto encomendado pela prefeitura de São Paulo para o terreno do Campo de Marte, como já era esperado, confirmou que o plano em andamento não trazia boas perspectiva para o futuro dos campos de várzea. A ideia seria construir o Museu Aeronáutico exatamente em cima desses campos, com a parte arborizada do terreno transformada no parque. Em uma parte do terreno ao lado dos campos, hoje vazia e apenas esporadicamente ocupada como estacionamento do sambódromo e do Parque Anhembi, aparecia no projeto a ideia de construir três campos de futebol.

Junto com outro discente da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o arquiteto Fábio, os varzeanos reunidos na associação dos clubes passaram, então, a trabalhar na ideia de um projeto alternativo para o espaço, que contemple na medida do possível, caso o projeto da Prefeitura e da Aeronáutica saia do papel, os desejos e interesses dos clubes que seriam realocados para essa parte do terreno hoje vazia. Em diversas reuniões com várias instâncias da Prefeitura de São Paulo, os varzeanos seguem levando adiante essa pauta, em mais um novo capítulo de incertezas - e indefinições - sobre o futuro desse espaço.

Enquanto no período de pesquisa anterior ao anúncio do plano de construção do Parque Campo de Marte me deparava com uma certa descrença e relativização à respeito da ameaça

instaurada pela notificação judicial recebida em abril de 2015, ancorada em lembranças esparsas de acontecimentos que tratavam da longa e atravancada relação entre os clubes varzeanos e a Aeronáutica nesse espaço, o momento inaugurado pela nova ameaça parecia mexer com essas memórias. Relatos de episódios mais concretos dessa relação passaram a emergir, contados inclusive de maneira pública, como nos eventos do seminário do Museu do Futebol, por personagens que estiveram diretamente envolvidos nessas tramas. Esses fatos rememorados traziam nuances de como os clubes haviam conseguido autorização para construir seus campos e se manter nesse terreno apesar de tanta instabilidade, bem como quais as contrapartidas haviam sido exigidas pelo poder público.

Então, no início de 2018, em parceria com o Museu do Futebol, nos debruçamos sobre algumas dessas histórias. Participei, junto com a equipe do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, responsável pela pesquisa e acervo de memória dessa instituição, da gravação de aproximadamente vinte horas de entrevistas de *histórias de vida* com personagens pré-selecionados do futebol de várzea do Campo de Marte. Ação que se relacionava tanto aos interesses dessa instituição, de minha própria pesquisa, como da luta dos varzeanos em preservar não apenas seus campos, mas suas próprias histórias, que pareciam sempre prontas a se vanescer diante das ameaças enfrentadas. Essas questões - e as respostas que os varzeanos me davam sobre a continuidade e os significados envolvidos nessa prática, passaram também a figurar no leque de reflexões que serão expostas ao longo do texto.

Pressupostos teórico-metodológicos

Forças armadas, prefeitura de São Paulo e clubes de futebol de várzea disputando espaço na cidade. A problemática apresentada mobilizava atores com grande poder de decisão, planos de intervenção urbanística, entrelaçados a uma prática esportiva e de lazer cidadina com grande densidade simbólica. Algumas das referências teóricas-metodológicas, diante disso, consistiram em referências que permitiram circunscrever o objeto de estudo em uma abordagem antropológica. Nesse sentido, a obra de Magnani (2012) exerceu um papel fundamental. Ao discutir outras abordagens sobre a questão urbana, o autor identifica uma tendência crescente no debate de privilegiar a ação de certos grupos sociais em detrimento de outros. Ele se refere a uma análise que compreende a cidade como produto direto das forças capitalistas e que quando menciona atores sociais, são os representantes dos grandes interesses econômicos - elites, lobbies, investidores, entre outros - enquanto que os moradores, que constituem a outra e majoritária parcela, seriam apenas agentes passivos

excluídos do processo social de constituição urbana. Nas palavras de Magnani, a cidade, segundo essa perspectiva, “parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade e conflitos” (ibidem 257). É com esse tipo de análise que o autor procura romper, buscando formas de superar a dicotomia que opõe o indivíduo e as megaestruturas urbanas (ibidem 253).

Para isso, Magnani (ibidem) retoma uma discussão sobre a composição do espaço urbano, que é formado por dois fatores: a paisagem, compreendida como os espaços, equipamentos e instituições urbanas, e os atores sociais, em toda sua diversidade. O autor aponta que o papel de uma antropologia urbana é compreender ambas as dimensões como indissociáveis, diferentemente de outras disciplinas que focam em uma ou outra. Nesse sentido, a paisagem não pode ser tomada como mero cenário ou pano de fundo onde as práticas dos atores sociais ocorrem, e nem essas práticas podem ser entendidas como independentes da paisagem .

Seguindo a proposta de Magnani (2012), o modo de acessar a confluência entre os múltiplos significados e interesses em jogo em uma pesquisa antropológica em contexto urbano é por meio da *prática etnográfica* , modulando o olhar para uma perspectiva *de perto e de dentro* que é “capaz de apreender os padrões de comportamentos não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais, cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (op. cit. 267).

Campo de várzea: artefato da impermanência

Um oásis do futebol de várzea em São Paulo: o Complexo de Campos do Campo de Marte

Mais de sessenta espécies de aves, répteis, anfíbios, pequenos mamíferos, uma incalculável variedade de insetos, passagem de dois córregos e um trecho de Mata Atlântica preservada. As diferentes sensações despertadas ao se caminhar pelo espaço que abriga essa vasta biodiversidade confundem a noção de que se está a menos de quatro quilômetros do marco zero do centro de São Paulo, na Praça da Sé. De lá não é possível ouvir o incessante som dos automóveis que passam pela Marginal Tietê, localizada a menos de um quilômetro - embora se possa avistá-la prontamente de parte desse terreno. Apenas se ouve e enxerga as aeronaves que sobem e descem ali ao lado; bem como os carros, motos, bicicletas, caminhões e ônibus que chegam nesse local por terra, em velocidade reduzida, levantando alguma poeira do chão que mistura terra e pedra.

Ultrapassar o portão de entrada do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte em um final de semana, sob a luz do dia, é envolver-se em uma experiência sensorial de misturas: ouvir o som dos pássaros e a *gritaria generalizada* (Miskiw, 2012) vinda do campo de jogo; avistar camisas de futebol com variadas cores, carregando distintivos desconhecidos, moldadas aos díspares corpos que se colocam em disputa; com menções a bairros e regiões da cidade, também exibidas em faixas penduradas nos alambrados dos campos. Ao ingressar na área social de cada um dos seis campos do local, o cheiro de mato perde força para a fumaça que vem das churrasqueiras, ao lado dos bares onde o silêncio certamente é derrotado - seja pelo som das conversas e risadas, do samba, samba-rock, forró ou do funk. Em que pese a possibilidade de imersão em toda essa atmosfera de descomedimento, ao cair da noite, quando os jogos cessam, ao sair das áreas sociais dos campos em festa, ainda é possível sentir-se distante da cidade, acompanhado pelo som das cigarras e pela imensidão de um céu completo, sem prédios ou arranha céus, de leste a oeste e de norte a sul.

Calcula-se que perto de 10 mil pessoas são atraídas para esse terreno de 73 mil metros quadrados aos finais de semana e feriados. O espaço congrega seis campos de futebol administrados por clubes de futebol de várzea. Além da prática esportiva, existem por lá outras possibilidades de fruição e lazer. Todos esses campos contam com bares e áreas de convivência, onde são realizadas festas, bailes, shows, rodas de samba, churrascos, feijoadas, disputas de dominó, bocha, reuniões, eventos comunitários e políticos. Ainda, os campos

também contam com parquinhos e equipamentos destinados ao uso das crianças, que também se apropriam de toda essa vasta área não edificada para empinar pipas, correr e brincar.

Com a extinção dos campos de futebol de várzea do Parque do Povo, em 2006, esse espaço tornou-se o maior dedicado a essa prática próximo a região central da cidade de São Paulo⁶. Toda semana equipes que atuam como *mandantes*⁷ nesses seis campos recebem equipes vindas de todas regiões da cidade, incluindo áreas metropolitanas, para a disputa de amistosos, festivais e campeonatos. Nesse espaço, também alguns grupos encontram local para jogarem entre si de maneira mais fluida, bricolada⁸, disputando entre conhecidos, sem o rigor organizativo mínimo esperado no futebol de várzea (uniformes, juiz, etc) - como um grupo de bolivianos moradores da região, que semanalmente jogam em uma quadra de futsal existente entre os campos; e um grupo de coreanos, que utilizam o último horário de um desses campos aos domingos, sem contar as crianças que se apropriam do espaço de alguns campinhos ao redor e dos próprios campos de várzea nas horas vagas.

6 Apesar da área do Parque Ecológico Tietê e de seu entorno, na zona leste de São Paulo, conterem mais campos utilizados por equipes de futebol de várzea ou amadoras, essa prática parece ser diluída dentro da complexa dinâmica do Parque, que contém diversas outras atrações e atrai uma ampla maioria de frequentadores que passa ao largo da sociabilidade proporcionada pela prática futebolística nesse espaço. Pacheco (prelo) pesquisou esse contexto. Miskyw (2012), em sua etnografia sobre o futebol de várzea em Porto Alegre, também observou a prática varzeana em campos localizados em parques públicos com outras atrações.

7 Como o termo sugere, equipes que tem um horário fixo semanal em um campo. Usualmente, nos campos de várzea de São Paulo, essas equipes fazem uso desse horário fixo mediante uma taxa de manutenção estipulada pela direção desses lugares, cujo valor pode variar consideravelmente por conta de uma série de fatores (localização e condições do campo, terreno de jogo – terra, sintético ou grama -, etc). Ilustrando essa variação, para ficar apenas em campos de várzea localizados bem próximos a diferentes locais da marginal Tietê, um horário semanal de duas horas em um campo de terra pode ser locado por até 250 reais mensais, enquanto o mesmo período em um campo com grama natural ou artificial pode ultrapassar os 1500 reais mensais. Para efeito de comparação com outra modalidade de futebol amplamente difundida na cidade, o futebol society, jogado em campos menores com sete jogadores em cada equipe, um período de duas horas semanais na mais conhecida rede de campos, a empresa PlayBall, pode custar até 2000 reais. Conseguir um horário como mandante em um campo de futebol de várzea, embora geralmente envolva alguma contrapartida financeira, envolve outras lógicas que não apenas a de uma operação.

8 Pensando na configuração bricolada proposta por Damo (2007) para se pensar os futebóis.

Poderíamos referir a toda essa movimentação em torno dessas tantas atividades, talvez desordenadas e confusas para alguém não familiarizado, a uma *bagunça organizada*, como se refere Seu Nelson, varzeano do Baruel Futebol Clube, ao constatar o ritmo da várzea, onde “o pessoal vai chegando, parece que não vai dar em nada e quando se vê tá todo mundo em campo, a cerveja gelada, a churrasqueira acesa”. Com suas particularidades, muito do que se vê, escuta e cheira nesse espaço é semelhante ao que se vivencia em tantos outros campos de várzea da cidade. Um local de encontros, celebrações, lembranças, comida, bebida, permeado pela sensação de pertencimento; características de *pedaço*⁹. Embora essa *bagunça organizada* seja comum às centenas de campos de futebol de várzea existentes na cidade de São Paulo, o Complexo do Campo de Marte guarda uma particularidade. Enquanto a maioria desses lugares se situa, atualmente, em terrenos pertencentes ao município, administrados por entidades civis em parceria com o poder público municipal por meio de uma legislação específica dos Clubes da Comunidade¹⁰, o terreno onde está instalado o Complexo de Campos de Futebol de Campo é alvo de uma disputa fundiária quase centenária entre a União e a Prefeitura de São Paulo.

Se, ao longo das décadas de crescimento urbano de São Paulo, diversos campos foram destruídos para dar lugar à novas construções, esse terreno pôde se manter por conta do conflito acerca de sua posse, mas sob ameaça constante.

O quintal da Casa Verde

“Nosso quintal era toda essa imensidão que vocês tão vendo”, disse Nelsão apontando para o terreno do Complexo de Campos do Campo de Marte. Caçar preá, sapo, apanhar frutas, pescar, nadar nas lagoas... Conversar com os varzeanos veteranos do Campo de Marte sobre o passado desse local, anterior à existência dos campos de futebol de várzea hoje existentes, é deparar-se com esse tipo de memória da região, carregada de lembranças afetivas das várias atividades e aventuras narradas junto a exuberância natural desse pedaço de várzea do rio Tietê.

⁹ “(...) *pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani: 2007).

¹⁰ Clubes da Comunidade e Clubes do Município, ver Biagi (2017).

Imagem retirada do Geoportal de 1958

Antes dos campos, esse local era um dos pontos do trajeto que ligava as casas da molecada da Casa Verde e Parque Peruche até a beira do rio Tietê, ainda não completamente retificado, permeado, na época, por outros campos de futebol e lagoas. Nelson, bem como outros interlocutores da pesquisa com mais de sessenta anos, foram parte da primeira geração de suas famílias que nasceu ou chegou bem jovem nessa região da cidade. Seus pais e familiares se mudaram para a região entre os anos 1930 e 1940, quando os terrenos foram loteados, chegando de diferentes lugares: desde outros estados brasileiros, como Minas Gerais, e municípios do interior paulista até locais da própria cidade de São Paulo, de onde muitos saíram por conta de processos de reestruturação urbana que alteraram a paisagem e acarretaram sua expulsão para outros lugares de menor valor imobiliário.

Aventurar-se de suas casas até a várzea do Tietê, na narrativa dessas pessoas ao rememorar sua infância, significava uma maneira de conhecer a cidade, extrapolar os domínios de seus *pedaços* (Magnani, 2007) para defrontar-se com alteridades e desigualdades, elaborando sobre essa experiência. Otacilio, secretário da associação dos clubes, se recorda do trecho em que ele e seus amigos passavam pelo Jardim São Bento, bairro vizinho, com suas casas abastadas, no caminho entre o Peruche e o Campo de Marte, e avistavam dentro dos portões os meninos de terninho, *amarelos de tão brancos*, que ao ver aqueles *moleques mamelucos*

descalços, negros, pardos, corriam de medo para dentro de suas casas. *“A gente tinha dó deles...”*. Também se lembra de quando junto de alguns amigos, foram detidos em um casarão pertencente à TFP (Tradição, Família e Propriedade), nesse mesmo bairro, quando tentavam apanhar frutas de seu quintal, experimentando a repressão e o autoritarismo que anos mais tarde, na adolescência e juventude, os afetaria diretamente no cotidiano de seus bairros.

Fato é que a infância e juventude rememorada por quem viveu cotidianamente pelo entorno do Campo de Marte na passagem dos anos 1950 e 1960 parecem passar ao largo do que acontecia na disputa pela posse de seu terreno. Na mesma época do que foi um momento tenso desse conflito, com um pedido de reintegração de posse da prefeitura contra a Aeronáutica pela área, no ano de 1959, as lembranças dos varzeanos desse período conservam fragmentos de um cotidiano que versam apenas sobre esse local como passagem, lazer e aventura. Descer dos morros do Parque Peruche e Casa Verde em bando, com a sacola de uniformes nas costas, se aventurar por um trajeto cheio de possibilidades, até chegar nos campos da várzea do Tietê, para lá jogar três ou quatro jogos. Nadar e pescar nas lagoas e só retornar ao anoitecer. Memórias de um tempo idílico, onde contam que dos bairros da Lapa à Penha existiam mais de 100 campos de futebol de várzea que beiravam o rio Tietê.

Graças a uma ferramenta disponibilizada na internet, onde é possível vislumbrar fotos aéreas de satélite de toda cidade de São Paulo no ano de 1958, podemos ter uma imagem da paisagem urbana desse passado. Um Tietê ainda não retificado, com seus meandros... Beirando o rio, é possível enxergar, bem delimitados, os campos de futebol, onde hoje está instalado o Anhembi, cercado por dois grandes lagos. É possível contar cerca de 20 campos de futebol só nesse trecho, um ao lado do outro, exatamente como ainda existem vivos nos relatos varzeanos. Na área do campo de marte onde hoje existem os campos de futebol, não existia ainda nenhuma edificação visível. O que se pode ver é o que aparenta ser uma região de várzea, com vegetação e água. Um *“brejão”*, uma *“vacaria”*, como já ouvi de outros veteranos. O restante da área do Campo de Marte e entorno também não é perto do que se é hoje. Diversos prédios e equipamentos, de uso dos militares, como residências, equipamentos de seu clube, incluindo campos de futebol gramados da Cassasp (Clube Associativo dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica), ainda não existiam na época.

Moradia versus futebol: o surgimento dos campos

II - A SADE está portanto autorizada por esta Direção, a utilizar a dita área, a título precário, com finalidade única e exclusiva para a prática de esportes, devendo a referida empresa **construir um portão de passagem para a rua Marambaia e cercar a área**, a fim de evitar penetração de pessoas desautorizada no interior do Parque.

III – Reserva-se o Ministério da Aeronáutica, através da Direção do Parque, o direito de, a qualquer tempo, comunicar a SADE o término da cessão da área, que deverá então ser desocupada no prazo de 30 dias, eximindo-se de quaisquer despesas, que hajam sido levadas a efeito, pela referida Empresa, na construção da quadra de esporte.

Datado do dia 11 de dezembro de 1972 e expedido pelo Comando de Apoio Militar, esse documento oficializa a concessão de uma parte dos terrenos ao primeiro campo do que viria a ser o Complexo de Campos do Campo de Marte. Guardado até os dias atuais pela equipe de futebol da SADE, os termos assinados indicam o que estava em jogo com a autorização do futebol na área e expressam características centrais ao padrão de ocupação dos clubes nesse terreno, marcado pela negociação incerta e sempre situacional com agentes do Estado.

Onde hoje existe um condomínio residencial de alto padrão, construído em 2011, colado ao portão de entrada do Complexo, funcionava a antiga fábrica metalúrgica da SADE (Sul Americana de Engenharia - Eletrificação). Foram os trabalhadores dessa fábrica, organizados em seu Grêmio Recreativo, que tinha o futebol como uma de suas principais atividades, que pleitearam junto a direção da fábrica para que essa negociasse com o poder público um espaço no imenso terreno vizinho para poderem construir um campo de futebol¹¹.

Ainda nos anos 1960, a SADE conseguiu uma autorização do Município, que já disputava a propriedade do local com a Aeronáutica, para construir um campo de futebol para seus funcionários junto de outros equipamentos, como vestiários, banheiros e outras quadras. Como consta em documento posteriormente enviado às Forças Armadas, a empresa foi responsável por aterrar a área vizinha à fábrica “para que ali fosse preparada uma área desportiva, até então carente na região”. Da mesma forma que na negociação com a

11 Para pensar na multifacetada relação do futebol nas fábricas, envolvendo negociações trabalhadores, jogadores e direção da fábrica, ver Antunes (1992).

Aeronáutica, o poder municipal concedeu a ocupação do espaço à título precário, exigindo como contrapartida que a empresa se responsabilizasse por obras de infraestrutura.

Depois de anos de uso, a direção do parque pertencente à Aeronáutica se incomodou com a presença dos trabalhadores da SADE quando diversos carros e equipamentos da empresa começaram a estacionar no local, próximo ao campo. Nessa ocasião, além de ordenar a retirada dos veículos, anunciaram que o Grêmio Recreativo da fábrica deveria sair da área. Foi assim que em 1972, se iniciaram as negociações entre a empresa e a Aeronáutica para a concessão de uso que desembocaram no documento mencionado inicialmente.

Nesse ofício, endereçado ao superintendente da empresa¹², como citado acima, a cessão de parte do terreno do Campo de Marte é aprovada com a finalidade “única e exclusiva para a prática de esportes”. Em seguida, no único trecho sublinhado do texto, está a contrapartida estipulada pelos militares: a direção da fábrica deveria construir um portão de passagem para a rua Marambaia e cercar a área, “a fim de evitar penetração de pessoas desautorizadas no interior do parque”.

12 Trata-se de Socrate Mattoli. Praça de Esportes da Sade foi batizada com o nome de Socrate Mattoli. Personagem complexo. Foi partigiano na Itália na luta contra os fascistas, posteriormente se formou em Engenharia e veio para a América do Sul, onde participou de associações italianas. A lembrança é de um homem que frequentava o campo, convivia e tomava caipirinha com os funcionários. Coincidentemente, o filho de Socrate, é o músico à frente do projeto de samba rock Clube de Balanço, que toca todo mês no campo do Cruz da Esperança, o segundo a se instalar no espaço.

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE APOIO MILITAR
PARQUE DE AERONÁUTICA DE SÃO PAULO

10512
V. 10512

OFÍCIO Nº 101/DG

São Paulo, 11 DEZ 1972

Do Diretor

Ao Ilmo Sr SOCRATE MATOLLI
DD Superintendente da SADE - Sulam
ricana de Engenharia S/A.

Assunto: Cessão de Área no Campo de Mar
te.

Anexo : Planta de Locação da Área.

I - Em atenção a determinação verbal do Exmo Sr Comandante da Quarta Zona Aérea e desejando cooperar com essa importante Empresa, foi procedida uma verificação da viabilidade de utilização, a título precário, de área nos terrenos do Campo de Marte, que satisfizesse a reivindicação de V S.

A área em apreço tem aproximadamente 120m de frente para a Rua Marambaia, por 160m de fundo para o Campo de Marte, perfazendo um total de 8 400 m² (oito mil e quatrocentos metros quadrados).

II - A SADE está portanto autorizada por esta Direção, a utilizar a dita área, a título precário, com finalidade única e exclusiva para a prática de esportes, devendo a referida Empresa construir um portão de passagem para a rua Marambaia cercar a área, a fim de evitar penetração de pessoas desautorizadas no interior do Parque.

III - Reserva-se o Ministério da Aeronáutica, através da Direção do Parque, o direito de, a qualquer tempo, comunicar a SADE o término da cessão da área, que deverá então ser desocupada no prazo de 30 (trinta) dias, eximindo-se de quaisquer despesas, que hajam sido levadas a efeito, pela referida Empresa, na construção de quadra de esporte.

Foto do documento cedida pelo SADE

Para Edson Senna, membro veterano da SADE, na medida em que a empresa realizou obras de infraestrutura e benfeitoria ao redor da fábrica, com a canalização de córregos, pavimentação de vias, construção de Igreja e também o aterramento do terreno para a área

desportiva do Grêmio, surgiu uma preocupação entre as autoridades de que o lugar sofresse com uma “invasão”. Assim, se já existia uma fácil circulação por esse terreno, como sugerem os relatos sobre esse local ter sido o “quintal” da molecada da Casa Verde e Parque Peruche, com as melhorias, esse trânsito poderia se intensificar e o terreno passar a ser cobiçado para a construção de moradia. Uma preocupação que ganhava força com o crescimento não planejado da cidade, com vários exemplos de terrenos que eram ocupados rapidamente, da noite para o dia, para a construção de moradias. Basta lembrar que um dos grandes marcos do ano de 1972 na história de São Paulo foi o surgimento da favela de Heliópolis com uma explosão demográfica em um curto espaço de tempo.

Diante do interesse dos trabalhadores da SADE, a Aeronáutica vislumbrou uma boa oportunidade para obter mais controle sobre a área. Ceder o uso de um terreno para a prática do futebol como maneira de protegê-lo do risco de ver o espaço ser ocupado por moradia, longe de ser uma particularidade, foi uma estratégia comumente adotada por proprietários ao longo da trajetória do futebol de várzea na cidade de São Paulo (ver também Hirata, 2005). É digno de nota, no entanto, que as Forças Armadas precisassem transferir essa responsabilidade para o grêmio recreativo dos trabalhadores de uma empresa privada.

Além de ter realizado as obras, a SADE e seu clube se tornaram responsáveis também pela contratação de caseiros e porteiros para controlar o trânsito de pessoas e impedir uma possível ocupação do terreno. Edson lembra de Xangô, antigo funcionário da SADE que depois de aposentado, se tornou caseiro do campo, ocupação que desempenhou por mais de 15 anos, sendo responsável por construir boa parte da estrutura do local.

Nesse mesmo ofício da Aeronáutica para a SADE, também está exposta a fragilidade de permanência com que varzeanos lidariam futuramente: a qualquer momento, a Aeronáutica poderia reaver o terreno cedido, devendo o clube desocupar o local em trinta dias, sem direito a qualquer ressarcimento pelo que gastaram com melhorias no local, como a construção do campo, dos vestiários, da área social.

Ou seja, a Aeronáutica, assim como a Prefeitura, cedeu o terreno para uso por tempo indeterminado, mas com a possibilidade de reversão a qualquer momento, sem se responsabilizar por nada, transferindo desde as obras de infraestrutura e melhorias do terreno aos serviços de zeladoria, vigilância e coordenação ao clube da SADE. Neste sentido, podemos traçar um paralelo com o processo de autoconstrução de moradias e bairros que

marca a história urbana de São Paulo desse período – questão que iremos retomar mais à frente.

O segundo campo surgiria apenas anos depois, no final da década de 1970, a partir da articulação de um dos times de futebol de várzea de maior prestígio da cidade na época, o Cruz da Esperança do bairro da Casa Verde, com um vereador recém-eleito com o apoio do clube. Os outros viriam nos anos 1980, cada qual com processos específicos de negociação com a Aeronáutica. Todos, no entanto, seguiram o padrão de ocupação e concessão à título precário do Sade com histórias de autoconstrução.

A Aeronáutica concedeu o uso do terreno, mas, antes de qualquer coisa, a equipe deveria se responsabilizar por construir uma cerca que revestisse toda a área, para além do espaço necessário para a construção do campo. Bem como acontecera com o clube da Sade, que teve que construir um portão de acesso e também cerca a área, a preocupação da Aeronáutica com o controle do terreno parecia fator fundamental para a permissão de seu uso para a prática esportiva. A trama de indefinição sobre o terreno do Campo de Marte articulou-se ao temor que o crescimento desordenado da cidade suscitava.

Ambos, em suas vitórias, abriram alas para a posterior instalação de outros campos de futebol, construídos e administrados por outras agremiações: Baruel, que acabou cedendo parte de seu espaço para a construção do campo do VUP (Veteranos Unidos Paulista), Pitangueira e, posteriormente, Aliança, somando, assim, 6 campos no complexo.

A várzea e a cidade: terrão, expulsões e deslocamentos

“Naquela época, eles estavam construindo a estação de metrô Barra Funda. Nós tivemos a sorte que eles levavam muito caminhão de terra não sei pra onde. Eles estavam procurando lugar pra jogar terra. Então, entrou em acordo com os caras e pra nós, foi benéfico. Entrou 8600 caminhões de terra... pra aterrar tudo, porque aqui era um buraco” (Entrevista de membro do Cruz concedida ao Museu de Futebol).

A década de 1970 aparecia como um período hostil para os campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo. “*A cidade está destruindo o seu futebol de várzea*”, anunciava o título de uma reportagem de 6 de janeiro de 1974 do Estadão, que trazia dados levantados pela Secretaria Municipal de Esportes de que mais de 500 campos haviam sido extintos nos últimos anos. Do outro lado da várzea do Tietê, na região da Barra Funda, reduto de tantos clubes varzeanos, ao longo dessa mesma década, chegavam notícias do fim de mais campos.

Diversos clubes perdiam seus espaços, desapropriados para o início de um grande ciclo de obras do que viria a ser o grande complexo de transportes da Barra Funda, que hoje inclui rodoviária, terminal de ônibus, trem e metrô.

As obras na Barra Funda de transformação no sistema viário e traçado urbanístico da região enchiam caminhões e mais caminhões com terra escavada, que precisavam encontrar um destino final. Os responsáveis pela obra procuravam um local para despejar toda essa terra. Não se sabe ao certo como aconteceu, mas o fato é que acharam justamente o terreno em que a Aeronáutica havia autorizado para a construção da praça de esportes do Cruz da Esperança. Um de seus membros se recorda que foram, aproximadamente, 8.600 caminhões que chegaram ao terreno. A terra retirada pelas obras na região da Barra funda, que culminaram no fim de alguns campos de várzea, encontrava lar, agora, cruzando a ponte da Casa Verde, do outro lado do rio Tietê, permitindo o surgimento do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte.

Mais do que as redes acionadas pelos varzeanos ou coincidências históricas, esse episódio é importante porque desmistifica a imagem do campo de terrão como reminiscência da cidade antes de sua urbanização completa, representação muito comum no imaginário sobre esse universo. O processo de construção do campo do Cruz mostra como a várzea, na verdade, se construiu em meio aos processos e dinâmicas de transformação urbana, sendo tanto possibilitada pelas transformações dos espaços quanto ameaçada por essas. Ou seja, não existe um passado idílico da cidade, onde os campos reinavam; pelo contrário, a várzea nasce junto de São Paulo, com sua história atrelada a processos diversos de expulsão, deslocamento, especulação imobiliária.

A trajetória do Baruel, terceiro clube a se estabelecer no Complexo de Campos, explicita bem essa articulação entre o futebol de várzea e as dinâmicas urbanas, complexificando à ideia de que a cidade está destruindo essa prática.

Desde pelo menos a década de 1950, além da sede social, o Baruel possuía um campo de futebol na várzea do rio Tietê. Era um daqueles *míticos* campos, entre *mais de cem*, recordados por veteranos da várzea, que margeavam o Tietê indo da Lapa, na zona oeste da cidade, à Penha, na zona leste. Era lá também um dos destinos das andanças e *trajetos* das crianças e jovens da região da Casa Verde, como Nelsão, que iniciou no futebol varzeano justamente nesse espaço. O clube mantinha, além de equipes de adultos, times de categorias

de base, que também alcançavam resultados expressivos, circulando por diversos campos da cidade de São Paulo, enfrentando inclusive times de base dos clubes profissionais¹³.

Pelas lembranças de alguns varzeanos a respeito do campo do Baruel, é possível restituir alguns de seus traços marcantes: uma pequena Concha Acústica, peculiaridade que o singularizava perante os outros cerca de 20 campos que os avizinhava; as cercas de madeira pintadas de branco, contornando o campo de jogo, onde Zinho, meia esquerda do time de veteranos do Baruel, se recorda de se espremer quando menino, competindo com *três metros de* fileiras de pessoas, pra tentar ver o seu pai jogar.

Ainda na década de 1960, começaram a surgir rumores de que o campo poderia acabar. A área era desejada pela Federação Paulista de Futebol, que pensava em construir lá um estádio equivalente ao Maracanã, e por Júlio de Mesquita, dono da Folha de São Paulo, que tinha a ideia de instalar uma nova Santa Casa no local (Oliveira, 2016).

Mas, o destino do campo do Baruel e de seus vizinhos começou a ser gestado mais concretamente durante o carnaval de 1963, em uma casa da cidade de Campos do Jordão, pertencente ao sogro do empresário Caio de Alcântara Machado, responsável por trazer para a cidade de São Paulo o modelo das feiras industriais de negócios que conheceu durante suas viagens para Nova York e Europa. Realizadas desde o final dos anos 1950 no Pavilhão Internacional do Parque do Ibirapuera, esses eventos cresciam ao ponto de que esse espaço já não comportava mais o tamanho desses eventos de forma satisfatória (ibidem). Buscavam, então, outro lugar na cidade.

Após sobrevoos que saíam da pista do Campo de Marte, organizados por Caio, com a intenção de procurar por um terreno para construir um novo local para receber as feiras de negócio, chegou-se ao terreno da prefeitura ocupado pelos campos de várzea. Desse momento em diante, uma série de investidas orquestradas por Caio de Alcântara Machado, em articulação com uma série de personagens, entre esses o arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm, responsável pelo projeto do que viria ser o Parque Anhembi, e com o prefeito da cidade Faria Lima, culminaram na aprovação de uma lei, em 1967, que autorizava a concessão desse terreno onde os varzeanos teciam suas vidas a uma empresa de capital aberto fundada por

13 Na entrevista gravada conjuntamente com o Museu do Futebol, Nelson contou que de um título conquistado contra os juvenis da S.E Palmeiras, no campo do adversário. Jogos de equipes de base de clubes varzeanos contra clubes profissionais da mesma categoria, times varzeanos adultos contra juvenis profissionais, são comuns nos relatos de antigos varzeanos, indicando existir uma fronteira muito mais fluida que regulava esses embates.

Caio de Alcântara Machado. No ano seguinte, começaram as obras que apagaram qualquer vestígio dos campos de várzea ali existentes para a construção do que seria o maior complexo ligado ao turismo de negócios da América Latina¹⁴.

Ironicamente, o fim do campo do Baruel se relacionava em alguma medida com a própria maneira como o clube havia conseguido alcançar reconhecimento e prestígio no futebol varzeano, pois teve como financiador dois membros que trabalhavam como despachantes. Se os títulos e glórias mencionadas anteriormente chegavam por meio dos investimentos de Domingos Fasolari e Rafael Farisco, beneficiados pela alta do ofício de despachante que ocupavam, onde estabeleciam contatos, lidavam com documentos e trâmites, relacionados, sobretudo, ao crescimento do número de veículos da cidade e de sua consequente legislação e regulamentação, a inauguração do Parque Anhembi, em 1970, traria como atração a realização do Salão do Automóvel, evento símbolo das articulações entre poder, economia e cultura em torno da figura do automóvel.

Visão dos campos, onde o Anhembi foi construído (Idoeta et al: 2004 apud Oliveira: 2016, 153)

Daqueles clubes de várzea que possuíam campos onde seria erguido o Complexo do Parque Anhembi, poucos restaram para contar história. O próprio Baruel, após perder o seu campo da Concha Acústica, das cercas de madeira pintadas de branca, não conseguiu prosseguir imediatamente com parte de suas atividades futebolísticas, que contemplavam times de diferentes categorias; conseguiu sobreviver como clube graças à existência da sua sede social, instalada no mesmo terreno desde o início de sua trajetória. Nesse período, sem o campo,

¹⁴ No vídeo documental “Construção e lançamento do Anhembi”, produzido na época, é possível ver aos 3 minutos as imagens do sobrevoo dos campos. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=3l3DmNSSMIw>

quem jogava futebol pelo clube teve que procurar outras equipes. Nelsão foi jogar em outras agremiações do bairro, como a Ponte Preta do Parque Peruche¹⁵, o Cruz da Esperança e em uma equipe organizada por Éder Jofre, o Peruche.

Enquanto mantinha o cotidiano de sua sede, com a prática de futebol de salão e do jogo de malha, o clube tentava reerguer suas equipes de futebol e recolocá-las nos campos de várzea da cidade. Zinho, que durante a sua infância na década de 1960 acompanhava seu pai jogar pelo Baruel, se recorda de um episódio que o marcou na primeira metade da década de 1970 sobre esse momento e que lhe trouxe dimensão do que o clube representava na várzea. Em um cerimonial de abertura de um importante torneio de futebol da categoria sub16, realizado no parque do Ibirapuera, que contou com a participação da delegação dos times que disputaram a taça, o então jovem debutante nos grandes torneios se lembra da fala do locutor que ciceroneava o evento, enquanto desfilava uniformizado ao lado de sua equipe, sob os olhares atentos dos adversários, que fazia uma saudação especial ao retorno do Baruel ao futebol de várzea. Mais do que simplesmente o lugar em que assistia o seu pai jogar bola, Zinho realizava o que era o Baruel Futebol Clube.

O Baruel só conseguiu um novo campo de futebol no começo dos anos 1980, beneficiado pela autorização que o Cruz da Esperança havia conseguido para construir o seu campo na área do Campo de Marte. Graças a relação de amizade de Waldermar Fasolari, o conhecido *Pirola*, presidente do clube nessa época, com pessoas da diretoria do Cruz da Esperança, que ajudaram a intermediar o processo que fez com que o Baruel conseguisse instalar seu campo no terreno¹⁶. Com a autorização de construir, o clube logo demarcou dois campos de futebol no terreno. Um desses campos seria posteriormente repassado sua administração, ainda no começo da década de 1980, ao VUP, Veteranos Unidos Paulista, time fundado em 1968 na região da Casa Verde¹⁷.

15 Associação Atlética Ponte Preta, com time de futebol ainda em atividade, fundada no ano de 1946 no Parque Peruche. A Ponte Preta destaca-se por ter ajudado o surgimento da escola de samba Unidos do Peruche, na década de 1950, emprestando seus instrumentos de percussão, utilizado por seus torcedores nas tradicionais batucadas de beira de campo do futebol varzeano – tema que vem sendo estudado pelo pesquisador Alberto Luiz dos Santos, doutorando no Programa de Geografia da Usp.

16 Entre os membros mais antigos que permanecem em atuação pelo clube cita-se, além dessa amizade entre pessoas do Baruel e do Cruz, o bom trânsito de seu Zito, um dos personagens mencionados como fundamentais nessa fase do clube, entre alguns agentes da política municipal, embora os nomes desses personagens tenham se perdido.

17 O Veteranos Unidos Paulista foi fundado em 1968 no bar da Maria na esquina da Rua Zilda com a Guarizinho, por um grupo de amigos de bairro. Lalo, o único desses fundadores ainda vivo, conta que esse grupo de pessoas havia jogado na várzea em outras equipes mas que estavam parados por conta

Como já delineado até o presente momento, a questão do fim dos campos de futebol de várzea parece atingir na década de 1970 tal ponto que parece esgarçar os limites varzeanos e ganhar até algum destaque no debate público. Nessa época, algumas reportagens, crônicas – já aqui citadas anteriormente - e até uma pesquisa¹⁸ realizada no âmbito da Universidade de São Paulo, expuseram esse tema o relacionando a uma problemática mais ampla de fim dos espaços de lazer para várias comunidades da cidade devido ao seu crescimento desenfreado. Não à toa, também na mesma época, mais especificamente em 1975, esse assunto figura no plano da política municipal, tangenciando um decreto de Olavo Setubal, prefeito de São Paulo na época, para a criação dos Clubes Desportivos Municipais, que posteriormente dariam origem aos Clubes da Comunidade (Biagi, 2017)¹⁹.

O fim dos campos de futebol de várzea só entra explicitamente em cena na discussão legal da política municipal²⁰ no final dessa década, pela ação do mandato do então vereador, Mário Américo. Em 1979, o homem de sete Copas do Mundo, propôs um projeto de lei²¹ que dispunha a cessão de áreas públicas nos bairros de São Paulo para a prática do futebol de várzea e de outros esportes. Notável é o texto de justificativa do projeto de lei:

Considerando que São Paulo, até 1950, foi o centro do esporte amador, através de seus clubes varzeanos de futebol, os quais deram ao Estado os maiores nomes do futebol profissional;

de compromissos familiares; vários haviam casado recentemente, tido filhos, etc. Após a sua fundação, sem campo, o time passou a jogar percorrer São Paulo jogando como visitante. Lalo narra que o fim de vários campos na região, forçavam o Paulista a ir jogar cada vez mais longe, em outras regiões da cidade; e a distância percorrida para jogar começou a refletir e influir nas dinâmicas familiares dos jogadores da equipe, que chegavam mais tarde em casa, gerando conflitos com esposas e familiares. Dessa maneira, começou o interesse do time em mandar seus jogos no terreno do Campo de Marte, onde já conheciam os campos que já haviam por lá de Sade, Cruz da Esperança, Baruel e Pitangueira. Com a influência de Lalo na política do bairro, envolvido em associações de lojistas, Lions Club da Casa Verde, entre outros, conseguiram intermediar esse espaço com o já mencionado seu Zito, personagem que também possuía boa circulação por grupos e associações do bairro.

18 “Caracterização Geral do Futebol de Várzea como atividade popular de “Lazer”” de Betty Schiffnagel.

19 Conferir o mesmo Biagi (2017) para maiores detalhes sobre o funcionamento dessas legislações sobre espaços de lazer de comunidades em terrenos da municipalidade, administrada conjuntamente entre entidades da sociedade civil e prefeitura. A maioria dos campos de várzea da cidade de São Paulo hoje estão localizados em Clubes da Comunidade (CDC). <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/cdcs/index.php?p=47283.%20Acesso%20em:%202027/10/2014>

20 Uma série de personagens da política municipal, posteriormente, levarão esse tema adiante. Entre esses, os vereadores Juarez Suarez, Arselino Tatto e Bruno Feder, entre o final da década de 1980 e 1990. Destaque também para a prefeitura de Luiza Erundina, período em que foram construídos muitos campos de futebol de várzea.

21 Trata-se do projeto de Lei Número 106/79 promulgado como Lei número 8946 de 16 de Agosto de 1979 pelo presidente da Câmara Municipal, Eurípedes Sales.

Considerando que no bairro da Bela Vista, por exemplo, haviam quatro campos de futebol; no Ibirapuera, cinco, e na várzea do Glicério, dez, e com o progresso das desapropriações o futebol varzeano da Capital foi praticamente extinto;

Considerando que os poucos clubes varzeanos que ainda sobrevivem, são obrigados a pagar aluguel de terrenos particulares para a prática do esporte, e que nem todos possuem condições financeiras para tal, uma vez que são frequentados, em sua maioria, por operários residentes nos bairros mais pobres da Capital;

Considerando que estas atividades representam um meio, para esta camada da população. Descarregar suas frustrações e tensões geradas durante toda a semana de trabalho intenso;

Considerando que o clima de pressão e controle no qual vive o trabalhador paulistano, deve ser considerado como fonte principal de suas neuroses, uma vez que já não se pertence, pois sua individualidade foi invadida pela ação massificante e alienante da máquina industrial paulista que controla e anula toda a sua criatividade e espontaneidade em função da produção. Portanto, a neurose é originada por ações externas ao indivíduo e se constitui na única defesa capaz de preservar o pouco que dele ainda resta.

Concluimos que a ação de extermínio que sofre o esporte amador, não se limita apenas a extinção de suas praças de esportes, mas também, e o que é mais grave, ao bloqueio da criatividade do homem brasileiro menos favorecido economicamente. O ataque é, indiretamente, dirigido a este homem, pois o futebol no Brasil é algo que nasce, cresce e morre cheirando a POVO.

Um dos artigos propostos nesta lei²², no entanto, apesar de todo apelo e afetividade recursiva sobre a causa, não visava alterar um dos grandes obstáculos que caracterizam esses espaços: a ausência de uma política pública que subsidie o equipamento do local, ficando a responsabilidade de agir no terreno a cargo das práticas de autoconstrução dos clubes tocadas por seus abnegados e a capacidade de suas articulações.

Reversibilidade e impermanência: os campos como artefatos urbanos

Você já reparou que aquela é a entrada de São Paulo? E de quem vem de onde? Do Rio de Janeiro! Para não falar que é também a estrada dos que vêm de Campinas. O que é que você vai mostrar a eles, logo ali na chegada? Aquele treco estático, parádão, que é um estádio de futebol? Estádio só funciona uma vez por semana. Eu estou oferecendo um negócio dinâmico; centro de convenções funciona todo dia,

22 Diz o artigo terceiro do texto que, “A cessão será pura e simples, sem qualquer comprometimento relativo à aparelhagem física do local”.

tem gente do país inteiro, do mundo todo. E esse negócio de Santa Casa? O que é que você vai mostrar pro carioca quando ele chegar aqui? A miséria de São Paulo? (Oliveira: 2016, 88).

Foram esses os argumentos usados por Caio Alcântara Machado para convencer o então prefeito Prestes Maia a conceder o terreno para sua empresa a fim de construir o Parque do Anhembi. Tanto nesta declaração quanto em outras do empresário, não há nenhuma menção aos campos de futebol de várzea que ocupavam o terreno há anos com uma vida ativa. É como se nesse local, que ele escolheu como o melhor para seu empreendimento, não houvesse nada; estivesse vazio, sem ocupação alguma.

Da mesma forma, em 2017, quando o então prefeito de São Paulo João Doria anunciou seu projeto de instaurar um Parque no terreno do Campo de Marte, depois de conseguir um acordo inédito entre Prefeitura e União, em nenhuma ocasião, mencionou o Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte, seus clubes e frequentadores, que, de acordo com o plano, serão despejados para a construção de um museu. O fato de milhares de pessoas passarem por ali todos os finais de semana há décadas permaneceu ausente do debate. Os campos foram lembrados em algumas notícias, mas como se não houvesse conflito algum com o projeto anunciado ou como se a inclusão de três campos de futebol no plano urbanístico do parque sanasse qualquer tipo de problema.

Wilheim, em texto décadas depois da construção do Anhembi, afirmou que os campos de várzea “preocupavam não ao Caio, mas à minha consciência de urbanista... Afinal, futebol de várzea é uma excelente forma de ocupação....da várzea. É claro que eles poderiam facilmente ser transferidos para uma localização nova, mais à montante do rio - como de fato o foram” (Wilheim apud ibidem, 152). Ou seja, mesmo quando existe algum grau de preocupação com essa forma de ocupação do território, ela é tida como facilmente solucionada pelo deslocamento, ignorando as relações sociais tecidas no espaço, o esforço de autoconstrução de seus frequentadores e as próprias características espaciais do local. No caso do Anhembi, como podemos verificar pela trajetória do Baruel, diferentemente do que enuncia o arquiteto, os clubes não foram transferidos, mas expulsos.

Dessa maneira, com o futebol entrelaçado a uma disputa espacial, até os gestos mais corriqueiros desse esporte ganham contornos políticos. Em um dos encontros em que os varzeanos discutiam o plano alternativo ao projeto do parque Campo de Marte encomendado pela prefeitura de São Paulo, no qual sobreviveriam apenas três campos, realocados em uma

pequena área ao lado de onde ocupam atualmente, a preocupação que afligia um dos varzeanos presentes, entre os cálculos e projeções que tentavam dar conta de espremer pelo menos mais um campo no local, era sintomática: como se poderia cobrar um escanteio decentemente em um aperto tão grande? O que pode parecer uma banalidade absurda frente a um contexto de décadas de indefinição sobre a posse de um terreno ser da Prefeitura ou da Aeronáutica, é um tanto revelador: diante de um espaço autoconstruído pelos varzeanos, moldado por seus desejos, maneiras e possibilidades, se conjecturava um modelo que não levava nada disso em conta, projetado por quem jamais havia pisado naquele terreno, onde não caberiam nem suas apreciações e nem suas preferências – que dirá, então, de um espaço razoável para cobrar escanteio?

Mais do que ignorância dos planejadores urbanos, essas cenas explicitam como as características espaciais e arquitetônicas dos campos de várzea transformam-no em um artefato urbano facilmente reversível e impermanente, exatamente por ser adaptável aos interesses situacionais do poder público articulado ao privado. Plano, sem edificações e extenso, não oferecem dificuldades para a construção ou estabelecimento de novas formas de uso.

Essa característica atrelada ao seu uso altamente especializado, por varzeanos e no máximo seus familiares, facilita a construção de uma imagem pública desse espaço como “vazio” urbano. Aparentemente disfuncionais, improdutivos e abandonados, os campos tornam-se, assim, locais nos quais intervenções urbanas quase não são questionadas.

Assim, se os campos de várzea funcionaram, por um longo período, como freios à ocupação do terreno por moradias, assim que novos interesses surgem, podem ser facilmente destruídos e expulsos. Por mais que diversos desses campos tenham conseguido, por meio da articulação e luta dos varzeanos, regularização via criação de CDCs, muitos desapareceram da paisagem urbana nessa dinâmica, na qual as condições de possibilidade para seu surgimento são as mesmas que ameaçam sua permanência.

Arranjo inseguro de posse: nas relações incertas com o Estado

Ou você vai até o campo do Cruz acabar com o baile ou os campos vão acabar. Em uma noite de domingo na década de 1990, um coronel da Aeronáutica telefonou para o varzeano responsável pelas negociações com as Forças Armadas para dar esse recado. O representante

do complexo não conseguiu atender à exigência e nessa noite, como era bastante comum durante essa época, a festa seguiu até a manhã de segunda-feira.

A ameaça, entretanto, prosseguiu nas semanas seguintes e virou tópico a ser tratado entre o representante dos varzeanos e a Aeronáutica, por meio da figura do coronel. Ou se acabavam essas festas no campo do Cruz aos domingos à noite ou todos os campos seriam interditados.

O varzeano argumentou que pouco poderia fazer para impedir os bailes. Fruto do mesmo meio social, conhecia todos ali e não tinha como peitá-los. Sugeriu, assim, ao coronel se não seria mais eficiente se ele enviasse algumas viaturas das Forças Armadas para patrulhar e fiscalizar as festas. Os carros da Aeronáutica do Campo de Marte estavam parados, explicou o coronel, não havia dinheiro algum para abastecê-los.

Por meio da ampla capilaridade dos clubes de várzea, chegou-se até um posto de gasolina do bairro, cujo proprietário era sócio de um dos varzeanos em uma construtora e selou-se um acordo: aos finais de semana, a Aeronáutica abasteceria alguns de seus carros por lá e o valor do débito dessas operações seria coberto posteriormente por um rateio organizado pelas equipes. Com o tanque cheio, a Aeronáutica conseguiu enviar um carro para fazer ronda na parte do terreno onde localizam-se os campos, solucionando a situação.

Longe de ser um caso excepcional, a história dos clubes no terreno do complexo de campos é marcada por ameaças e negociações constantes com comandantes da Aeronáutica, que em virtude dos termos de cessão da área, exigiram uma série de demandas aos varzeanos em troca de sua permanência no local. Além de momentos em que foi cobrado aluguel dos clubes pelo uso do espaço, houve também episódios nos quais as equipes tiveram de comprar tinta para pintar os quartéis; arcar com bolas e uniforme para o time dos soldados; adquirir televisões e computadores, quando esses últimos eram uma raridade, tanto para o quartel quanto para seus membros; fizeram reforma completa do corcel de um desses personagens em uma oficina do bairro, entre outros²³.

As condicionalidades impostas aos varzeanos pelos diferentes comandantes que passaram pelo parque foram possibilitadas pelos termos de cessão de uso assinado para cada um dos campos, que, como explicado anteriormente, autorizava a Aeronáutica a requerer o terreno em qualquer momento sem nenhuma obrigação de restituir o investimento feito pelos clubes

23o instável não é particular ao Complexo do Campos, pelo contrário, é uma característica basilar da ocupação de grande parte dos territórios populares no Brasi

na construção de equipamentos e infraestrutura no terreno. Trata-se de concessão “à título precário”, conforme consta no documento: “reserva-se o Ministério da Aeronáutica, através da Direção do Parque, o direito de, a qualquer tempo, comunicar o término da cessão da área, que deverá então ser desocupada no prazo de 30 dias, eximindo-se de quaisquer despesas, que hajam sido levadas a efeito, pela referida Empresa, na construção da quadra de esporte”.

Ou seja, foi concedida uma licença para uso e transformação do espaço, mas os clubes não adquiriram o direito de propriedade sobre o local nem nenhuma garantia de quanto tempo poderiam ficar ali, como é comum em qualquer contrato de aluguel. Não há qualquer tipo de segurança de posse de modo que do dia para a noite, por conta de interesses dos mais diversos do corpo militar, a ocupação dos campos poderia se tornar ilegal.

Essa condição instável não é particular ao Complexo do Campos, pelo contrário, é uma característica basilar da ocupação de grande parte dos territórios populares no Brasil e em outros países do Sul Global, que como argumenta Rolnik (2015), são marcadas por “arranjos inseguros de posse” (ibidem, 166). Apesar de tratar de assentamentos de moradia, os casos relatados pela autora possuem muita semelhança com o do complexo por se tratarem de terrenos onde há disputa jurídica e indefinição quanto à propriedade do lugar, nos quais a ocupação se dá por meio de “licenças” (ibidem, 180) e podem, por essas razões, ser reivindicada à todo momento, exigindo mobilização e articulação de seus moradores para se manter ali (ibidem, 171). Tratam-se, portanto, de territórios cujo estatuto varia conforme as disputas situacionais, envolvendo leis, instituições e processos decisórios relacionados ao uso da terra (ibidem, 151). É neste sentido que Rolnik se refere a “irresolução jurídico-burocrática” de Holston:

As periferias urbanas de SP se desenvolveram, assim como a maior parte do Brasil (...) como uma arena de conflitos por terra na qual as distinções entre ocupação legal ou ilegal são temporárias e as relações entre elas, perigosamente instáveis. Nesse contexto, a lei costuma produzir complexidades processuais e substantivas insolúveis; essa irresolução jurídico-burocrática sempre dá início a soluções extrajudiciais (...) dessa forma, a legislação fundiária promove conflitos e não resoluções (Holston apud Rolnik, 179).

No caso aqui analisado, a cláusula de concessão à título precário, ao invés de determinar regras de ocupação, acaba por abrir um campo de indeterminação cuja resolução é determinada, discricionária e situacionalmente, pelos comandantes da Aeronáutica a partir de negociações extrajudiciais. Como explica Telles (2012):

(...) é nesse terreno que também entram em cena práticas nebulosas que oscilam entre acordos, corrupção, troca de favores, compra de proteção – enfim, a transação das mercadorias políticas, sempre no limiar da chantagem, da extorsão e também dos usos da violência extralegal.

A ideia de “mercadoria política” é bastante importante para compreender a série de negociações realizadas entre varzeanos e militares, pois possibilita analisá-la para além de critérios morais, como o de corrupção, mas a partir de uma perspectiva da antropologia do Estado que entende a brecha estabelecida pela lei como um espaço no qual se realizam jogos de poder (ibidem, 15), imersos em disputas cotidianas e situacionais entre os atores. O que exige não apenas articulação e mobilização dos varzeanos como também um saber para negociar. É por isso que em todos esses casos, a Aeronáutica aparece não de forma total e genérica como instituição do ramo aéreo das Forças Armadas do país, mas através de alguns de seus membros que ocuparam posições de comando no Campo de Marte ao longo desse período.

É interessante observar que os relatos sobre as exigências dos comandantes, a cobrança de aluguel, a compra de televisões para o quartel, de reformar o carro de um de seus membros, vieram à tona após o anúncio do projeto de construção do Museu Aeronáutico e do parque no terreno, em agosto de 2017. Esse último anúncio inaugurou um momento de resgate desse passado. No desenrolar de toda a ampla movimentação que a divulgação do projeto ocasionou entre diferentes atores e instituições, surgiam relatos que expunham a complexa relação travada nesse espaço. Antes disso, havia escutado apenas boatos que davam alguns indícios, como menções a um episódio em que a Aeronáutica havia fechado o acesso aos campos por determinado tempo, impedindo que os clubes de entrarem nos espaços que construíram e vivenciavam, ou especulações que contavam que parte da construção do clube da CASSASP havia sido beneficiada por uma cobrança indevida de aluguel por parte da Aeronáutica aos clubes de várzea. Dessa vez, no entanto, os acontecimentos do passado passavam a ser narrados detalhadamente, em público, por personagens que estiveram envolvidos nessa longa história.

Entre 2015 e 2018, atrelados a essa rememoração, as pessoas reagiam entre dois extremos: expressavam um profundo desdém pela ameaça com afirmações como “já ouvi muito essa história e não dá em nada, se resolve” ou reproduziam histórias fatalistas que asseguravam, “*por fontes seguras*”, que o terreno não sobreviveria à virada do ano de 2017 para 2018, por exemplo. Os varzeanos e frequentadores do complexo que não se envolveram diretamente no

que se constituiu como um movimento pela preservação dos campos, alternavam, a depender do momento, entre esses polos. Cheguei a ouvir de um veterano do espaço, na mesma conversa, inclusive, um prognóstico que reunia indícios que sinalizavam a favor dessas duas possibilidades – uma fala que relacionava e ordenava o que parecia ser contraditório. “Não resta muito tempo para o fim do espaço. Agora a coisa é séria” - ele me contava -, ao narrar ter visto soldados da Aeronáutica se embrenhando pela mata local, medindo e fotografando, preparando os estudos para a construção do parque. Instantes depois de argumentar que o futuro parque confluiria com os interesses de uso dos endinheirados do Jardim São Bento, bairro vizinho do local, passou a relativizar com naturalidade a ameaça, dizendo que, de qualquer forma, qualquer coisa que fosse acontecer ali, como sempre, demoraria muito. Essa análise, que em um primeiro momento, me pareceu um tanto contraditória e sem sentido, no fundo expressa a ambiguidade da experiência varzeana: afinal, se os varzeanos do Campo de Marte eram vitoriosos em manter-se naquele espaço, cenário de tantos encontros e histórias, há tantas décadas à revelia do imbróglio entre Prefeitura e Aeronáutica, eles também convivem com a lembrança de tantos outros campos de várzea, também palcos de suas existências, que viram desaparecer ao longo de suas vidas.

Segundo Veena Das (2007), os rumores não devem ser descartados como informações falsas e descabidas, mas podem ser analisados como uma forma de linguagem que projeta para o futuro fatos do passado, acionados e rememorados por eventos do presente. Os boatos expressam, assim, uma narrativa de continuidade entre passado e presente, baseando-se em memórias de outros tempos que, na percepção de alguns atores, se relacionam com a situação presente. É por tratarem de situações plausíveis e imagináveis, relacionadas com a história e a experiência da várzea em São Paulo, que mesmo sem validade e autoria, os rumores trágicos e fatalistas sobre o fim do complexo ganharam sustentação e continuam a ser repetidos com muita seriedade. Ou seja, não se trata de desconhecimento, mas de um saber que relaciona narrativas do passado com experiências que mostram que a história do futebol de várzea em São Paulo é marcada por expulsões súbitas de clubes de seu campos, pela destruição de terrenos do dia para a noite, como mostra a trajetória, por exemplo, de Sobrinho e do Guanabara.

Os episódios de negociações com os comandantes e os rumores fatalistas compõem uma narrativa compartilhada pelos varzeanos, desde os mais engajados até os frequentadores, sejam eles veteranos ou mais jovens, que é acionada e reproduzida, em conversas corriqueiras, boatos, reuniões e atos públicos, assim que a ameaça à existência do complexo

de campos ganha concretude. Nessa narrativa, no entanto, se entrelaçam diversos elementos e valores constantemente expressos no cotidiano da prática varzeana e que remetem tanto à história dessa modalidade em São Paulo, de seus clubes, campos e personagens, quanto à sua continuidade.

Central a essas representações é a figura do *abnegado*, que dá jeito para aterrar o terreno, construir os vestiários, as áreas sociais e os banheiros, que faz rateio e tira do próprio bolso para pagar a gasolina, as televisões e os uniformes exigidos pelos comandantes da Aeronáutica, que conseguiu manter seis campos nas adjacências da região central da cidade quando tantos outros desapareceram.

Os *abnegados* se fazem necessários em um contexto no qual o Estado delega a responsabilidade pela infraestrutura urbana, pelos equipamentos de lazer e esporte, aos grupos sociais interessados. Se o “arranjo inseguro de posse” (Rolnik, 2015) produz um campo indeterminado de negociações extrajudiciais entre agentes estatais e varzeanos, seu outro efeito é a autoconstrução levada a cabo por *abnegados*, comprometidos em construir e manter o futebol. Neste sentido, mais uma vez, a história do complexo de campos, da várzea paulistana e de seus personagens se aproxima do processo social pelo qual se construíram os bairros periféricos e suas moradias em São Paulo.

À beira da dissolução ou lutando contra o fim: os abnegados da várzea

A várzea só sobrevive por conta de meia dúzia de *abnegados*. Essa é uma afirmação constantemente repetida por varzeanos, sobretudo os mais velhos, que explicam a continuidade dessa prática na cidade de São Paulo pelo sacrifício e esforço de alguns de seus membros. “Pessoa que gosta e corre atrás, que faz a diferença”, “que tira da mesa pra ajudar o time”, “que cuida e tá sempre ali regando”, “que põe de volta o clube pra cima”, “que fazem do coração” sem qualquer tipo de interesse financeiro, o abnegado é uma figura central, nessa narrativa, para a existência do futebol de várzea, sendo responsável pela fundação dos clubes, autoconstrução dos campos, manutenção da equipe, agendamento dos jogos. O que não se dá sem custos; pelo contrário, como o próprio termo denota, são personagens que abrem mão de projetos pessoais para se empenhar pelo time, o que, muitas vezes, traz conflitos com a família, representada, nas narrativas varzeanas, na figura da esposa que “não entendem o que tanto vocês fazem lá”²⁴.

A várzea funciona assim, todos os times de várzea funcionam assim: tem aqueles abnegados. Os caras diretores dos times de várzea são abnegados. Tem cara que tira da mesa pra ajudar o time dele porque é uma questão de amor, amor pelo time. Não digo que os times profissionais (profissional de várzea Otacílio se refere, aqueles que pagam seus jogadores) não tenham amor; tem amor, tem um bocado do time de várzea (profissional) que o cara faz loucura inimaginável pra pôr o time dele pra jogar, pra ser campeão. Então, a várzea funciona assim.. É o pessoal que faz parte da várzea. Porque se a várzea entrou em você, não sai (...) Faz parte da essência do cara. A várzea é imortal por causa disso. Todos os clubes aqui, cada um tem história de vida: aqui, tem um cara que já morreu há muito tempo; depois dele, vem outro e outro e vem outro. Tem time aqui que tem 70 anos e teve um fundador lá atrás e o time foi, foi... Os times que não tiveram essa abnegação, morreram. Morre muito time de várzea. Porque morre, porque se não tiver os abnegados que se sacrificam pra várzea continuar, morre. Isso vai ter sempre na várzea: vai ter sempre os abnegados (Entrevista de Otacílio para o Museu do Futebol).

Peça indispensável para o funcionamento do futebol de várzea, o *abnegado* atravessa até mesmo as fronteiras simbólicas desse universo, existindo tanto nos clubes ditos pertencer a uma várzea *amadora* quanto na *profissional*, na narrativa dos veteranos. Otacílio explica, nesse trecho de entrevista, como cada time tem, em sua história, *abnegados* que se sucedem ao longo do tempo. E se é por isso que alguns completam 70 anos, outros não conseguiram

24 Trechos de entrevistas concedidas por varzeanos para o projeto que desenvolvi junto do Museu do Futebol de preservação da memória do futebol de várzea por meio da história oral.

sobreviver e morreram por não existirem figuras comprometidas a se sacrificar por esse projeto coletivo.

Ou seja, por mais que os varzeanos, como é o caso de Otacílio, precisem lidar em suas trajetórias com a ameaça de despejo, o fim de seus campos e a falta de apoio dos poderes estatais, esses conflitos não são nem mencionados em suas explicações. Não se trata, no entanto, de uma suposta ignorância dos varzeanos sobre as dinâmicas urbanas como uma análise apressada poderia considerar. O fim da várzea associado ao desaparecimento dos campos é, inclusive, anunciado constantemente no dia-a-dia dos varzeanos, seja nos jogos, em conversas particulares, em lembranças ou boatos.

Mas, como fica explícito em sua fala e em muitas outras, não se trata de um pessimismo fatalista ou paralisador. Muito pelo contrário, na narrativa de Otacílio, está implícita uma compreensão resiliente do mundo social de que as muitas dificuldades postas pela vida podem ser superadas com abnegação pessoal. Elemento presente não apenas em sua fala; na verdade, o que a experiência compartilhada por esses varzeanos, moradores das periferias em uma São Paulo em expansão, é de que não há muita escolha: como lembra mesmo Otacílio, “naquela época”, referindo-se aos anos de 1950 e 1960, período de muitas dificuldades e privações, “não tínhamos lazer algum” a não ser os campos de várzea. Neste sentido, se, nas lembranças desses varzeanos, não está posta a noção de “direito” não é por desconhecimento, mas pelo reconhecimento de como esse universo conseguiu se erguer e se manter em meio - e não em oposição - a deslocamentos, transformações e expulsões.

A abnegação marca, assim, desde a fundação dos clubes, autoconstrução dos campos e negociações com agentes estatais até sua manutenção cotidiana com tarefas das mais diversas, como conseguir uniformes, agendar jogos, resolver conflitos internos e com outras equipes, ajudar membros com dificuldades, organizar transporte, entre outros. Essa figura ocupa, portanto, um papel central no universo varzeano de São Paulo por resolver, dentro de seu clube e no campo varzeano como um todo, muitas das questões impostas pela política do Estado de não proporcionar o direito ao lazer e ao esporte, assumindo, por um lado, as vezes de instância auto reguladora, e por outro, de provedor de infraestrutura e mediador de interesses.

E é exatamente por se desenvolver em uma dinâmica urbana e social marcada pela transitoriedade e não garantia, pela mudança e ameaça constante, dos campos que desaparecem do dia para noite, dos times à beira da dissolução pelo fim do bairro que os

conecta ou pelo deslocamento de seus jogadores, que o futebol de várzea envolve não apenas abnegação como também é experienciado em um regime de temporalidade presentista e urgente. A seriedade e o compromisso, valores a partir dos quais são classificadas as práticas abnegadas, se estendem, no momento do jogo, a todos os varzeanos como postura exigida dentro de campo.

Assim, apesar de nem todos serem *abnegados* ao ponto de carregar um clube nas costas, em certa medida, certo grau de comprometimento com o clube é sempre cobrado. Muitos varzeanos encaram as partidas de seu clube como um compromisso sério, quase como uma obrigação, o que é, muitas vezes, difícil de explicar para as mulheres, namoradas e amigos de fora desse universo, e aqueles, dentro do time, que não cumprirem com essa expectativa, são questionados e ironizados.

“Se a várzea entrou em você, não sai”, explica Otacílio ao se referir “ao cara que se não vier no sábado ou no domingo, acha que perdeu a semana”. Passa a fazer parte de sua essência, dizem os varzeanos mais antigos em tom de ensinamento. De fato, como jogador, é assim que experimento esse universo. Expressão de um presentismo fundamentado em experiências compartilhadas e memórias narradas de um passado não tão distante, mas sempre possível, de clubes e campos que acabaram do dia para a noite, articulado a uma sensação de urgência e, portanto, de compromisso, de não deixar essa história se repetir.

É dessa articulação de valores e regime que surgem as trajetórias de *abnegados* que vou abordar neste capítulo.

“Quem fez isso aqui foi o amor pelo clube”: os abnegados da autoconstrução

“O que foi combinado será cumprido” dizia o telegrama enviado dos Estados Unidos no final dos anos 1970. A mensagem, vinda de um político recém-eleito com o apoio do Cruz da Esperança, significava que o campo do clube iria sair da promessa. Dizia-se que o político era sobrinho de um comandante da Aeronáutica, o que facilitaria o processo de negociação da concessão de uso no terreno vizinho ao campo do Sade dentro do Campo de Marte. Em pouco tempo, um novo recado. Antes de qualquer coisa, o Cruz da Esperança deveria se responsabilizar por construir uma cerca que revestisse toda a área, para além do espaço necessário para a construção do campo. Bem como acontecera com o clube da Sade, que teve que construir um portão de acesso e também cerca a área, a preocupação da Aeronáutica com

o controle do terreno parecia fator fundamental para a permissão de seu uso para a prática esportiva.

Maurinho, ex-jogador responsável por reerguer o clube nos anos 1970, junto de outros membros do Cruz se encarregaram de fazer essa cerca com suas próprias mãos. Ao rememorar o fato em uma entrevista para essa pesquisa, surge a lembrança do afeto que seu pai mantinha por um alicate, que fora tomado emprestado – e perdido – por Maurinho na feitura da cerca. “Você vai arranjar outro de qualquer jeito! Esse era de estimação”, conta ele, reproduzindo a bronca de seu pai tantas décadas depois.

Alguns membros conseguiram negociar o direcionamento caminhões de terra das obras de construção do complexo viário da Barra Funda para aterrar o campo, como mencionado anteriormente, mas e para adequar essa terra, fazer a terraplenagem que permitiria a instalação do campo de jogo, das traves, a construção dos vestiários, bares?

Para isso, mais uma vez, atuou a capilaridade das redes sociais que se entrecruzavam no Cruz da Esperança, bem como o contato com personagens da política que foram fundamentais na autorização adquirida do espaço para o campo. Frederico Buccini, presidente do clube na época e funcionário da prefeitura, conseguiu facilitar a intermediação com o departamento que cuidava do maquinário de obras pertencente ao poder municipal.

Maurinho conta que ele, Tengo e Danubio tiraram dinheiro do próprio bolso para pagar o combustível necessário para o funcionamento da máquina. Conciliando com o seu expediente como chaveiro, na região central da cidade, no bairro de Santa Cecília, Maurinho dava um jeito de se fazer presente no dia-a-dia do que ia se transformando no campo do Cruz. Todos os dias se encontravam para reunir a quantia necessária para o funcionamento do trator, bem como tratar de outros gastos como, por exemplo, a conta semanal em um bar vizinho ao terreno, que servia a refeição para os envolvidos na obra.

Fotos cedidas pelo Cruz da Esperança mostra início de seu campo, com equipamentos sendo construídos

A história do campo do Baruel, no início da década de 1980, não é muito diferente. Os vestiários, o bar, a cobertura da área social, os muros e cercas para revestir o campo de jogo, foram sendo construídos aos poucos, em um ritmo guiado pelas possibilidades e pela ação de seus *abnegados*, em uma já mencionada demanda de autoconstrução a que o Baruel, já há décadas organização referência na sociabilidade e lazer no bairro, precisava recorrer para

conseguir erguer um novo campo de futebol. Um processo guiado sob a égide das negociações, onde os agentes do Estado apareciam em vários papéis, menos como provedores de direitos.

Foto cedida pelo Baruel mostra interação durante construção

Se, como reflete Spaggiari (2015), “ter um campo próprio e a sede própria – tal como a construção da casa própria – aparecem como símbolos de luta dos futebolistas”, a própria maneira de conceber esses espaços também guardam verossimilhança com a forma pela qual as moradias surgiram nos bairros populares de São Paulo. Relatos que realçam mobilizações, articulações e sacrifício, bem como autofinanciamento, mutirões e conquistas por meio de alianças e de relações de coleguismo e amizade, são elementos corriqueiros aos processos de ganho e manutenção desses espaços. Essa maneira de conquistar e edificar os espaços dos campos, marcados pela ação de luta de pessoas e coletividades, culminam também em uma determinada maneira de ser e de se relacionar com esses espaços. Em certo nível, nenhuma construção existente em um campo de futebol de várzea é alienável.

Enquanto que para quem não é familiarizado com esse universo, entrar em um campo de várzea pela primeira vez certamente provoca um estranhamento em relação ao que o compõem e a maneira pela qual se organiza; para quem faz parte desse universo, é possível

facilmente o reconhecimento de um conjunto de elementos comuns a diferentes campos de várzea que trazem alguma familiaridade mesmo em um local nunca antes visitado²⁵; para os envolvidos diretamente na luta pela conquista e manutenção de um determinado campo de futebol de várzea, tudo que ali existe carrega uma história.

Não à toa, na entrevista com Maurinho, ele não se recordava apenas da cerca construída com o alicate de seu pai, ou do campo que só existiu graças ao combustível que alimentou o trator e que foi pago por ele e seus companheiros. Mas exaltava também os primeiros muros e alambrado que cercaram o campo recém-demarcado, construídos pela empresa de Antônio Leite; a posterior chegada do piso da área social, que o Brito mandou fazer; bem como a primeira cobertura dessa área, que o vento levou, doada pelo Valter, então presidente da escola de samba Unidos do Peruche; a rifa de um fusca que o Danúbio conseguiu na agência em que trabalhava.

E conversar com outros personagens que formam o Complexo de Campos de Futebol do Campo de marte, envolvidos diretamente na luta pela construção e manutenção de seus campos, também é deparar-se com essas referências que entrelaçam pessoas e coisas. Toda a edificação conjugada ao campo de futebol da SADE só foi possível graças a ação do sogro do

25 Como, por exemplo, a existência de um bar e a centralidade que esse ocupa na organização do local. É para lá que normalmente se deve dirigir para obter informações sobre o responsável pela equipe adversária, onde se retira a chave do vestiário, normalmente mediante a retenção de um documento de uma pessoa da própria equipe, se obtém informações de possíveis horários de locação disponível do campo, realização de torneios, festivais, etc.

presidente Edson Sena e de Xangô²⁶, responsável antigamente pela manutenção do campo; a mureta do campo do Baruel, obra de Carlitos, do time Camorra, que mandava seus jogos nesse local; os vestiários e grande parte da estrutura do campo do Veteranos Unidos Paulista, construídos graças à atuação de Lalo, antigo presidente do clube, que na época em que foi sócio de uma construtora conseguiu os materiais de construção para estruturar o campo; entre tantos outros exemplos. Ou até mesmo no que parece anterior à ocupação desse terreno pelo futebol de várzea, como parte de sua vegetação, a ação dos varzeanos do Campo de Marte se faz presente: é comum um varzeano apontar para determinada árvore e contar que ele a plantou anos atrás; ou até se deparar com uma pequena plantação de mandioca, melancia, feijão, etc.

A manutenção do próprio terreno do campo de jogo, quando se trata de um campo de terra ou gramado, também é dirigida pelos varzeanos a partir de conhecimentos que vão sendo testados, improvisados e transmitidos. Saber a quantidade certa de areia e terra para tornar um campo mais macio, menos irregular e mais preparado para as chuvas ou as várias maneiras de lidar com um campo com poças, de abrir uma pequena canaleta para ajudar a água escoar até a passear dentro dele com um carro arrastando pelo guincho algum um suporte pesado para evitar que na decorrência de uma partida disputada em um campo enlameado a terra seque irregular por conta das pisadas dos jogadores que se digladiaram no terreno. Ou ainda nos discretos mas incontáveis mutirões onde varzeanos e caseiros, munidos de pás e enxadas detectam e tentam resolver as imperfeições do campo. E mesmo em campos instalados em terrenos da prefeitura, que contam com verbas municipais, as conquistas e melhorias também são atribuídas a mobilização e a articulação dos varzeanos.

Toda a construção, o bar, a área social, o campo, os banheiros e vestiários, tudo, conclui Maurinho, “foi o amor pelo Cruz que fez”. “E quer saber de uma coisa”, pergunta ele, “tem cara que deixa de comer, tem cara que já perdeu a mulher por causa do clube. Eu mesmo perdi 3 esposas”.

26 Apelido de Deoclécio Martins da Silva, ex-funcionário da SADE que quando se aposentou acabou indo morar na Praça Centenária, no bairro da Casa Verde. Acolhido pelo time de futebol da SADE, assumiu a função de caseiro do campo por vários anos. Faleceu em 1995 e ainda hoje é lembrando pela SADE: o campinho de areia da agremiação, ao lado do campo gramado, é batizado em sua homenagem.

Samba, política e futebol: o abnegado que articula a luta

Olha, isso vem... Desde que viemos pra cá, já se ouvia falar nisso (ameaça de ter que deixar o espaço). Eu cheguei em uma ocasião, com o presidente da escola de samba Unidos do Peruche, o falecido Waltinho, que era muito amigo meu, chegamos a colocar a escola de samba aqui na (avenida) Braz Leme em um domingo. Fechamos a Braz Leme e colocamos a escola de samba, com faixas “querem acabar com a única área de lazer”. E a Gazeta da Casa Verde, que o Martiniano, dono da Gazeta, é amigo meu, veio e fotografou, colocou manchete, mandamos para Aeronáutica... E aquilo repercutiu de uma forma violenta...²⁷.

O episódio narrado por Lalo, quando questionado sobre a primeira vez em que os clubes se sentiram ameaçados para deixar a área dos campos de várzea do Campo de Marte, teria acontecido, segundo suas lembranças, na década de 1990. Embora não se recorde da data exata, cruzando os indícios disponíveis, é bem provável que essa paralisação da Braz Leme, juntando os varzeanos do Campo de Marte com o apoio da Unidos do Peruche, tenha ocorrido entre os anos de 1994 e 1995. Nesse período, novas resoluções na longa disputa judicial entre a Prefeitura de São Paulo e a Aeronáutica, colocaram os clubes sob ameaça.

Em 1 de junho de 1994, saiu a sentença de mais um episódio da longa disputa judicial entre a Prefeitura de São Paulo e a União pela posse do terreno do Campo de Marte. O juiz Dagoberto Loureiro expediu, em 3 de junho de 1994, um ofício endereçado aos clubes, solicitando a desocupação da área em até trinta dias. O conteúdo desse documento surpreendeu os varzeanos, já que esperavam um chamado para renovar o contrato que autorizava a presença deles no espaço. A última assinatura havia sido feita em 1989, com validade renovável por cinco anos.

No entanto, alguns dos varzeanos mais antigos do local apontam que um tipo de atuação política de caráter mais público e constante teria se consolidado apenas com a fundação da Sociedade dos Clubes Mantenedores do Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte, em 2009, entidade que reúne cinco²⁸ dos seis clubes que mantêm seus campos no terreno.

A iniciativa de criar a associação partiu de uma pessoa que não era ligado diretamente a nenhuma dessas agremiações, embora fosse um velho conhecido, “...uma dessas pessoas

²⁷ Entrevista gravada com Nelson Barbosa, o Lalo, junto com o Museu do Futebol em 03/02/2018.

²⁸ Apenas o Aliança da Casa Verde, último clube a se instalar seu campo, decidiu não fazer parte da associação.

*ativas do bairro... ”*²⁹. Na definição de Edson Sena, “*um abnegado, uma dessas pessoas que gosta e vai atrás...*”, cuja trajetória, brevemente narrada a seguir, marcada pela atuação em diversos grupos populares da região norte de São Paulo, ajuda a compreender a legitimidade que possuía para exercer esse papel de articulador e mediador dos clubes varzeanos e de suas diferenças, bem como a possibilidade de conduzir um movimento de luta para além dos espaços do Campo de Marte.

Otacílio Ribeiro nasceu em 1950, no Parque Peruche, *terra de sambistas e esportistas*, como gosta pontuar, local que para se criar tinha que ser bom de samba, bom de bola e bom de briga – ou pelo menos muito bom em um desses. Veio com a ajuda de Dona Teresa, parteira do bairro, que diziam trazer sorte na vida dos que chegavam ao mundo pelas suas mãos. Seu pai, vindo do norte de Minas Gerais, nessa época trabalhava com um caminhãozinho no extinto Largo da Banana, no bairro da Barra Funda, local para onde Otacílio se mudou aos três anos de idade, quando seu pai teve que sair do Parque Peruche pra viver no local de seu novo emprego: foi ser zelador do campo do Grajaú, um dos grandes times de futebol de várzea da época.

Foi, então, no campo do Grajaú da Barra Funda, onde hoje está construído um prédio do Hotel Íbis, que Otacílio passou os seus dias até os dez anos de idade. Em casa, jogava bola e ajudava seu pai a fazer as riscas de marcação do campo. Nadava nos arredores do Tietê; e quando chovia, não perdia a oportunidade de ajudar um de seus irmãos - apelidado de *Tarzan* - a recuperar as bolas de futebol que os times varzeanos haviam perdido para o rio. Nos finais de semana, então, passavam pelos campos vendendo as bolas resgatadas do rio e, com o dinheiro que conseguiam, podiam frequentar o cinema³⁰.

De volta ao Parque Peruche com dez anos de idade, Otacílio logo iniciou sua trajetória nas práticas que aparecem em sua narrativa como pilares da identidade do bairro: o samba e o futebol. Em 1962, desfilou pela primeira vez junto com a Unidos do Peruche no Parque do

29 Fala de Edson Sena na entrevista gravada junto com o Museu do Futebol.

30 Otacílio, em entrevista gravado com o Museu do Futebol, se refere ao extinto Cine Paris, que ficava na rua Barra do Tibagi, no Bom Retiro, bairro vizinho a Barra Funda. Varzeanos veteranos de outras regiões da cidade também apresentam narrativas semelhantes que articulam lembranças sobre a forma com que na infância se relacionavam com a cidade – e suas exuberâncias naturais de então – retirando com astúcia maneiras de acessar lugares como os cinemas. Em outra entrevista gravada no contexto dessa pesquisa em parceria com o Museu do Futebol, Eduardo Pascali, ex-jogador do Esporte Clube Real da Vila Mariana e do Esporte Clube Guanabara, se recorda da tática de apanhar frutas na região do parque Ibirapuera e revender nas feiras livres do bairro. Também cresci ouvindo meu avô contar sobre como retirava uma espécie de barro e argila do córrego Cassandoca, na Mooca, para fazer bonecos de argila que pintava e vendia.

Ibirapuera, onde sagraram-se campeões do carnaval de São Paulo – escola de samba no qual se tornaria presidente em 2013. Na mesma época, quando já trabalhava como office boy na região leste da cidade, fundou o seu primeiro clube de futebol de várzea, junto com a molecada do bairro que se encontrava na esquina. Formavam um *time de esquina*³¹, antes de conseguir o primeiro fardamento do clube, pago por Éder Jofre, nessa época já campeão mundial de boxe e ainda morador no bairro³². Se tornaram o Alviverde do Parque Peruche, em referência às cores do uniforme com que foram presenteados. Junto com o Alviverde, então, Otacílio tomou parte da experiência comumente relatada do que era vivenciar o futebol

31 Termo que também ouvi de outros varzeanos veteranos, como Maurinho, que na entrevista gravada com o Museu do Futebol o utiliza para se referir a condição que o Cruz da Esperança se encontrou após ter deixado de receber o suporte financeiro e logístico de seu grupo de fundadores e apoiadores – o que parece ser usado para indicar a classificação de um arranjo mais simples, sem uma vida associativa ampla, sede social, etc, que mobilizava a participação de um grupo mais restrito de amigos e colega. Se, como já foi falado, os laços de pertencimento a uma dada localidade se constituem como a maior referência a fundação dos times de várzea ao longo desse fenômeno na cidade de São Paulo, existem ainda dentro desse contexto uma série de elementos nessa relação de representação entre localidade-times/clubes de várzea de grande complexidade. Trabalhos de referência sobre o futebol de várzea em São Paulo, como os de Diana e Enrico Spaggiari, que focaram ou partiram de determinadas equipes que alcançaram prestígio e reconhecimento, o Anhanguera da Barra Funda e o Botafogo de Guaianazes, respectivamente, demonstram isso. Ambas, como os autores demonstram, não eram e não são os únicos times de futebol de várzea de Barra Funda e Guaianazes, longe disso, embora esses tenham alcançando o status de conseguir representar simbolicamente esses bairros em importantes contendidas contra equipes fundadas em outras localidades com futebol de várzea – o que só conseguiam, em um movimento dialógico, pela suas capacidade de se articular e mobilizar em redes de relações mais amplas. A existência de sócios residentes em outros bairros desde os primeiros anos de existência do Anhanguera – como aparece no anexo do trabalho de Diana – e a maneira do Botafogo buscar jogadores para montar seus times em outros bairros e cidades próximas – como Spaggiari apresenta – entre diversos outros exemplos, dão os indícios desse movimento dialógico em que para representar bem o bairro é preciso *rodar* – expressão êmica mobilizada por Spaggiari – pela cidade. Os times de esquina parecem se referir a times cujo alcance organizacional se dão mais pela ordem de um *pedaço*. Atualmente, na várzea, uma expressão similar a time de esquina que ouço bastante, é a de time de amigos, que denotam equipes que não fazem grandes investimentos para figurar nos maiores torneios de várzea – onde pagam altas taxas de inscrição, trazem jogadores de fora, por meio de remuneração financeira, etc.

32 Otacílio se lembra de juntar-se com seus amigos na frente da casa da família de Éder, onde seu pai e treinador, Kid Jofre, passava o dia encerando um carro Chevrolet preto, para *enche-los* para que o campeão mundial de boxe os presenteariam com um jogo de uniformes para o time que recém fundavam. É possível compreender esse gesto de Éder Jofre dentro da perspectiva dos dons e contradons entre futebolistas profissionais analisadas por Damo (2007), utilizados também por Spaggiari (2015); nesse caso, uma retribuição caso a laços de pertencimento mais amplos que os familiares, alcançando a molecada do bairro. Emblemático, nesse sentido, é uma das falas de Éder Jofre no documentário “Quebrando a Cara”, de 1980, Ugo Giorgetti, quando conta o que passou pela sua cabeça nos dez minutos antes de subir ao ringue para a então luta mais importante de sua carreira, em 1960, em Los Angeles, Estados Unidos, contra o mexicano Jose Medel, válida como preliminar de uma inédita disputa de título mundial. Deitado no vestiário, Éder pensou no Parque Peruche. Recordou de sua infância, de jogar bola, correr atrás de balão; lembranças afetivas que o convidavam a refletir sobre o tão longe havia chegado e poderia ir – “*caramba, olha eu aqui, um cara do Parque Peruche, um brasileiro do Parque Peruche...*”.

de várzea nessa época, conjugando aprendizados: percorria a cidade de caminhão para jogar bola, ocasião em que conhecia novos campos, pessoas e lugares; ao mesmo tempo em que ajudava na organização da sede social do clube, instalada em um salão alugado no bairro, onde realizavam bailes e festas.

A partir do final da década de 1960, Otacílio começou a se envolver ativamente nos movimentos políticos do bairro, através da Sociedade Amigos do Bairro do Parque Peruche (SABAPPE) e, posteriormente, também em partidos políticos como o PCB, o *partidão*, que seu irmão fazia parte, e do PC do B, onde ainda hoje é figura atuante. Foi da experimentação de um cotidiano permeado pela luta por melhorias na infraestrutura do bairro, bem como pelo estigma de ser morador de um dos bairros considerados mais violentos da cidade na época, que forjou sua identidade política: “*comunista desde moleque*”³³, quando a Força Pública entrava no Parque Peruche e levava ele e seus amigos da esquina, enquanto conversavam sobre os lances da última partida na várzea e as expectativas para a próxima. Mesmo providos da carteira de trabalho e de estudos assinadas que levavam em seus bolsos, iam parar na delegacia mais próxima - onde logo eram liberados -, ou então eram largados pela Força Pública nas regiões mais afastadas da zona norte, onde ainda era *tudo mato*, e de onde tinham que voltar pra casa em uma longa caminhada que alcançava as madrugadas. “*O cara que nasce no Parque Peruche e não é comunista; é ser burro, né?*”, diz ele.

Dessa época de sua juventude até o momento em que o encontrei no Complexo de Campos, Otacílio seguiu costurando uma trajetória que amarra o futebol de várzea, o samba e a política. Com o fim do Alviverde do Peruche, participou da fundação dos Dragões da Casa Verde, no início da década de 1970, clube que jogou e foi presidente por mais de quinze anos, além de ter atuado por outros times com menos envolvimento. Organizou também um time de futebol de várzea da SABAPPE e as categorias de base dos Dragões, com as quais rodava pela cidade. No samba, além de ter chegado ao posto de presidente da escola Unidos do Peruche, manteve-se ao longo desse tempo envolvido também com outras agremiações e blocos carnavalescos da região³⁴. Na política, a longa militância iniciada no Parque Peruche – que depois se estendeu para outros bairros da zona norte de São Paulo -, o levou a se

33 Afirmou na entrevista gravada para o Museu do Futebol – como costuma declarar sempre que tem a oportunidade - quando surgiu o tema de política e perguntei sobre a influência que sua experiência de militante exerciam no seu papel de liderança na luta pela manutenção dos campos de futebol do Campo de Marte.

34 No carnaval de 2019, Otacílio será, inclusive, homenageado como o tema do desfile da bloco carnavalesco Brás Pereira Banda Show, fundado em 1989 no bairro do Imirim.

candidatar a vereador, nos anos 2000; concomitantemente, prosseguiu encapando lutas e atuações de longa data, como o movimento para a criação de um parque público em uma área arborizada com mais de 60 mil metros quadrados no Parque Peruche, que fundou em 1982, junto com outras pessoas do bairro, e que hoje segue na ativa, junto a Redes Novos Parques, articulação que envolve movimentos pela criação de parques públicos em diferentes locais da cidade de São Paulo.

Por mais que seja possível categorizar essa pluralidade de envolvimento de Otacílio, as agrupando e apreendendo de forma separada, em sua trajetória, elas aparecem constantemente entrelaçadas: por exemplo, em festivais e campeonatos de futebol por ele organizados, onde os times participantes posam para fotos de divulgação carregando faixas com mensagens de lutas por determinados espaços de lazer; ou também na sua atuação em ajudar os times de várzea materialmente - ele calcula que já fez cerca de 500 fardamentos para times de várzea, bem como troféus - e juridicamente - orientando nos encaminhamentos para a luta pela existência e melhorias em campos, regularizando e assinando estatutos, graças a sua formação e atuação como advogado; ou ainda no desfile de carnaval de um bloco carnavalesco pelas ruas do Parque Peruche, ocasião em que convidou um representante de luta pelo Parque Augusta, na região central da cidade, pra fazer uma fala no microfone; e mesmo na possibilidade que sempre mantém viva, de que, caso o poder público adote uma postura contrária à luta dos clubes de várzea do Campo de Marte pela sua permanência nesse espaço, organizaria um desfile-manifestação com a presença das baterias das escolas de samba da região. É como se cada uma dessas práticas se conectasse a outra por meio de sua figura.

Foram muitos os momentos nos quais Otacílio, ao me explicar as dinâmicas do complexo de campo, reclamou das brigas e divisões entre os times que dividem o extenso terreno com o mesmo propósito de jogar futebol de várzea. Segundo ele, os conflitos remontam a pequenos conflitos: “tem cara que não se fala porque há 50 anos um deu um pontapé em não sei quem ou brigou com não sei quem lá”. Daí sua dificuldade em construir ações conjuntas.

Se cada clube remonta um pequeno universo do futebol de várzea em seu campo, Otacílio é a figura articuladora de todo o complexo. Secretário da associação dos times sem ser vinculado a nenhum deles, liderança comunitária do Parque Peruche - terra de sambistas e esportistas, como gosta de dizer -, filiado ao Pc do B e com conexões políticas muitas vezes acionada, ex-candidato a vereador e ex-presidente da escola de samba Unidos do Peruche, onde mantém

influência até os dias de hoje, advogado, aposentado dos terrões por conta de uma lesão no joelho, perceptível em seu andar suavemente coxeado, ex-jogador de mais de quarenta times de várzea da região. É difícil descrever a extensa trajetória de Otacílio, mas por meio dela pode-se vislumbrar como chegou a posição atualmente ocupada de liderança, sendo chamado para apartar momentos de tensão e brigas durante os jogos. Seus papéis são sempre de muito prestígio e relevância para o universo dos campos dali: mesário que organiza súmula de partidas, responsável pela tabela de torneios e entrega de troféus, organizador de diversas atividades que visam agregar os clubes, como alguns torneios de veteranos entre as equipes, que mais se assemelham a encontros de turmas do passado. Enquanto a maioria dos frequentadores, regulares e ocasionais, costuma ficar no espaço de um dos campos, o trajeto comum de Otacílio todos os finais de semana reflete o seu papel de articulador.

Otacílio, com sua habitual boina branca, caminha para dentro de campo para entregar os troféus em final de torneio dos veteranos

Não que isso seja alguma novidade, a estreita ligação entre o futebol de várzea, o samba e a política, longe disso³⁵. O que trago para o caso concreto da atuação de Otacílio na luta pela permanência dos Campos de várzea do Campo de Marte, nesse caso, é a maneira como esses saberes e filiações, responsáveis pela articulação dos clubes em uma associação e um movimento de luta, precisam ser mobilizados no momento certo... o que define como ter *picardia* - uma forma de conhecimento e atuação de um desses personagens que conectam

35 Nenhuma novidade pela literatura que tratou do tema (Fontes e Hollanda, 2014; Spaggiari, 2009 e 2015; Silva, 2013), muito menos para quem convive nesses universos.

esses universos, seus conhecimentos, sempre situacionais, sobre como agir e mediar interesses e atores diversos.

Entre expulsões e deslocamentos: o abnegado que não deixa o clube morrer

“Esporte Clube Guanabara, 1965”. A data estampada no distintivo do time adversário atraiu minha atenção. Enquanto ainda estava em campo jogando como zagueiro, as perguntas de pesquisador tomaram conta: de que bairro é essa equipe tão antiga? Como chegaram até o campo do Aliança da Casa Verde, dentro do Complexo de Campos do Campo de Marte, 51 anos depois de sua fundação?

“Parece que era da zona sul, mas agora joga aqui na zona norte, não sei direito pai, procura lá fora depois o Sobrinho que organiza o time”. Essa foi a resposta de um dos jogadores do Guanabara em campo a essa pergunta tão comum nos encontros entre desconhecidos no futebol varzeano de São Paulo, mas que ele não sabia me responder ao certo. Ao final da partida, já na área social do bar do campo, me apontam na direção de um senhor alto, magro, cabelos bem penteados para trás. Sobrinho, apelido que Francisco recebeu quando se envolveu com o E.C Guanabara por intermédio de seu tio materno, logo me explicou que o time foi fundado nas imediações do extinto Largo Guanabara, na Vila Mariana, região centro-sul de São Paulo. Com a desapropriação do terreno onde se localizava o seu campo de jogo, ainda no final da década de 1960, o clube passou a circular por diversos espaços da cidade até se estabelecer no campo do Aliança nos anos 2000. Diante do meu interesse pela história de sua equipe, parecia ter uma narrativa pronta, na ponta da língua, como alguém que parecia contar há tempos essa história.

Pode-se dizer que apesar de uma trajetória de mais de cinquenta anos jogando futebol todos os finais de semana em algum campo de terra da cidade, o E.C Guanabara não é uma equipe reconhecida atualmente e nem possui muito prestígio no chamado futebol de várzea de São Paulo – universo no qual as maiores agremiações, parte da chamada “elite da várzea” (cf. Spaggiari, 2015), inclusive, consegue levar mais torcedores aos seus jogos que alguns dos pequenos clubes do futebol profissional da cidade. O Guanabara sobreviveu ao tempo, às transformações no espaço urbano que culminaram no fim de vários campos de futebol de várzea, em grande medida, pelo empenho de Sobrinho em manter a equipe viva.

Desse primeiro encontro com o Guanabara, surgiu um interesse analítico pela trajetória da equipe. Ao me contar sobre o passado do Guanabara, Sobrinho fez referência a tantos

campos, lugares, situações e mudanças, que era praticamente impossível apreender e tentar ordenar tudo aquilo que escutei. Ficaram fragmentos que me faziam pensar: largo Guanabara extinto; fim dos campos de futebol de várzea; e a persistente continuidade do time, circulando pela cidade para existir. Como isso havia sido possível? Em um sentido amplo, que comporta tanto uma ordem mais prática, que desvela caminhos, relações, formas de organização, táticas e estratégias desse universo para achar outros espaços, repor jogadores, quanto nos significados mobilizados pelos componentes da equipe para dar continuidade a essa história?

De um clube varzeano com campo e sede social própria, que serviam de ponto de referência a sociabilidade local, até a transformação em um time de “11 camisas” (Miskiw, 2012) em outra zona da cidade, o Guanabara pode perpetuar ao longo do tempo prática profundamente relacionada às dinâmicas e processos urbanos, o fim de seus espaços, formas de organização e personagens.

O futebol de várzea entrou relativamente tarde na vida de Francisco Alexandre Neto. No ano de 1966, com pouco mais de 20 anos de idade, Francisco se mudou de Santo Amaro, bairro na zona sul de São Paulo, para a região da Vila Mariana, mais próxima ao centro da cidade. Até então, o futebol era apenas uma atividade esporádica em sua vida, quando “batia uma bolinha” ocasionalmente. Seus interesses, até então, dividiam-se entre os cavalos, especialmente com vistas a participação anual na tradicional romaria para Pirapora, e os barcos e veleiros recreativos na represa de Guarapiranga. Recém-chegado ao novo bairro, se sentindo deslocado com a mudança, Francisco foi, então, incentivado por seu tio – morador da Vila Mariana de longa data – a frequentar os jogos de futebol de seu time no campo do bairro. O Olimpicus do Paraíso, posteriormente refundado como E.C Guanabara, possuía em sua escalação diversos ex-jogadores profissionais. Francisco se recorda que a equipe “era um timaço, tinha o Bitola, que jogou no São Paulo FC e fazia dois ou três gols de bicicleta por jogo – eu não tinha espaço pra jogar, brincava só quando o adversário faltava”³⁶. Além das pessoas do bairro que faziam dos jogos do Guanabara e de seu campo um ponto de encontro, Francisco, que nessa mesma época recebeu o apelido de Sobrinho, se recorda dos caminhões que vinham de vários cantos da cidade, trazendo em sua carroceria jogadores e torcedores que desafiavam o E.C Guanabara e demais clubes de futebol do bairro³⁷ aos finais de semana.

36 Entrevista realizada em setembro de 2017

37 A imagem do caminhão como transporte das equipes e torcidas, circulando pela cidade aos finais de semana, é comum nos relatos e narrativas a respeito do futebol de várzea dessa época.

Participando ativamente da vida social do E.C Guanabara, que incluía, além das partidas de futebol, a convivência no bar da sede social do clube, instalado em uma casa sobrado alugada no mesmo bairro, Sobrinho, já no ano de 1967, testemunhou o fim de uma era: tanto o campo de jogo da equipe, localizado na confluência das ruas Tomás Carvalhosa e Oscar Porto, bem como o Largo Guanabara, referência espacial do bairro, foram destruídos. A prefeitura de São Paulo desapropriou esses locais para a construção de parte da avenida 23 de maio, que liga o centro da cidade a parte da zona sul, chegando até o Aeroporto de Congonhas, e para início das obras da primeira linha de metrô da cidade.

São Paulo Passado/ crédito - antes (1958) e depois (2010) do Largo da Guanabara

Foi um fim abrupto. Sobrinho caminhou até o campo, como já se tornara habitual, e se deparou com as máquinas ocupando o lugar dos jogadores. Não houve aviso prévio sobre o que aconteceria. Se perder um campo muitas vezes é decisivo para a extinção de um time, como apontam varzeanos e parte da literatura, o Guanabara, então chamado de Olimpicus, parecia gozar de tamanho significado na vida das pessoas envolvidas com sua existência que seguiu em frente.

Sem campo para continuar suas atividades esportivas, o E.C Guanabara se viu obrigado a jogar como visitante, longe de seu local de origem. Recorrendo à Liga de Santo Amaro, uma das várias organizações que marcavam partidas e torneios de futebol varzeano a época, o E.C Guanabara passou a circular pela cidade aos finais de semana. “Da Lapa a Penha, percorremos uma boa parte da várzea paulistana”, conta Sobrinho, se referindo a bairros da zona oeste e leste da cidade, respectivamente, que figuram na narrativa de vários antigos varzeanos como limites fronteiriços de uma cidade que era tomada por campos de futebol. Nesses deslocamentos a todo canto da cidade aos finais de semana, Sobrinho se recorda que vários membros da equipe foram desanimando e deixando de jogar pelo time de modo a tornar o time menos competitivo – o que proporcionou a oportunidade para que Sobrinho se firmasse como jogador constantemente escalado.

Em 1968, o E.C Guanabara conseguiu sublocar um horário no campo do São Cristovão, no Parque do Povo, localidade que reunia dezenas de campos em suas imediações (Tombamento Parque do Povo). “Um campo horrível, vestiário ruim”, se recorda Sobrinho. Após pouco tempo no novo local, souberam de um horário vago para locação no campo vizinho, administrado pela equipe do Grêmio Itororó³⁸ e migraram para lá. Os primeiros jogos no novo campo foram marcados por uma grande recorrência de ausência das equipes adversárias. Logo, descobriram que o responsável pelo campo do São Cristovão, descontente com a troca de campo, telefonava às sextas-feiras para a Liga de Santo Amaro, se passando por um diretor do Guanabara, para cancelar a partida que seria realizada no dia seguinte. A solução adotada pela equipe foi passar a marcar seus jogos com um homem chamado Daniel, responsável pela chamada Liga do Daniel, que segue até os dias atuais promovendo jogos de futebol de várzea entre times de toda a cidade mediante um pagamento mensal – que iremos tratar no capítulo 3.

38 Fundada no bairro da Bela Vista, região central, em 1948, o nome da equipe faz menção ao córrego Itororó, canalizado no final da década de 1960 para a construção da avenida 23 de maio. O Grêmio Itororó construiu o seu campo no Parque do Povo no final da década de 1950.

Nessa época, além de jogar constantemente na zaga da equipe junto com seu tio, Sobrinho começou a assumir algumas responsabilidades. Na sede social do clube, os mais velhos, que nem sempre podiam comparecer ao campo nos jogos do Guanabara, encarregaram Sobrinho da azucrinante missão de cobrar a mensalidade dos jogadores do time. “*Po, eu recebia pra jogar e agora vou pagar?*” – era o que ouvia constantemente dos boleiros ex-profissionais que ainda atuavam pelo clube.

Em 1972, o E.C Guanabara mandava os seus jogos aos sábados pela manhã no campo do Grêmio Itororó, até ser expulso do campo. Um jogador do Guanabara tentou interceder junto ao seu tio, na época diretor do antigo INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), que brigava pela posse de parte da área, para que a sua equipe não precisasse pagar uma taxa de aluguel ao Grêmio Itororó. “Um mês depois nós fomos despejados”, conta Sobrinho sobre a retaliação dos diretores do Itororó. O E.C Guanabara, então, atravessou o córrego do Sapateiro, para sublocar um horário no campo do Kopenhagen, destituído pouco tempo depois para a construção da Avenida Juscelino Kubitschek. Então, a equipe voltou para o Parque do Povo, no chamado campo do Vadinho, que também logo foi desapropriado. Um rearranjo no acordo entre os proprietários da área do Parque do Povo, IAPC e três construtoras, gerou um momento de grande agitação nos usos e planos do parque entre 1972 e 1975, culminando na extinção de vários campos nesse local. Nesse novo acordo, o IAPC, dono de 30% do terreno, cedeu sua parte para as construtoras, que, por sua vez, se comprometeram a construir edificações no local, incluindo hospitais. Até então, desde o primeiro acordo que oficializou a prática do futebol de várzea nesse local, existia certa estabilidade e expansão dessa prática com a construção de novos campos. Aproveitando o contexto da ditadura militar da época, capangas contratados pelas construtoras se apresentaram como membros da “polícia do exército” e intervieram contra os espaços ocupados pelos clubes de várzea. Houve depredação das sedes sociais e tentativas de inutilizar os campos para a prática do esporte por meio da colocação de lixo, entulho, blocos de concreto ou com a escavação de grandes valas (pag.924). Nesse processo, que durou até o ano de 1975, restaram apenas três campos no local, Marítimo, Marechal e Itororó, todos em condições muito piores do que antes dessas investidas.

Acervo pessoal de Sobrinho: em 1972, time do Guanabara com Sobrinho, o segundo em pé da esquerda para direita, ao lado de seu tio, primeiro da esquerda.

Em 1975, o E.C Guanabara rodava novamente pela cidade aos finais de semana como visitante. A sede social da equipe, no bairro da Vila Mariana, já não existia mais. Sobrinho se lembra que não houve como manter a casa que servia de bar e sede do clube alugada por conta das despesas e da queda na frequência. Aos poucos, nessa circulação para se jogar futebol pela cidade, os vínculos da equipe com o antigo bairro se esvaeciam: antigos membros do clube desanimavam e pararam de frequentar os jogos; novos jogadores agora eram recrutados de relações de amizade derivadas de outros arranjos, do ambiente do trabalho e de outras territorialidades da cidade. Restavam apenas alguns antigos membros, entre eles Sobrinho e seu tio, e o nome da equipe que homenageava a antiga e extinta localidade do velho bairro.

No mesmo ano, o E.C Guanabara cruzou a Marginal Pinheiros e encontrou um campo no bairro do Morumbi, próximo ao clube de elite Paineiras. O ainda pouco estruturado campo, lembra Sobrinho, era vizinho a obra de construção da casa do Antônio Ermírio de Moraes, onde costumavam tomar banho após as partidas. O campo, no entanto, não durou muito tempo e foi extinto. Conseguiram, então, mandar seus jogos em um campo próximo ao córrego Piajussara, no bairro do Butantã, de onde logo saíram devido a precariedade do local.

Em seguida, foram para um campo no final da rua Kansas, no bairro do Brooklyn, vizinho a uma favela que seria removida nas décadas posteriores por intervenções urbanas, mas tampouco ficaram ali.

Em 1976, por meio de Daniel e sua liga, souberam de um horário vago em um campo no bairro da Vila Monumento, zona sul da cidade, onde puderam permanecer por dois anos até o início de obras de construção de uma torre de edifício residencial no local.

Ainda no final da década de 1970, em abril de 1978, o Guanabara retorna ao Parque do Povo, com um horário no campo do Grêmio Esportivo Canto do Rio, equipe do bairro do Itaim Bibi, de 1941, formada apenas por jogadores negros em sua primeira década de existência. Os 30% do terreno, que o IAPC havia transferido para as construtoras erguerem hospitais, retornaram para o órgão público após essas terem descumprido o acordo. Ainda, por conta de dívidas, essas construtoras perderam os outros 70% de posse do terreno, que foram hipotecados e passados para a Caixa Econômica Federal. Nessa reviravolta, alguns clubes que haviam sido expulsos desse local conseguiram retornar e construir novamente seus campos, bem como novas agremiações, por meio de uma forte mobilização de seus membros e complexas articulações com diversas instâncias do cenário político.

Uma década após perder o seu campo no bairro em que foi fundado e ter que circular por tantos campos pela cidade para continuar existindo, o Guanabara finalmente encontrou um período de maior estabilidade: por vinte anos, entre o final da década de 1970 e 1990, a equipe jogou com dois quadros aos sábados pela manhã no campo do Canto do Rio, no Parque do Povo.

No entanto, muita coisa já havia mudado. Do timaço do Olimpicus do Paraíso, composto por ex-profissionais, que conseguia atrair aos finais de semana torcedores do bairro para o seu campo, localizado próximo a bela casa alugada como sede social, que servia de ponto de encontro durante a semana, pouca coisa havia restado. Manter-se como uma equipe de futebol ativa, diante de tantas transformações, criava novos tipos de laços e diluía até o que no passado parecia inimaginável.

Esse longo período de atividades ininterruptas no mesmo campo não significou um momento de grande calma. Em 1987, o G.E Canto do Rio perdeu metade de seu campo de jogo por conta de uma ação de desapropriação promovida pela antiga Telesp (Telecomunicações de São Paulo), que também acarretou na extinção do campo vizinho que pertencia a equipe do

Marechal Floriano (Scifoni, 2013). Com a diminuição do tamanho do campo, as partidas corriam com número reduzidos de jogadores. Foi nessa época, no ano de 1990, que por conta de um problema no joelho, Sobrinho parou de jogar, passando a ficar “apenas” na organização de todo o resto. Foi nessa mesma época, que inicio estudo de tombamento.

Na segunda metade dos anos 1990, o Canto do Rio conseguiu remodelar o seu campo para voltar a receber normalmente partidas de futebol com vinte e dois jogadores, colocando, inclusive grama natural nessa nova fase. Essa reforma acarretou em um aumento na taxa de mensalidade pelo campo. Novamente, após vinte um anos no mesmo local, o E.C Guanabara, sem poder arcar com os custos adicionais do campo reparado, foi obrigado a se mudar mais uma vez. Passaram um mês no chamado Campo do Caneta, no Parque do Povo, até retornarem, em 1999, para o campo do Grêmio Itororó, vizinho ao Canto do Rio até o ano de 2006.

No começo dos anos 2000, em uma encomenda de um novo jogo de uniformes, ficou explícito como a trajetória de Sobrinho passou a se atrelar diretamente à do clube. Ele não sabia qual era a data de fundação do antigo Guanabara, para colocar no fardamento, conhecia as histórias desse período, entre os anos 1920 e 1930, apenas através dos relatos de sua mãe, quando um caminhãozinho vinha buscar seu tio mais velho para jogar por toda a cidade. Decidiu-se, então, imprimir na camisa do time o distintivo com a seguinte data: 6 de março, aniversário de Sobrinho, de 1966, ano em que ele entrou na história do Olimpicus do Paraíso.

Do Parque do Povo ao Campo de Marte

“Quando nós chegamos lá no sábado para jogar existiam já aqueles blocos de concreto impedindo a entrada das pessoas e veículos. Jogo marcado, tudo bloqueado... e nem avisaram...”³⁹

“Foi às 7 horas da manhã, pegaram o caseiro e disseram: vai embora daqui [...] Arrebentaram tudo, foi impressionante, uma selvageria [...] Parecia que nós éramos maloqueiros [...] Eles queriam levar inclusive as camisas do clube, nós é que não deixamos [...] Foi tudo muito triste, dá vontade de chorar [...]”⁴⁰

Os relatos acima retratam o fim de todos os campos de futebol de várzea no Parque do Povo no ano de 2006. Esse antigo local de referência de uma prática de lazer popular, que chegou a abrigar 18 campos construídos por diferentes clubes de futebol de várzea, que eram

39 Relato de Sobrinho em entrevista realizada em setembro de 2017.

40 Relato de membros do Canto do Rio (in Scifoni, 2013)

sublocados a outras agremiações que, assim como o E.C Guanabara, haviam perdido seus antigos terrenos de jogo, foi completamente desfigurado como consequência de uma complexa trama que se desenrolou por décadas e envolveu diferentes atores, entre os proprietários da área, os clubes varzeanos, prefeitura, sociedade dos amigos do Itaim Bibi, entre outros⁴¹.

Acervo pessoal de Sobrinho/Guanabara, em 2002, no Parque do Povo. Sobrinho, nessa época já aposentado dos terrões, é o primeiro em pé na esquerda.

A área chegou a ser tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT, 1994), em 1994, em um processo que, além das razões ambientais, contou com o reconhecimento do futebol de várzea e de toda a sociabilidade de seu entorno como patrimônio cultural⁴². Isso não assegurou, entretanto, a permanência dos campos. Após uma série de investidas articuladas, sobretudo, pela Sociedade Amigos do Itaim Bibi, conjuntamente com diferentes instâncias estatais e da opinião pública, todos os campos de futebol de várzea do Parque do Povo foram interditados e destruídos.

41 Ver Scifoni (2013) para uma excelente análise sobre essa trama.

42 Ver Magnani e Morgado (1996).

Quase quarenta anos após perder o campo em seu bairro de origem, testemunhando nesse período o desaparecimento de outros tantos, o E.C Guanabara era obrigado novamente a rodar pela cidade para continuar existindo. Dessa vez, em condições ainda mais difíceis. Agora, Sobrinho estava sozinho. Era o único remanescente de uma história em que havia entrado como coadjuvante. Seu tio já não era presente. Os antigos membros da equipe foram ficando pelo caminho. Sobrinho, que já não possuía condições físicas para jogar, a essa altura, acumulava as funções de presidente, técnico e tesoureiro do clube.

Após a interdição do Parque do Povo no final de janeiro de 2006, o E.C Guanabara continuou normalmente suas atividades, novamente, graças à Daniel e sua liga. Em menos de dois meses, a equipe conseguiu novamente sublocar um horário em um campo para mandar as suas partidas. Na zona norte da cidade, jogando como visitante no campo do Veteranos Unidos Paulista, clube fundado na década de 1960, na região da Casa Verde, dentro do Complexo de Campos do Campo de Marte, Sobrinho deu um pulo no campo vizinho, do Aliança da Casa Verde, em busca de uma possível vaga que havia ouvido falar.

Carregando uma série de lembranças de times, pessoas, lugares e campos que já não existem mais e cujas referências foram apagadas da cidade⁴³, o E.C Guanabara fez sua estreia como mandante na zona norte da cidade em 25 de março de 2006 contra o São Francisco FC do bairro do Parque Novo Mundo. Sobrinho anotou em um pedaço de papel, que levava no bolso, os dados da partida. Semana após semana, continuou registrando o nome dos adversários, de que lugar da cidade vinham, o resultado da partida e, por vezes, um comentário adicional sobre o adversário ser “problema”, “bom”, “semiprofissional”, ou quando dava um “cano”.

Em poucos meses, uma nova folha de papel teve que ser grampeada à primeira. E mais outras folhas, com o passar de alguns anos, se juntaram para formar um pequeno bloco, recheado de menções a times desconhecidos de todas as regiões de São Paulo, que Sobrinho carregava em todas as partidas do Guanabara. Os novos jogadores do clube, entre eles alguns moradores do Moinho, a última favela do centro de São Paulo, localizada a cerca de dois quilômetros do campo do Aliança, se referiam jocosamente ao “laptop” do Sobrinho, onde conferiam os resultados dos jogos e mediam o desempenho da equipe, semana após semana, ano após ano.

⁴³ No site da prefeitura de São Paulo, por exemplo, o Parque do Povo é apresentado como aberto desde o ano de 2008, sem nenhuma menção a sua existências e usos nas décadas anteriores. http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centrooeste/index.php?p=22396

Daniel Arroyo/ Ponte Jornalismo – Em suas perambulações, a camisa do E.C. Guanabara, mesmo com a extinção a equipe, segue pela cidade. Na foto, foi parar na Favela do Moinho, local de moradia de alguns dos jogadores da última fase do time.

546 partidas de futebol gravadas a caneta em um aglomerado de papéis dobrados que cabem em um bolso. Em uma trajetória marcada pelas transformações, deslocamentos e fins abruptos, escrever nessas folhas parece uma tentativa de dar materialidade a uma vivência e experiência que se esvanece pelos movimentos da cidade. Um esforço individual, portanto, de dar um sentido de continuidade a uma memória coletiva que já não está mais lá, mas que talvez possa permanecer, de alguma forma, em um bloco de papéis. Neste sentido, é significativo que Sobrinho xerocou todas suas folhas e me entregou para que eu utilizasse em minha pesquisa.

Em 12 de agosto de 2017, o E.C Guanabara jogou sua última partida de futebol de várzea pelos campos de terra da cidade de São Paulo. Nesse mesmo dia, quando já era noite, Sobrinho veio me procurar no bar do campo do Baruel, dentro do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte. Subitamente, me falou que as coisas haviam chegado a um ponto que não dava mais. Já não era possível continuar tirando dinheiro de casa para manter o clube ativo.

O futebol que se autoconstrói: as fronteiras da várzea de São Paulo

“*Quando vai ter jogo?*” – foi uma pergunta que ouvi algumas vezes ao longo desses últimos anos, ao conversar com pessoas que demonstraram interesse pela pesquisa e que não tinham muita familiaridade com o futebol de várzea⁴⁴. Uma dúvida simples e reveladora, que me jogava na cara algumas obviedades. Trata-se de um universo de difícil apreensão para quem não está inserido nele de alguma maneira. Não se ouve muito falar na várzea no dia-a-dia. Nenhum veículo da grande imprensa se ocupa de seus principais eventos⁴⁵. E quando muito, como já pontuou Damo (2005)⁴⁶, o futebol de várzea é retratado por suas idiossincrasias, não raro de maneira a realçar aspectos precários e/ou excêntricos - como se essa prática vivesse de uma tragicômica busca por uma espetacularidade que nunca chegará. Ainda, a várzea não raramente também é vista como já extinto, que um dia teria existido no passado da cidade e do futebol. “*Isso daí ainda existe?*” é uma pergunta que colegas e amigas trabalhadoras do Museu do Futebol me relataram ouvir de grande parte de seu público para quem apresentavam as pesquisas e iniciativas de preservação que essa instituição promove e inclui o futebol de várzea.

Mas o fato é - respondendo à primeira pergunta – que, conquanto carregue a insígnia da transformação, dos deslocamentos - uma máquina de criar e arrasar tradição -, desde que a bola rolou pela primeira vez em um campo de várzea de São Paulo, ela nunca mais parou. Times com décadas de existência ficaram pelo caminho, se extinguiram. Mas ao mesmo tempo continuam surgindo novas equipes. Diversos campos se perderam, mas outros foram conquistados. Muitos times que me deparei recentemente no futebol de várzea tinham sido fundadas posteriormente ao início dessa pesquisa em 2016, por exemplo. Mesmo dentre as

44 Colegas de pós graduação, jornalistas, amigas que trabalham com áudio visual interessadas no tema, estudantes secundaristas de colégio particular da cidade de São Paulo, etc...

45 O que acontecia com alguns jornais como A Gazeta Esportiva, que realizou durante o tempo em que esteve em circulação uma ampla cobertura do futebol varzeano, sobretudo pela coluna “No Mundo do Futebol Amador”, assinada por Angelo Lazzarini, que também se mantinha aberta para a contribuição dos clubes varzeanos, que podiam endereçar a redação do jornal notícias de suas vivências. Ver Diana. E o jornal Lance! Dedicou também por algum tempo algumas páginas de destaque para algumas fases da Copa Kaiser, torneio extinto que foi a competição de maior prestígio no futebol varzeano entre a década de 1990 até 2014. Conferir Spaggiari (2015) sobre a Copa Kaiser.

46 “A grande mídia, de alcance nacional e estadual, simplesmente ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, bebedeiras e comilanças”.

equipes de maior prestígio da várzea hoje, que brigam pelo título dos maiores torneios, existem muitos times fundadas já no século XXI.

Ou seja, mesmo com todas as transformações, extinções de campos e clubes, parece que fundar um time de futebol de várzea continua hoje sendo parte de um repertório de ação coletiva possível e desejável na cidade de São Paulo. Os laços de pertencimento a uma dada localidade, bem como os vínculos pelo ambiente laboral em muito menor medida, continuam sendo as principais bases do surgimento dos times de várzea. Assim como a maior parte dos envolvidos com essa atividade segue sendo homens heterossexuais de camadas populares.

No entanto, além dessas duas principais variáveis - times formados em referência a moradia e ao trabalho - comportarem por si só uma grande e complexa diversidade de arranjos, mediadas pelo entrecruzamento de diversos processos sociais amplos que alteraram e seguem alterando a paisagem urbana e as relações produtivas na cidade - como vimos na trajetória do E.C Guanabara-, convivem também no futebol de várzea de São Paulo outras possibilidades de existência. Assim como no passado existiram times que escapavam a essas configurações, como, por exemplo, os chamados *clubes da noite*⁴⁷, que reuniam artistas, trabalhadores da noite e jogadores do futebol profissional, hoje é possível deparar-se com experimentos que nesse ambiente encontram terreno fértil para florescer: equipes formadas a partir de relações de militância política, de cenas musicais; e entre esses, inclusive, times que põe em prática experiências pouco habituais como ir a campo com homens e mulheres juntos.

Como, então, abrigar sob a mesma terminologia – futebol de várzea – uma prática que pode se referir a uma partida final de um torneio disputado em um estádio lotado, onde as equipes entram em campo perfiladas ao som da música tema da Uefa Champions League⁴⁸, competição mais rica do futebol profissional europeu; mas também de um jogo de futebol acompanhado por poucas testemunhas, onde um dos times, formados por homens e mulheres, atribui a sua prática a propagação de valores anticapitalistas e antifascistas⁴⁹?

⁴⁷ Uma das primeiras equipes a mandar os seus jogos no campo da SADE, dentro do Campo de Marte, foi a equipe formada pela Ordem dos Músicos, que reunia em suas fileiras nomes como Jair Rodrigues, Simonal e Basílio, ex-meia direita da Portuguesa e Corinthians.

⁴⁸ Me refiro a final da edição de 2018 da “Super Copa Pioneer”, disputada no estádio do Água Santa, em Diadema. Mais adiante tratarei sobre essa competição.

⁴⁹ Me refiro vários times que surgiram por influência direta ou indireta a fundação do Autônomos FC em 2006 e que hoje atuam por diferentes campos de futebol de várzea da cidade de São Paulo. Entre esses temos o Catadão Futebol Cerveja e Amizade, fundado por pessoas vinculadas a cena punk de São Paulo em 2012, equipe que manda seus jogos atualmente no CDC Julinho Botelho, no bairro da

E como não poderia deixar de ser, tratando-se de um fenômeno que comporta uma multiplicidade de experiências e heterogeneidade de personagens, coexistem definições sobre o que ela *é* ou *deveria* ser; elucubrações a respeito de quais seriam as irredutíveis características e o que o distinguiria de outros futebóis.

Em 2014, durante a realização de uma das edições da Copa Rebelde dos Movimentos Sociais, uma espécie de torneio-protesto organizado pelo Comitê Popular da Copa de São Paulo – articulação nacional que militou contra os impactos e violações políticas acarretadas pela realização da Copa do Mundo da FIFA de 2014 –, que reunia times formados por organizações e coletivos de esquerda, um rapaz que conhecia, na época próximo ao Movimento Passe Livre e que se reivindicava torcedor de um clube de várzea conhecido da região norte da cidade, me fez seu parecer sobre o Autônomos FC. O time que faço parte, fundado em 2006 por pessoas próximas a cena punk e anarquista de São Paulo e região do ABC, segundo ele, não poderia ser considerado de várzea. “*Pra mim, várzea é quebrada, time de quebrada*” – ele me disse, não se importando com minha ponderação, que entre que lhe informou que havíamos recentemente eliminado de um torneio uma das maiores equipes da várzea, o Classe A da Barra Funda, campeão da extinta Copa Kaiser.

Três anos mais tarde, já no contexto de realização dessa pesquisa, durante as conversas preliminares a organização de um seminário sobre o futebol de várzea no Museu do Futebol, que juntou parte da equipe dessa instituição e os varzeanos do Campo de Marte, vivenciei de outra maneira a questão sobre o que era a várzea. O mote deste evento seria a luta pela preservação dos campos de futebol de várzea. Das várias sugestões de pautas a serem incorporadas ao evento e de convidados para palestrar, ficava claro a dificuldade em fazer caber tudo em um encontro. Dessa maneira, a equipe do Museu do Futebol decidiu formatar para três encontros sobre a várzea o que havia inicialmente sido pensado como um evento de uma edição sobre a preservação dos campos de várzea.

Das conversas que definiram a programação final dos três encontros, e do conteúdo debatido nesses dias, entre varzeanos, professores universitários, jornalistas, pesquisadores, interessados e organizadores de torneios, ficava explícito que nem a ampliação do evento havia sido suficiente. Ao mesmo tempo que durante os encontros do seminário, surgiam

Penha, zona leste de São Paulo. Além do Rosa Negra Ação Direta e Futebol, Celeste Proletária da região do ABC, Clandestinos, Corote & Molotov, Subúrbio e União Lapa.

relatos que aproximavam a experiência de outros campos que corriam risco de extinção⁵⁰, bem como se rememoravam outros campos do passado que haviam desaparecido, também existia uma determinada várzea para quem essa questão do fim dos campos passava longe, sequer figurava nos horizontes de suas preocupações.

Futebol amador ou futebol de várzea? Seria possível estabelecer um teto de gastos comum para os clubes varzeanos que investem financeiramente para pagar jogadores e montar times competitivos para disputar os principais torneios? Seria possível estabelecer um calendário anual padronizado para o futebol varzeano, frente aos incontáveis campeonatos e festivais que existem hoje? Questões que levavam a alguns diagnósticos dos varzeanos, como que existiam muitas pessoas envolvidas na várzea hoje, entre jogadores e organizadores de torneios, que estariam somente pelo dinheiro; e também a categorizações êmicas, como a existência de um *futebol de várzea amador* e de um *futebol de várzea profissional*⁵¹, que tentavam dar conta de definir as porosas fronteiras internas de uma prática tão múltipla.

Pode-se estranhar e questionar de alguma maneira a mobilização que fiz de alguns exemplos tão pontuais, como essas equipes formadas a partir de outras referências que não o local de moradia e de trabalho; de times que jogam mistos e imprimem discursos de uma determinada vinculação política a sua existência. Sim, são minoritários, exceções. Pode-se percorrer diferentes campos de várzea de toda a cidade de São Paulo por meses e não se deparar com nenhum tipo de arranjo parecido com esse. Certamente, se encontrará uma imensa maioria de equipes formados por homens de variadas idades, com uniformes e faixas com menções a *quebradas* da cidade de onde foram fundados.

Mas defendo que existe uma relação entre a possibilidade de existência de experiências e significações tão diversas sob o guarda-chuva léxico da mesma prática, o futebol de várzea – e de seus espaços –, por conta das maneiras com que ela foi e é organizada ao longo de sua trajetória na cidade de São Paulo. Ainda que o futebol de várzea possa ser identificado como pertencente aquilo que Damo (2007) categorizou como *matriz comunitária* dos diversos futebolis existentes, o que a aproxima de experiências em outras localidades, essa prática foi apropriada em São Paulo de uma determinada maneira (Silva, 2013). E ao longo da trajetória

50 Durante a realização do evento, varzeanos expuseram ao microfone o risco que corriam naquele momento o Campo do Tobias, próximo a Avenida Inajar de Souza, zona norte de São Paulo, e o campo dos Engenheiros, no bairro de Pirituba. Além disso, informaram da recente perda do campo do 7 de setembro da Vila Progresso, zona leste da cidade.

51 Definição de Otacílio Ribeiro. O fator principal que as diferenciaria seria o ato de pagar jogadores para montar seus times. Discutirei mais isso ao longo do texto.

desse fenômeno na cidade, de seu início até os dias atuais, não houve instituição, federação, pública ou privada, que conseguiu se estabilizar por muito tempo como propulsora dessa prática, muito menos abranger a totalidade de campos, equipes e formas de disputa existentes. O que pode parecer até meio intuitivo de pensar; e ser tomado como natural – que ninguém conseguiria se constituir como organizadora desse futebol, dada a escala de uma cidade como São Paulo e os diversos processos que a transformaram dessa maneira –quando visto em comparação com outras cidades e países, coloca em perspectiva suas particularidades.

Por meio de pesquisas já realizadas sobre o futebol de várzea / amador em outras capitais brasileiras, sabemos que em Belo Horizonte, a Federação Mineira de Futebol, mesma entidade que organiza o futebol profissional, também se ocupa da organização do futebol amador⁵². Em Curitiba, a mesma coisa (Oliveira, 2013). Em Porto Alegre, apesar do grande protagonismo dos varzeanos na organização de suas ligas, a prefeitura da cidade ocupa um papel importante como catalisadora dessas iniciativas, tanto que o ponto de partida da etnografia de Myskyw (2012) sobre o circuito de futebol de várzea da cidade foi uma sala de reuniões da Secretaria Municipal de Esportes. Em algumas cidades de interior, como Pelotas no Rio Grande do Sul, existe inclusive uma liga centenária, reconhecida pela Federação Gaucha de Futebol, que se ocupa da organização do futebol amador (Rigo et al., 2010).

Em São Paulo, embora tenham existido e ainda existam ações pontuais na organização dos eventos do futebol varzeano junto com a Federação Paulista de Futebol e a prefeitura da cidade, se você decidir partir dessas duas para olhar esse fenômeno, certamente não conseguirá apreender muita coisa do que é vivenciado em seu cotidiano. Hoje a prefeitura organiza oficialmente apenas os Jogos da Cidade⁵³, que é apenas uma entre as incontáveis

⁵² Comunicação pessoal com o pesquisador Raphael Rajão.

⁵³ Competição que inclui várias modalidades esportivas além do futebol de campo. O torneio é dividido em fases regionais, organizadas pelas subprefeituras. Os campeões de cada região depois se enfrentam em uma fase municipal. O torneio não figura entre as competição de maior prestígio entre os varzeanos. As equipes que disputam os maiores campeonatos, inclusive, nem se inscrevem para participar dessa competição. Sua realização constantemente é alvo de reclamações de varzeanos – de equipes de todos os níveis - por alterar algumas dinâmicas no cotidiano de uso dos campos. Para a realização das partidas dos Jogos da Cidade são requeridos horário dos campos que funcionam em equipamentos da prefeitura, nos Clubes da Comunidade. Nesse locais, usualmente o calendário futebolístico é organizado de maneira independente a iniciativas da prefeitura. Partidas amistosas, festivais e campeonatos, organizados por diferentes personagens que compõe o futebol varzeano, são dessa maneira, constantemente remanejados por conta do calendário dos Jogos da Cidade. Em 2018, o início desse torneio foi adiado por conta da divulgação de irregularidades no processo de licitação para a contratação da arbitragem responsável. O que gerou uma série de contratemplos para os clubes se reorganizarem para não correrem o risco de ficar um final de semana sem jogar – um terrível

competições existentes. A Federação Paulista de Futebol, que hoje não organiza nenhuma competição voltada para a várzea, chegou a se aproximar dessa prática em alguns momentos de sua história, cancelando algumas competições, como a extinta Copa Kaiser⁵⁴, entre outras, e mesmo mantendo no passado um departamento voltado para essa prática amadora⁵⁵ do futebol. Um episódio paradigmático da relação traçada entre a Federação Paulista de Futebol e a prática do futebol varzeano, foi o destino que essa instituição deu a toda documentação que possuía dos períodos em que se ocupou de organizá-la: todo esse material foi doado para uma campanha de reciclagem de papel⁵⁶.

E mesmo que esse arquivo tivesse sido preservado, abrangeria apenas parte do fenômeno. Em uma reportagem de 1975⁵⁷, do Estadão de São Paulo, o relato do jornalista explicita os (res)sentimentos dos varzeanos com a Federação Paulista de Futebol e da profundidade dessa relação:

...se queixam da falta de campos, da ausência do Campeonato Varzeano, como antigamente “quando existia um Departamento de Futebol Amador na Federação Paulista de Futebol; pedem a volta das ligas de futebol dos bairros (toda a quarta-feira cerca de 200 representantes dos clubes se reúnem para arranjar jogos, só na Liga do Brás, na Avenida Rangel Pestana) e criticam a FPF “por não fazer nada pelo futebol de várzea e ainda dificultar a legalização dos clubes na entidade, exigindo que tenha uma diretoria organizada, com bons antecedentes, documentação completa e atualizada” Segundo eles, como a maioria dos clubes de várzea não tem estrutura administrativa, vivendo do trabalho de meia dúzia de

pesadelo para os varzeanos- e comentários sobre o Jogos da Cidade serem “uma piada” e de que “até nisso *eles* querem roubar”.

54 Competição reconhecida como a de maior prestígio no futebol varzeano de São Paulo, foi disputado entre os anos 1990 até 2014.

55 Recentemente também, em 2010, foi fundada a Liga Paulistana de Futebol Amador por iniciativa de José Astolphi, ex-árbitro da Federação Paulista de Futebol. Essa liga, embora seja a única filiada e reconhecida a Federação Paulista de Futebol e tenha organizado por alguns anos seguidos algumas competições, não alcança representatividade entre os varzeanos.

56 Como conta Fátima Antunes, em entrevista para o portal Ludopédio, rememorando os primeiros passos de sua pesquisa que culminaram na dissertação “Futebol na Fabrica”, defendida em 1992 no Programa de Pós Graduação em Sociologia na Universidade de São Paulo, cuja ideia inicial era de pesquisar sobre o futebol de várzea em São Paulo. “Logo no começo do mestrado, fui à Federação Paulista de Futebol em busca de antigos registros de clubes de várzea, clubes de futebol amador da cidade de São Paulo. As pessoas me ouviam, iam perguntar para outras pessoas e ninguém me dava uma resposta definitiva. De funcionário em funcionário, acabei chegando à sala do presidente da Federação, que na época era o Eduardo José Farah. Ele me encheu de perguntas, me observou e respondeu que o “arquivo morto” da instituição tinha sido doado para a campanha do papel do Hospital do Câncer. Em resumo, a Federação tinha jogado no lixo reciclável toda a história do futebol de várzea da cidade”. Disponível em <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/fatima-martin-rodrigues-ferreira-antunes/>

57 “O futebol ainda existe, foi mudado pela cidade”, 31 de agosto de 1975.

abnegados, 90 por cento deles não estão legalizados na FPF e não tem interesse em se filiar.

Assim, análogo as formas como seus espaços foram sendo erguidos, pela ação de seus *abnegados*, podemos dizer que os eventos que compõe o calendário do futebol de várzea de São Paulo, no passado e hoje, também foram sendo construídas, sobretudo, pela ação de seus personagens; e a partir de diferentes planos de referência, de festividades religiosas, anarquistas, até o torneio mais rico do futebol europeu, por exemplo, como veremos mais adiante, e também graças às suas articulações com outras instâncias, desde alianças com outros varzeanos até com grandes atores como prefeitura, federação, políticos, redes de televisão, grandes empresas.

E o futebol de várzea na cidade de São Paulo se autoconstruiu e se autoconstrói de modo que produziu e continua produzindo efeitos em várias direções. A não institucionalização dessa prática; a falta de uma entidade que controle e regule seus eventos, clubes e jogadores, possibilita uma boa margem de invenção e negociação entre os que tomam parte desse universo. Para se ter uma ideia, não é possível precisar quantas equipes existam hoje na cidade –, e nem quantos - e quais - torneios são disputados. Fundar uma equipe de futebol de várzea em São Paulo hoje é tarefa relativamente fácil; não são exigidos procedimentos burocráticos como em outras localidades em que a prática é regulada por uma entidade, federação ou prefeitura. Participar de um torneio, ou mesmo organizar um, também segue a mesma lógica. Mesmo entre os seus *especialistas* (Toledo, 2002) - uma pequena mas atuante mídia que surgiu nos últimos anos e cobre os maiores torneios da várzea de São Paulo -, poderão escapar, por exemplo, a existência de torneios menores, que se concentram mais em uma região da cidade, ou mesmo que se realizam em somente um campo de várzea.

Se olharmos isso pela perspectiva do histórico dessa prática em São Paulo, então, vemos que por meio dessa margem de invenção se construíram narrativas polifônicas que informam, seja complementando ou disputando, o que foi e o que é o futebol de várzea. Os incontáveis *timaços* que existiram na várzea, as intermináveis discussões sobre qual desses times teria reinado em determinada época; os craques varzeanos que apenas por azar não vingaram no futebol profissional. Sem contar as narrativas contadas espetacularmente por varzeanos, muitas dessas construídas a partir da elaboração do encontro com alteridades que, mesmo não sendo parte de algo comumente visto - e mesmo desejado - nessa prática, encontram nela brechas para existir. Por exemplo, uma história que Sobrinho gostava de me contar de um

time que o Guanabara enfrentava nos tempos de Parque do Povo, que mantinha em seu elenco um jogador que não tinha uma perna. Ou ainda, uma história que vi surgir durante a pesquisa, quando cheguei ao campo do Baruel em um sábado de 2017, e o grande assunto no campo era que o Isso Memo do Parque Peruche, equipe que manda os seus jogos nesse local, havia sido derrotado há pouco por uma equipe cheia de *mulheres e viados*⁵⁸.

Não que isso seja exclusividade do futebol de várzea de São Paulo, ou mesmo do futebol amador; narrativas desse tipo são constitutivas também do futebol espetacularizado (Toledo: 2002; Damo: 2007)⁵⁹. Mas creio que por conta da ausência de um discurso oficial, do estabelecimento de parâmetros estáveis que ajudam a estabilizar referências, bem como de uma maior flexibilização na regulamentação de quem pode e quem não pode jogar, a várzea de São Paulo, em sua autoconstrução, poderia ser tomado como terreno mais propício a uma grande possibilidade de narrativas diversas - talvez menor em relação a matriz futebolística espetacularizada, como defende Damo (2007), apenas pela menor quantidade de pessoas que mobiliza.

Em uma rápida comparação com outra realidade com suas similitudes ao futebol de várzea, se entrarmos no site da principal liga amadora de futebol da cidade de Londres, a Hackney And Leyton Football League⁶⁰, filiada a FA (Football Association), federação responsável pela organização do futebol na Inglaterra, podemos encontrar em poucos cliques uma lista detalhada dos campeões anuais desde os anos 1950. Pela conservação dos fatos que mostram, por exemplo, que uma equipe chamada Barrowside conseguiu o tricampeonato em 1963, 1964 e 1965, se reduz a potência de narrativas dissonantes. Quem de ousaria contestar que nesse período existiu time melhor que eles?

No entanto, essa maneira com que o futebol de várzea em São Paulo foi se autoconstruindo de forma aparentemente disparatada, não quer dizer que em sua trajetória não tenham sido forjados padrões, regularidades e valores que foram conformando suas formas de organização. É possível identificar **quatro padrões de disputas** existentes nesse futebol varzeano de São Paulo, a saber:

58 No caso, o União Lapa, um dos times fundados por dissidentes do Autônomos FC, que joga com homens e mulheres em seu time.

59 Damo (2007, 59) inclusive, defende que existem nessa matriz futebolística mais possibilidades narrativas do que na pelada ou na várzea.

60 <http://www.hackneyandleytonfootballleague.co.uk/>

- a) **amistosos:** tipo de disputa em que as partidas têm uma existência "avulsas". Ou seja, seus resultados não se encadeiam para criar uma sequência narrativa da mesma maneira que acontece em um campeonato, onde a partir de cada embate vão sendo tecidas *campanhas* que ordenarão uma classificação final, onde um campeão é reconhecido.
- b) **festivais:** modalidade bem difundida na várzea da cidade de São Paulo em que as contendas promovem a disputa de um troféu. Normalmente organizada em datas comemorativas, como nos aniversários dos clubes e em feriados⁶¹.
- c) **jogos festivos:** costumam reunir os componentes de um mesmo clube, campo ou localidade. São disputados em datas comemorativas, principalmente como parte das celebrações de encerramento do ano. Diferentemente do que acontece nos amistosos, festivais e campeonatos, onde se enfrentam outros clubes varzeanos, nessas ocasiões membros de uma mesma coletividade, que atuaram do mesmo lado ao longo do ano, se dividem internamente em dois times a partir da eleição de algum marcador social que os diferencie. O exemplo mais comum desse tipo de disputa são os jogos de casados contra solteiros, ou ainda o já citado preto contra branco⁶².

⁶¹ Silva (2013), em sua dissertação sobre o clube Anhanguera e o futebol de várzea no início do século XX em São Paulo, viu a grande importância que essa modalidade de disputa tinha desde o início da prática do futebol na cidade. A autora traça seu advento em relação a festividades promovidas nos bairros populares, sob a influência e organização de associações operárias e religiosas, como formas de celebração de datas comemorativas, que passaram a incorporar contendas futebolísticas a sua programação dada a notoriedade que essa prática esportiva alcançava. Já nos anos 1930, segundo Silva (2013), o futebol começou a roubar a cena e ocupar o posto de protagonista nesse tipo de festividade diante das demais atividades que também eram promovidas nesses eventos. Dessa maneira, os *festivais* começaram também a serem promovidos por clubes varzeanos, se espalhando pela cidade como eventos comuns de serem organizados em datas significativas. Fontes (2014), que se debruçou sob algumas práticas e significados do futebol de várzea em um período posterior a Silva (2013), sobretudo a partir dos anos 1940, identifica também como esses festivais contribuíram para conectar clubes e pessoas de diferentes lugares de regiões populares da cidade, contribuindo para além do exercício de uma forma de lazer, com a criação de canal de debate e de troca de experiências e visões de mundo. Magnani (1984) também tratou dessa modalidade. Não me aprofundarei nos festivais nesse trabalho. No entanto, em futuras publicações, pretendo trabalhar um vasto material recolhido da observação das controvérsias e disputas em torno dessa modalidade de disputa. Acusa-se, entre varzeanos, existir uma deturpação do verdadeiro sentido dos festivais, que deveria estar ligado a uma celebração envolta de sacralidade, mas que no entanto, hoje em dia, se organizariam muitos festivais que visariam somente o lucro, com cobrança de taxa de participação das equipes participantes.

⁶² Apesar desses serem os marcadores sociais mais adotados, existe uma grande margem de criação a depender das características da equipe e coletividade que a empreende. No Autônomos, por exemplo, um time que não é formado a partir de laços territoriais comuns, um bairro, uma *quebrada*, já se propôs nessas ocasiões comemorativas dividir os times entre aqueles moradores da região do centro expandido da cidade, os *boys*, e aqueles que vêm de regiões mais periféricas.

d) campeonatos: como é bem óbvio para qualquer pessoa minimamente familiarizado com o ambiente esportivo, e como já dito anteriormente, trata-se um tipo de disputa que difere do amistoso por ser composta por uma série de partidas em que seus resultados se relacionam. Também difere dos festivais. Apesar de que em ambas está prescrito a premiação com um troféu, artefato que confere materialidade a vitória de uma equipe, os campeonatos são formados por uma variável sequência de partidas, tendo, portanto, uma duração maior que um festival. No futebol de várzea de São Paulo, apesar de coexistirem no passado e ainda hoje maneiras distintas de se organizar um campeonato, a exemplo do que acontece no futebol espetacularizado, essas parecem cumprir, como pontua Damo (2014), o trabalho de circunscrição prática e simbólica de fronteiras, com a inclusão e exclusão de clubes participantes a partir de diferentes critérios⁶³.

Posto isso, a ideia a seguir é descrever alguns eventos que acompanhei e que podem colaborar com a compreensão de diferentes formas de organização que fazem o futebol de várzea em São Paulo, seus significados e representações. Apesar dessas quatro modalidades de disputa possuírem características bem delineadas que as diferenciam entre si, de maneira a serem reconhecíveis pelos que convivem habitualmente nesse universo, no interior de cada uma dessas, como não poderia deixar de ser, coexistem sentidos diversos produzidos por uma série de personagens. O intuito de descrevê-las, portanto, é fornecer elementos para ajudar em uma maior compreensão de uma prática que se desenvolveu, pode-se dizer, de maneira bastante informal, por meio de extensivas redes e relações na cidade (Fontes e Hollanda, 2014), mas que nem por isso deixou de criar – e seguir criando - lógicas internas que também, como não poderia deixar de ser, dialogam com fenômenos e processos sociais mais amplos.

⁶³ Podem ser desde torneios organizados por times que atuam no mesmo campo, com poucas equipes convidadas, sem premiação em dinheiro, até campeonatos com grande premiação em dinheiro para o campeão, que atrai equipes varzeanas que costumam investir dinheiro para montar seus times. Com exceção do Jogos da Cidade, organizado pela prefeitura, a maioria dos torneios são organizadas pelos próprios clubes ou por personagens envolvidos nesse universo como responsáveis por funções administrativas dos campos.

Amistosos

Para introduzir a discussão sobre essa modalidade de disputa, reproduzo abaixo um longo relato de campo escrito a partir de uma partida que participei esse ano⁶⁴. Depois, ao longo do capítulo, vou mobilizar separadamente alguns dos elementos que aparecem no relato para uma análise mais detida sobre os aspectos de organização do futebol de várzea. Escolho iniciar o capítulo com essa longa descrição para tentar trazer um pouco das várias coisas que acontecem – ou podem acontecer – em um jogo de várzea; no tempo em que se sucedem, com um certa ordem, e da maneira que aparecem muitas vezes misturadas, aparentemente sem muito sentido. Desse dia, pode-se dizer que não havia nenhuma expectativa especial. Não era um jogo de campeonato, ou festival. Não havia nenhuma rivalidade com a equipe adversária. Seria – e até foi de certa maneira – um dia comum na várzea.

*

Março de 2018. Um sábado pela manhã. O jogo é no campo do Aliança no Complexo de Campos do Campo de Marte contra a equipe do Barra Mansa. Marquei durante a semana a partida com a liga do Daniel. Cheguei no campo meia hora antes do horário agendado e, como é de praxe na várzea, logo vi que o nosso jogo começaria atrasado. A partida anterior a nossa ainda nem havia ido para o intervalo. Encontro o pessoal do Autônomos. Poucos já estavam na área social do bar do campo quando cheguei, outros vão chegando aos poucos. De carro, moto, a pé, por carona.

Formamos uma roda de conversa. Alguns bebem cerveja, fumam, outros comem banana, tomam Guaraviton. *Com quem ficou o uniforme do time?* No momento da resenha da última semana – a hora depois do jogo regada a cerveja, conversas e zoação -, os presentes haviam decidido deixar o uniforme com o Nelsão – responsável pelo bar do campo do Baruel. Ele conhece uma senhora da Casa Verde que cobra um preço bom - 50 reais - pela lavagem de uniforme de times de várzea. Por vezes, quando ninguém se dispõe a levar pra casa pra lavar o uniforme, optamos por esse esquema. É bom, facilita, compensa. Você deixa a sacola de uniformes ali mesmo no bar do campo do Baruel, e o Nelsão leva ela suja e te entrega ela de volta lavada na semana seguinte no mesmo local. O André desceu a pé para o campo do Baruel para buscar a sacola e retornou com a notícia que nosso uniforme não estava lá.

64 Fiz pontuais alterações do texto original, redigido no dia seguinte ao vivido, para adicionar uma ou outra informação, torná-lo um pouco mais compreensível, embora tenha optado por manter o tom de diário de campo.

Tentamos ligar para o celular do Nelsão diversas vezes e nada. Desci a pé, então, junto com o André em direção ao campo do Baruel para ver o que poderia ser feito; se nesse tempo o pessoal lá do bar do campo do Baruel tinha alguma notícia do Nelsão, ou de repente, com sorte, ele até poderia ter chegado com nosso uniforme. Soubemos lá que o Nelsão havia passado mais cedo, descarregado algumas coisas para o bar, e que só retornaria mais tarde. Tinha esquecido de descarregar junto a nossa sacola de uniformes, que ficou no porta malas de seu carro. Tentamos novamente. Sem sucesso. E agora? Passava o tempo, se aproximava a hora do nosso jogo e não tínhamos uniforme. Tentamos outras alternativas. Ligamos para o pessoal do segundo quadro do Autônomos, o time B, que jogaria só a tarde no campo do Baruel, pra ver se era viável usar o uniforme deles. Também não conseguimos nada. O tempo passava, a descrença e a decepção aumentavam. Jogar sem uniforme não dá, não tem sentido, atrapalha, perde a graça, vira pelada. Sem contar a vergonha com o adversário. O pessoal do bar do Baruel, o neto do Nelsão, a Vera, tentavam também sem sucesso contatar o Nelsão.

No aperto do tempo pensamos em outra alternativa. Será que não tinha lá no Baruel nenhum outro uniforme que poderíamos usar? O neto do Nelsão, então, abriu a porta de uma salinha ao lado do bar onde são guardados alguns antigos uniformes do Baruel. Entramos, eu, André e Paulo, olhamos os uniformes que ali estavam, dobrados, a vista, um em cima do outro, em cima de prateleiras, diferentes modelos. Sem escolher muito pelo pouco tempo que tínhamos, contamos os que tinham mais peças disponíveis, entre camisa, calção e meião, juntamos e levamos conosco para o vestiário do campo do Aliança, onde o resto do time aguardava meio perdido. Nos trocamos de Baruel então. Éramos os Autônomos, rubro-negro, usando um uniforme do Baruel todo branco com uma faixa transversal em preto, igual do Vasco e da Ponte Preta. Não era o ideal, mas o possível pela circunstância. E era até engraçado, fazíamos piada com a situação, uniforme já velho, judiado, calção já esgarçado, sem elástico – aquela peça com certeza devia ter sido bastante usado por um barrigudo.

Fim do jogo anterior e entramos em campo para bater bola antes do início da nossa partida. Cada um se prepara a sua maneira, a maioria prefere chutar bola no gol, trocar passes longos, cobrar faltas imaginárias, penaltys, cruzamentos, cabeçadas, voleios. Olhando parece mais um bando de criança recém-soltas para a hora do recreio do que um time que em poucos instantes vai jogar futebol de maneira organizado no 4-1-4-1, com todo mundo marcando, sem amolecer. Nos juntamos em roda e passamos o time titular. Aqueles que têm – ou que acham que têm – mais moral tomam a palavra. Nosso último técnico, também nosso amigo, que ficou uns anos ajudando o time, parou de comparecer. Se cansou, foi cuidar da própria

vida. Quem define quem são os titulares agora são esses com alguma moral – condição que mistura capacidade futebolística, comprometimento (medido pela frequência aos jogos) e tempo de time. Tô nessa mais pelos dois últimos quesitos. Sou esforçado.

Time escalado. Não rezamos o pai nosso como os outros times. Gritamos o nosso grito de guerra particular já de longa data, uma fácil adaptação de uma música de uma banda antifascista. E vamos pro jogo.

Tenho que segurar meu calção enquanto corro – agora tenho raiva do barrigudo que teria vestido a mesma peça um dia. O time deles não é muito bom, dá pra ganhar. Mas o juiz rouba muito. Um próprio membro do time deles faz o papel de juiz, como é bem comum de acontecer em jogos que não são de campeonato. Não é novidade ser roubado fora de casa. E se reclamar muito a cada jogada mal arbitrada é ruim, faz desconcentrar do jogo, não falar nada é ainda pior, parece que deixa o juiz mais a vontade pra roubar na cara dura. 1 a 0 pra gente.

Chegou em um ponto do jogo que cada lance marcado pelo juiz era uma gritaria generalizada. Se gritava contra o juiz. Se gritava pedindo calma contra o jogador que havia gritado contra o juiz. Se gritava defendendo o juiz. Falavam que éramos folgados. Time chato da porra, reclamão. Um ou outro empurra-empurra começa a ocorrer de vez em quando. Intimidações. Escapava até palavrão, xingamento...Tem time que você enfrenta que mesmo um palavrão e xingamento é suficiente pro tempo fechar. Vocês tão querendo apitar então!? A pergunta é retórica, é claro que eles não vão deixar um dos nossos apitar na casa deles. Eles empatam e viram o jogo já no segundo tempo. Pressionamos, temos mais volume de jogo, queremos o empate. Em circunstâncias normais, jogando em casa, no campo do Baruel, sem arbitragem contra, a gente golearia eles.

Finalmente, depois de tanto tentar, achamos o gol de empate. Pit (de Pitbull, também chamado de Mazinho no time pelo que identificaram como semelhança com o ex-jogador da seleção brasileira), que havia entrado no segundo tempo, é sagaz e aparece mais rápido que seu marcador no segundo pau. Vibramos... Na comemoração, ele corre pra perto de um jogador do time adversário. No calor da comemoração soltou um discreto porém assertivo “CHUPA!” bem na cara dele, enquanto passava ao lado.

Pronto. Era o que faltava. Esse adversário foi pra cima de Pit. Corri pra perto, junto com mais alguns dos dois times. A coisa ficou mais séria, mas só no empurra-empurra, xingamentos e

na intimidação. Alguns deles, nervosos com o gol e a “tiração” de terem recebido um grito de chupa, não parecem se conformar que a coisa não desandou. O jogo demora mais pra recomençar que nos outros dois gols. Junto com a maioria, também trabalho pra apaziguar a situação. Não vale a pena brigar. Mas se eles quiserem também fazer o que. O cara é campeão brasileiro de boxe! Foda-se!, um deles me responde.

O jogo reinicia depois de um tempo. Falta pouco tempo pra acabar. Mas ainda dá pra marcar mais um e virar. Pit recebe a bola no lado direito de campo. Ele é magro. Cerca de 1,75 de altura e menos de 60 quilos. Mas é forte também. Campeão brasileiro de boxe profissional. Foi atleta da equipe de boxe olímpico do Palmeiras. Foi nesse contexto que eu e o Gui conhecemos ele, ficamos amigos, e trouxemos ele pra jogar no Autônomos junto com mais alguns outros boxeadores. Ele é "cria" da Maré no Rio de Janeiro, começou a boxear em um projeto social da favela, se tornou atleta reconhecido e se mudou pra São Paulo. Foi fazer parte da equipe de boxe do Palmeiras, a melhor do Brasil. E o apelido de PitBull foi ele mesmo quem escolheu. Não combina com a sua constituição física; é forte; mas magro e longilíneo. Nem com sua personalidade; é calmo, até tímido, riso fácil, alegre e sonhador. Naquele momento do jogo, quando recebeu a bola e segurou na lateral, seu apelido deveria ser outro, Pantera, sei lá. Ele segurou a bola como que provocando e chamando um adversário. Quando a marcação foi chegando perto, soltou a bola rápido. Tocou a bola para outro jogador nosso. Gritou olé. No mesmo tom que havia gritado chupa. Só quem estava perto ouviu. Pouco tempo depois, recebeu a bola novamente. Todo mundo parecia já sentir o que se desenhava. Um jogador adversário grande, forte, mais de 1,90 de altura, correu então com todo apetite em direção ao Pit. Ele teve que soltar a bola novamente. Quietos dessa vez. E pulou. O grandão foi na maldade. Entrou solando alto na altura do joelho do Pit, que escapou pulando. Caiu no chão e levantou. Nessa hora ninguém mais olhou onde a bola estava.

O grandão e o Pit armaram a guarda, se puseram em posição de combate, um de frente para o outro. Estavam um pouco além da lateral de campo do outro lado da área social do bar, próximo ao matagal que dava no córrego que passa atrás dos campos. Novamente, corri pra perto junto com alguns dos dois times. Alguns correram pra longe. O grandão tentou um soco, Pit se esquivou e contragolpeou. Sem sucesso. Ninguém se acertou. Nova investida do grandão, agora mais ressabiado, com medo. Todo mundo percebeu que o Pit sabia lutar. Mas agora não dava pro grandão voltar atrás. Dessa vez, o Pit esquivou e acertou dois socos bem dados no grandão. Direto de direita e cruzado de esquerda. Um clássico do boxe. Eficiência universal. Até o técnico do Wacquant ensinou que esses dois caminham juntos. Mais tarde,

falaram que até quem tava no bar, do outro lado do campo, conseguiu ouvir o barulho. Duas marteladas. Foi tudo muito rápido.

Quando me vi também já estava em posição de combate, não tinha escolha. Escapei de um soco projetando o tronco pra trás e errei o contra ataque. De repente já não entendo mais nada, o negócio é se proteger e tentar proteger os seus. Vejo o Gui chegar correndo e agarrar um adversário que parecia que ia chutar um jogador nosso que havia caído no chão. Eles rolaram pelo matagal então, quase invadindo a horta construída ali pelo caseiro do campo. Essa altura, todo mundo que estava no banco de reservas já entrou em campo; algumas pessoas que estavam no bar tomando cerveja, conversando, nem dando bola pro jogo, também entram em campo. Param as agressões.

Surge um rapaz vindo de fora, com copo de cerveja na mão, chinelo e camisa da torcida Mancha Verde. Ele não tinha nada a ver com a história. Mas foi participar do jogo de intimidações. Não fosse o chinelo e a regata da Mancha pareceria até a chegada de um policial. Um longo e difuso bate boca se arrasta. Já não tinha clima pra continuar o jogo.

Nos dirigimos pro vestiário. Nessa hora, alguém disse que o grandão tava na área social do bar segurando uma garrafa. É preciso ter cuidado pra sair. Ninguém sai moscando sozinho. Vamos sair todo mundo junto... Nos trocamos sem pressa nenhuma. Não preciso nem fazer esforço para o calção descer do meu corpo. Alguém do lado de fora do vestiário veio dizer que a garrafa que o grandão segurava tava quebrada ainda por cima. Pior ainda. Tem mais umas pessoas olhando pra porta do nosso vestiário. Saio junto com o Pit e mais alguns...Todos atentos. Não vimos o grandão. Ele sumiu, desistiu. Deve ter sido desestimulado a prosseguir a briga. Alguém até fez a piada, parodiando o nome do adversário, que a Barra agora tava Mansa. Ficou tudo bem.

Vamos todos a pé então para o campo do Baruel, tomar cerveja por lá e assistir o jogo do nosso segundo quadro, o time reserva que não se reconhece como tal. O Pit precisa colocar gelo na mão que começou a inchar. Encontramos finalmente com o Nelsão no bar do Baruel. Ele se desculpa brevemente pela confusão com o uniforme. Acontece. Devolvemos o antigo uniforme do Baruel emprestado. Comento com ele sobre a pequena confusão em campo. Rindo, avisamos pra eles (do Baruel) tomarem cuidado com uma retaliação. Vai que alguém que assistiu acha que foram eles que brigaram. Acuso, também na brincadeira, que tudo isso tinha sido culpa do uniforme do Baruel. Foi ele que havia “chamado” a briga. Nelsão dá risada. A hipótese fazia sentido.

- Xii meu filho - ele me diz - se eu começar a contar tudo que esse uniforme já passou....

“Não tem essa de amistoso na várzea”: o compromisso dentro dos clubes

Comumente tratada no plano do senso comum como um sinônimo de *pelada*, no sentido de um jogo informal, uma partida de futebol de várzea em nada se assemelha a uma prática espontânea e descompromissada. Como visto no relato acima, uma série de pequenas atribuições são necessárias para que o jogo aconteça da maneira esperada pelos varzeanos: agendar previamente o jogo com o adversário, o imprescindível uso de um uniforme, entre tantas outras. Atribuições que, por sua vez, podem também derivar em outras existências: a de uma pessoa especializada em marcar partidas de futebol de várzea, como o Daniel - que trataremos um pouco adiante, bem como de pessoas que trabalham com a lavagem de uniforme de times de várzea.

Se detendo também nas maneiras de uso do corpo que cada uma dessas configurações de futebolis - a várzea e a pelada - comportam (Damo, 2005), mesmo se tratando do mesmo gesto esportivo, sobressaltam notáveis diferenças. Enquanto uma postura corporal mais maliciosa e combativa, com o emprego de puxões, trancos mais ríspidos – ou até propriamente agressões como vimos - são em uma *pelada* comumente consideradas completamente fora de lugar e de propósito, tomados como excessos sem necessidade; em uma partida de várzea, esses são comumente parte de um repertório valorizado e esperado. Pode-se afirmar que mesmo um ótimo peladeiro, que possua bom domínio de diversas *técnicas corporais* existentes na prática do futebol, poderá não conseguir ter um desempenho satisfatório na várzea, onde são exigidos aptidões mais complexas, como um mínimo de domínio corporal sobre dimensões táticas do jogo; como se posicionar em campo conforme os movimentos da bola e dos outros jogadores – ou até mesmo saber o que fazer na hora de uma briga, seja mesmo para evitá-la. Da mesma maneira, alguém que jogue na várzea pode não encontrar o mesmo prazer e estímulo em participar de uma pelada⁶⁵, onde os níveis de tensão normalmente são bem mais baixos. Portanto, tal qual entre futebolistas profissionais e varzeanos existe uma considerável diferença de *capital corporal*, reside também uma considerável distância entre estar apto para

65 Embora jogar na várzea no final de semana e participar de uma pelada durante a semana, com colegas de trabalho e amigos em uma quadra de futebol society ou de futebol de salão, por exemplo, também sejam adesões comuns de se vivenciar as duas configurações de futebol.

tomar parte de uma pelada e de um jogo na várzea, embora as fronteiras para se aventurar na várzea sejam bem fluidas (Damo, 2007; Miskyw, 2012)⁶⁶.

Ademais de um acúmulo de experiências, aprendizados e disposições de uso do corpo, para fazer parte de um time de várzea é necessário também comprometer-se com algo além de uma mera satisfação e prazer de jogar bola. Jogar, dirigir, ou mesmo torcer, por um time de futebol de várzea é assumir - em alguma medida e por diferentes formas - um compromisso com um projeto. E como tal, se esperam determinadas condutas. De um jogador, por exemplo, tanto quanto uma *performance* satisfatória no jogo, se espera que ele não falte.

É preciso reservar um tempo do final de semana para se estar com o time, mesmo que para isso se tenha que abdicar de outras atividades e projetos. E esse tempo não é definido apenas pela duração da partida. É necessário ficar mais. Permanecer junto ao time depois que o jogo acaba e começa a *resenha*⁶⁷ é o procedimento apreciado. Jogar e ir embora depressa, salvo por compromissos de trabalho, costuma ser mal visto.

É durante o tempo da *resenha*, sempre regado a cerveja e jocosidades, que são comentados os lances da partida e o desempenho dos jogadores. É também o momento por excelência em que casos e acontecimentos marcantes são contados e recontados infinitas vezes - como a briga relatada no jogo contra o Barra Mansa que acabou entrando nesse rol. Quem os vivenciou conta com emoção, de forma exaltada, demonstra satisfação de ter participado ou testemunhado o acontecimento. E a cada nova vez que se conta, parece que o *grandão* cresce mais alguns centímetros, que os socos foram ouvidos de mais longe, etc. E contá-la serve também quem para que quem não esteve presente possa ser informado de uma história que também passa a lhe pertencer.

O tempo de dedicação exigido para quem tem funções administrativas na equipe é ainda maior; extrapola os limites do final de semana; é preciso *abnegação*. Cuidar do calendário e

66 Um peladeiro sem experiência no futebol de várzea não dispõe de capital corporal para triunfar nesse universo, da mesma maneira que um varzeano também não dispõe para atuar no futebol profissional. Inversamente, mesmo um jogador profissional com pouquíssimo prestígio no circuito do futebol profissional pode empregar o seu capital corporal com sucesso no futebol varzeano - o que comumente acontece na chamada "elite da várzea". Grande parte dos jogadores do futebol varzeano que são pagos para jogar nos times que mais investem para vencer competições, vem de experiências de pouco sucesso no futebol profissional. Na várzea, assim, além de encontrarem uma forma de emprego para o longo investimento que fizeram para se tornarem jogadores profissionais, conseguem o reconhecimento e o prestígio que não obtiveram no futebol profissional.

67 Expressão usada para designar o momento da conversa, do bate papo, entre boleiros, de varzeanos a profissionais.

do agendamento dos jogos da equipe, comparecer a reuniões e congressos de torneios, cuidar do uniforme, informar e mobilizar os jogadores para os próximos jogos, arrecadar dinheiro e fazer o balanço financeiro da equipe, organizar a forma de deslocamento até o campo, são apenas algumas das mais básicas tarefas entre tantas outras possíveis.

Não à toa, diante de todas as renúncias necessárias em relação a outros projetos (como estar com a família, com outros amigos, vivenciar outras possibilidades de lazer ou mesmo aproveitar oportunidades profissionais), outro assunto também recorrente nessas *resenhas* são aqueles que contrariam as prescrições implícitas de se fazer parte do time de várzea; seja essa por vontade própria – os que decidiram não assumir e seguir nesse projeto -, ou por conta de incapacidade – aqueles que não dispunham de capital corporal suficiente para jogar pelo time. Se faz piada – com ponderações - com a lembrança de um rapaz que trouxeram pra jogar e passou mal, *quase morreu*, por conta do acelerado ritmo do jogo, e do forte calor que fazia subir muita poeira do terraço; sem nenhum pudor, se dá risada e se indigna com a *performance* daquele zagueiro que veio jogar uma vez, *todo duro*, que deixou a bola pingar até o atacante roubar a bola e fazer o gol. Se desdenha daquele *bom atacante* que preferiu ir andar de skate aos sábados ao invés de jogar bola; e se ironizam aqueles que se ausentam com constância; sinal de que não se pode contar com eles; “*fulano tem festa de casamento todo final de semana?*”, “*ciclano faz mudança todo final de semana?*”.

Essas jocosidades são exemplos de ações que trabalham na demarcação de fronteiras simbólicas do que é jogar e pertencer a um time de futebol de várzea. Ao se lembrar, falar, rir ou indignar-se com os dissabores e as escolhas dos outros, se reforça a própria aptidão e o compromisso assumido de se estar ali a despeito de todas as outras possibilidades.

E mesmo quem muito faz pelo projeto não escapa de jocosidades. Não raro os diretores, técnicos, presidentes, responsáveis, *abnegados*, não importa o termo, acabam se constituindo em alguns momentos como o alvo preferido de piadas e brincadeiras - embora essas tenham ocasião apropriada para acontecer e, por vezes, inclusive, não serem nem realizadas diretamente a sua pessoa. Mesmo que se demonstre respeito, reconhecimento e, em alguns casos, até reverência por essa figura que se compromete com a existência do time para além do tempo do jogo e da *resenha*, marcando jogos, organizando uniforme, etc, parece que as

jocosidades que se direcionam a ela tem um significado edificante: lembrá-lo que conquanto ele muito trabalhe para o time, ele não tem o direito de se sentir melhor do que ninguém⁶⁸.

Enfim, “*na várzea não tem essa de amistoso*”, como já ouvi de algumas pessoas, de diferentes formas e em situações diversas. Toda partida disputada no futebol de várzea tem importância, mesmo que essa não seja parte da disputa de um campeonato, de modo a demarcar sua distância de uma pelada. Aliás, nem mesmo o que estou aqui chamando de amistoso é um termo amplamente usado por varzeanos para se referir a esse tipo de partida que não é válida por um campeonato ou festival. No geral, se referem a essa partida amistosa – forma como continuarei a chamando apenas para diferenciar as contendidas que não são válidas por campeonatos ou festivais – simplesmente por *jogo* - e pelas suas conjugações. “*No sábado, o jogo vai ser lá no campo do Flor na Vila Formosa*”, “*domingo vamos jogar contra o Arsenal do Centro*”. E quando a partida é válida por um campeonato ou festival, se costuma realçar ainda mais a sua importância, complementando com a informação que norteia o seu significado; “*Semana que vem é festival lá no Aliança ein*”, “*No próximo*

68 O que abre campo para uma análise clastriana sobre relações de poder nos times de várzea, tarefa já iniciada por Beverari (2009). Durante o tempo da pesquisa acabei assumindo algumas funções administrativas no meu time e vi isso acontecer comigo. Sai da função de responsável por cobrar as mensalidades do time para passar a marcar os jogos, organizar campeonatos – principal função do time, que hoje em dia se organiza a partir de uma estrutura bem informal, onde apenas as principais funções (marcar jogo e arrecadar dinheiro) são formalizadas. Todas as outras movimentações, decisões, etc, acabam ficando a mercê dos interesses situacionais das pessoas que jogam, que acabam se coligando aos que compartilham do mesmo interesse e agindo em prol dele (por exemplo, alguns jogadores do time B que se alinham para defender o direito deles de também participarem representando o Autônomos em festivais e campeonatos). Essa nova posição de marcar os jogos do time, junto com o processo de pesquisa – que de certa forma é se propor a elaborar um determinado saber e discurso a respeito de uma prática em que sou apenas mais um dentre os tanto outros que participam; e que de certa forma também é instaurar um certo interesse particular para além de simplesmente viver e desfrutar a várzea como a maioria faz -, bem como o meu envolvimento com o movimento pela preservação dos campos de várzea do Campo de Marte, me puseram como alvo dessas jocosidades de uma maneira diferente. Da mesma maneira que eu passei a ser mais consultado e procurado em particular por outras pessoas do time, em momentos em que elas tinham seus interesses como, por exemplo, conciliar o horário de um jogo no sábado de maneira que ela pudesse também trabalhar, minhas ações passaram a fazer parte do rol de jocosidades. Se comentava e dava risada do fato que agora “o Piva só anda com os velho, daqui a pouco ele vai tá lá com uma pança e andando de tal jeito”, ou que então “tá lá fazendo mestrado”; colocaram uma foto minha que indicava eu ser o departamento de relações públicas da luta pela preservação dos campos como capa de um grupo de whatsapp que funcionava como uma espécie de extensão virtual da resenha; entre tantos outros – que pela lógica, se estiver correto, não devo saber nem metade de todas essas brincadeiras.

*sábado temos jogo pela Intervarzeanos no Baruel, mata-mata” “Domingo é campeonato, rodada da Divinéia, precisa ganhar pra classificar”*⁶⁹.

“A glória de um time era a invencibilidade”

“A glória de um time era a invencibilidade”, se recorda Otacílio para descrever um passado da várzea onde não existiam tantos campeonatos como hoje em dia. Embora essa modalidade de disputa, o amistoso, tenha se tornado quase extinta no futebol *espetacularizado*⁷⁰, e que mesmo na várzea ela não possua mais o mesmo peso que teve no passado, ainda hoje existem muitos times de várzea que ocupam a maior parte de seu calendário futebolístico com esse tipo de disputa⁷¹. E o fato de representarem partidas “*avulsas*”, em que seus resultados não se encadeiam para criar uma sequência narrativa maior, como acontece em um campeonato, onde vão sendo tecidas *campanhas* a partir de cada novo embate que ordenará uma classificação final, não limitou os varzeanos de criarem os seus próprios significados para essas disputas.

Manter-se invicto a cada semana, não sucumbir diante de um novo adversário a cada nova partida, seja jogando em seu próprio campo ou em um campo adversário, era o que dava a medida de que todo e qualquer jogo era importante. Cada time contabilizava – e muitos ainda o fazem – o tempo que conseguiam permanecer sem perder. Três semanas ou três jogos sem perder. Cinco jogos sem perder. Sete jogos sem perder. E a partir dessa contagem se estabeleciam ou negociavam metas e possíveis comemorações.

Em uma ata de reunião do Cruz da Esperança de agosto de 1973, aparece um bom exemplo nesse sentido. Maurinho, diretor de esportes do clube na época, aparece na ata comentando

69 Mas esses empregos de termos podem variar conforme o nível da equipe e dos jogadores. Na várzea existem equipes que jogam apenas amistosos – e que obviamente dão grande valor a cada partida, não se referindo a essas contendas simplesmente como amistosos; e também equipes que disputam apenas campeonatos e festivais – casos em que normalmente existe um investimento financeiro para pagar jogadores em que não compensa gastar em uma partida considerada de pouco significado, um amistoso, ou colocar o prestígio do clube em risco entrando com um time formado sem o investimento financeiro. E ainda pode acontecer de o mesmo jogador que é pago para jogar por uma equipe em uma competição, jogar um amistoso sem receber por outro time do qual mantenha relações de amizade e proximidade.

70 Arlei Damo identifica essa tendência ao desaparecimento dos amistosos pela expansão e consolidação do que denomina de “circuitos do clubismo” (Damo: 2014).

71 Não dispor de muitos recursos para entrar em campeonatos – que cobram taxa de inscrição e taxa de arbitragem; ou não possuir um time competitivo que possa brigar pelo título, ao ponto que fazer um esforço para arrecadar um dinheiro necessário para participar do torneio poderia ser considerado um dinheiro jogado fora – variáveis que estão muitas vezes relacionadas – são algumas das maiores razões para um time se manter ativo principalmente a partir dos amistosos.

sobre a boa fase que vivia o time de futebol do Cruz. O time conseguia se manter invicto em disputas por campos em diferentes partes da cidade, fato que fez com que ele pleiteasse uma festa para os jogadores junto ao presidente do clube, que decidiu instituir que quando a equipe completasse uma sequência de vinte e cinco partidas sem perder – o que se traduz em cerca de seis meses jogando semanalmente – seria oferecido uma feijoada para os jogadores dos dois quadros de futebol do Cruz da Esperança.

Em equipes com uma estrutura mais simples, isso poderia ser estipulado pelos próprios jogadores, sem precisar negociar com parte da diretoria. Os índices de invencibilidade eram também definidos internamente. Cada equipe poderia criar a meta que lhe melhor coubesse. A premiação caso se alcançasse o que fora estipulado, segundo os varzeanos, sempre girava em torno de festas, jantares, da comilança e das bebidas. Geraldo Piccirillo, dos Dragões da Casa Verde, se recorda da urgência que esses sentidos mobilizavam para uma partida: “Era aquele negócio, você entrava em campo pensando, temos 9 partidas, essa nós não vamos perder de jeito nenhum..”.

E se do ponto de vista da organização interna de uma agremiação isso gerava uma determinada movimentação de planejamentos que estipulava metas e comemorações, entre a expectativa e a euforia, para se manter o maior tempo possível invicto, essas séries também circulavam por toda a várzea, conferindo status e significados a clubes e embates, alimentando ainda mais o desejo de não perder.

A ideia da invencibilidade era tão presente na várzea que na Gazeta Esportiva, jornal que realizava a principal cobertura desse futebol, além de circularem notas enviadas pelos próprios clubes que ostentavam suas sequências, chegavam mesmo a ser veiculadas notícias que tratavam desse tema em outros países, colocando os feitos dos varzeanos de São Paulo em perspectiva, como parte de um exercício de se valorizar os seus feitos.

“ESSA NÃO!... Italianos acham que 23 vitórias é recorde mundial de invencibilidade!” é o título de uma reportagem da edição de 3 de abril de 1966, que conta de um clube amador dos arredores de Nápoles, que se *gabava* de ter batido um recorde que pertenceria até então a um time amador inglês. Na nota da redação atrelada a essa notícia, escrevem que:

...temos só na várzea paulista dezenas de equipes com mais de quarenta partidas invictas. E, há dias, ouvimos falar de um quadro varzeano, se não nos enganamos, do bairro do Carandiru, que tem mais de 100 (cem) jogos sem derrota...

A partir disso, não parece à toa que um dos mais saudados eventos que já existiu no futebol varzeano de São Paulo, o Desafio ao Galo, disputado entre os anos de 1973 e 1996, com transmissão da televisão, incorporou a sua lógica de disputa essa espécie de fascínio pela invencibilidade. No Desafio ao Galo, todos os domingos pela manhã se disputava uma partida, televisionada ao vivo, onde o time vencedor – o invicto – ganhava o direito de permanecer para a semana seguinte, quando então uma nova equipe ganharia a oportunidade de tentar desbancá-lo. No final do ano, aqueles que conseguiam as maiores séries de vitórias ganhavam o direito de disputar um torneio que definiria quem era o “Super Galo”, que seguem sendo lembrados, debatidos e ocasionando controvérsias entre varzeanos veteranos. Por certo, a grande exposição que esse evento proporcionava, dando chance aos clubes de várzea e as suas comunidades de se exibirem para toda a cidade via televisão, é o fator chave que explica o grande sucesso que o torneio obteve entre os varzeanos. Conquanto, penso que não é possível ignorar que parte desse prestígio também se deu na maneira como soube basear sua disputa em uma lógica já estimada e reconhecida entre os varzeanos.

E ainda hoje se continua valorizando a invencibilidade no futebol de várzea. Mesmo entre equipes que também disputam torneios e festivais, se mantém o hábito de contar as sequências sem derrotas, que acabam percorrendo os campos da cidade junto de seus detentores, ajudando a estabelecer parâmetros. Afinal, sem um calendário de disputas unificado e com competições de longa data, e divisões que separam e hierarquizam os times, como se reconhecer um grande feito?

No ano de 2015, disputei junto com o Autônomos um festival organizado no campo da Divinéia – o CDC Jd Cachoeira, zona norte da cidade. Enfrentamos e vencemos um time chamado Mais que Mala, do Jardim Damasceno, também na zona norte. Mais do que a taça conquistada no festival, e do fato que esse time havia sido vice campeão da fase regional dos Jogos da Cidade, perdendo o título apenas nas cobranças de penalidades, o que corriam as bocas dos organizadores do festival e diretores dos outros times, na área social do bar, eram os comentários de que o *time dos roqueiro*, o *time do reggae*, o *time dos boy*⁷², haviam

72 Um morador do entorno, frequentador habitual desse campo, que criou essas representações sobre o Autônomos, em uma época em que jogávamos com frequência nesse local. Além dessas diferentes representações sobre nós (uma maioria de brancos, muitos tatuados, descritos como *esquisitos*, com barba e apreço pelo fumo), ele dizia que havia também o time dos “*cabecinha*”, formado por nordestinos recém migrados, que segundo esse homem, só davam chutão e saíam correndo. E também o time dos “*bolivia*” que jogava de vez em quando lá. Sempre meio *chapado*, ele fazia questão de ficar próximo da gente quando jogávamos lá. Posava pra foto junto com o time em campo, ficava na nossa roda de cerveja, ficava na porta do vestiário, avisava que a “*lojinha*” da região tava aberta. Por

quebrado a série de mais de trinta partidas invictas do Mais que Mala. Dois anos mais tarde, quando o Autônomos completaria onze partidas invictas, foi a nossa vez de perder um festival – o de comemoração ao aniversário do Otacílio Ribeiro, no campo do Baruel - e a invencibilidade contra o Isso Memo do Parque Peruche. Muito mais do que não levar a taça, o que chateava mesmo era recomeçar a contagem do zero.

Mesmo com o fim da Gazeta Esportiva, jornal para o qual muitos clubes no passado mantinham o hábito de enviar notas que contavam os seus feitos – como séries invictas -, os varzeanos ainda encontram outras formas de se fazer circular invencibilidades ainda se encontravam e encontram diferentes maneiras de anunciá-las. Por exemplo, um time que mandava seus jogos no campo do Baruel aos sábado pela manhã, o Camorra, mantinha uma lousa na área social do bar, próximo a entrada dos vestiários, onde os adversários que vinham enfrentá-los a cada semana podiam se deparar com suas longas séries de invencibilidades.

E além de ainda correrem invencibilidades sempre pelo boca a boca nos campos, hoje em dia, nas dezenas de "ligas" existentes de marcar jogos pelo celular – assunto que abordarei mais adiante –, seus detentores também as divulgam junto com o anúncio de partidas e de seus resultados.

No grupo de WhatsApp “Liga de Sábado”, com 215 membros representantes de diferentes times de várzea, criado em 24/05/2018, cuja descrição e lema é “Lembrando que juntos somos mais fortes em pró de uma várzea melhor”, uma mensagem, em setembro de 2018, afirmava: “Hj tem mais um jogão de bola... Oriente tentando manter a invencibilidade de 21 jogos sem perder”.

Em julho de 2017, no grupo “VÁRZEA” com 151 participantes, criado em 08/04/2014, a mensagem dizia: “Vida boa FC 4x5 Família R13. Parabéns rapaziada da hora o time de vcs perdemos a invencibilidade de 8 jogos mais foi jogão recomendo ao time do R13”. No grupo “VÁRZEA LESTE & SUL”, com 127 participantes, criado em 08/06/2015, em novembro de

vezes pedia dinheiro emprestado, anunciava alto que não deixaria ninguém mexer com a gente, etc. Parecia que a nossa presença gerava grande curiosidade nele, que tentava nos decifrar. Constantemente perguntava sobre os significados das tatuagens, entre outras. Em uma dessas ocasiões, ele identificou a tatuagem de um jogador do Autônomos, o símbolo da conhecida banda punk Dead Kennedys, com suas iniciais, DK, formando um desenho de traços retos, e perguntou pra ele meio impressionado: “Eita, você é do “zirigidum”, então? É macumbeiro?”. O tatuado do Autônomos riu e disse que não, que aquela era uma tatuagem punk. “Então vocês não gostam de *preto?*”, ele então indagou desconfiado sobre a resposta. “*Não, que isso, se tá confundindo com os nazi, a gente gosta, não tem nada disso, é contra o racismo, a gente briga com os nazi*”.

2017: “Hoje perdemos a nossa invencibilidade de 14 jogos pra a ótima equipe dos nossos amigos ai do botafogo do danfer num ótimo jogo placar justo 1 a 0 botafogo. So agradece o jogo e a visita”. “Agradece o time Unidos Água Preta pela visita belo time e ainda quebrou nossa invencibilidade”, dia 8 de setembro de 2018 no grupo “Amistosos de Sábado”, criado em 19/09/2017, com 206 participantes. “Venho agradecer e parabenizar a equipe do Almirantes pelo jogão de bola... independente do resultado o que vale é o bom futebol apresentado sem deslealdade só jogou bola parabéns. Fica aqui nosso agradecimento e nosso convite para quando quiserem voltar a nos visitar. Oriente 3 x 2 Almirantes AGORA SÃO 26 PARTIDAS SEM PERDER.”

Os juízes “da casa”

“Tinha time que fazia 100 partidas invictas... Por isso, tinha o problema das brigas em campo. Se tá lá com 99, chega um time lá e mete 2 a 0...ohhh...(silêncio e risos entre entrevistado e entrevistadores)... o juiz vai dar um jeito de empatar o jogo...” (Entrevista Otacílio).

"Antigamente, a várzea era tomada assim: quando o visitante vinha jogar com o time da casa, ele era sempre menosprezado: apanhava tanto na bola como no cacete...(risos) Tinha time que não tinha acordo, você ia jogar e ia apanhar mesmo, não tinha colher de chá, tinha que sair correndo..." (Entrevista Nelsão).

A partir dessa valorização da invencibilidade, alguns varzeanos explicam parte das lógicas operantes nos embates do futebol varzeano. Ainda hoje, para quem é habituado a jogar em campo adversário, não é raro deparar-se com uma arbitragem *caseira*, como na partida que descrevi mais acima contra o Barra Mansa. Se tratando de um esporte de intenso contato corporal, com diversos lances sujeitos a interpretação de quem o arbitra, essa percepção de ser roubado pode acontecer de diferentes maneiras. Desde decisões discretas – mas perceptíveis para quem joga e assiste-, como, por exemplo, o juiz adotar um diferente critério para as equipes em relação ao uso de trancos em disputas pela bola no meio de campo, até em lances mais decisivos da partida, normalmente acionados em uma situação limite, como assinalar um pênalti inexistente após um esbarrão induzido em uma cobrança de um escanteio no final da partida quando o time da casa precisa de um gol para empatar ou vencer.

Em partidas que não são de campeonato e festival, não se costuma investir na contratação de arbitragem para apitar os jogos. Muitas vezes são os próprios membros dos times da casa, ou do campo, que cumprem a função de juiz; podendo acontecer até da mesma pessoa que foi o

juiz durante o primeiro tempo de jogo reaparecer como centroavante na segunda etapa. Alguns times, mesmo em amistosos, contratam um juiz devidamente uniformizado como tal. Em alguns campos, inclusive, se cobra do time visitante uma taxa de arbitragem. No entanto, isso não garante isonomia no cumprimento das regras do esporte. Abaixo, reproduzo algumas mensagens que expõe esses casos e circulam pelos grupos de marcação de jogos no WhatsApp, bem como algumas de suas repercussões:

“Um recado aos mandantes! Vocês não precisam ganhar todo jogo, tem que saber perder! Ontem fomos jogar num campo (não vou falar o campo) no primeiro tempo estava um juiz muito bom, apitando certinho o jogo e estávamos ganhando o jogo. No segundo tempo entrou um juiz aí começou a roubalheira até empatar, sem contar a maldade pura de alguma jogadores! É um time que não jogamos mais!”

“Correto. Tem que divulgar mesmo, pq times que são só visitantes tão sofrendo bastante ae.” 3 de setembro de 2017, grupo VARZEA, com 151 participantes, criado em 08/04/2014.

“Atenção rapaziada time Amigos do Jd Edda está de parabéns. Mais o juiz e nota zero roubou na cara dura arrumou um pênalti q não existiu para ele saírem com a vitória falta de respeito time da casa tem futebol para ganhar mais o juiz roubar.” 8 de novembro de 2018, grupo FESTIVAL E AMISTOSO, 248 participantes, criado em 02/07/2018.

“Tá brabo mesmo joga fora tá desanimante o juiz te roba na cara dura e agente tem que manter a calma pra não arrumar problema sábado fomos jogar na vila jaguara contra o toa toa time bom campo legal mas o veio q apito uma vergonha recomendo ao time não coloca mas esse senhor pra apita pq ele merece respeito mas o visitante também o cara do bar falo q ninguém ganha do toa toa lá por causa desse senhor” 6 de fevereiro de 2018, grupo AMISTOSOS DE SABADO, 206 participantes, criado em 19/09/2017.

“Time toa toa vila jaguara bela equipe mas pelos comentários das pessoas q frequentam o cdc sempre o mesmo juiz da um jeito pra eles não perderem acho q vcs tinham q rever isso pq ele já é um senhor de idade e está errando muito ele deu 3 penalty pros mandantes vamos respeitar os visitantes” 6 de fevereiro de 2018, grupo AMISTOSOS DE SABADO, 206 participantes, criado em 19/09/2017.

Algumas dessas situações relatadas também entrelaçam a atuação dos juizes, a iminência ou ocorrência de brigas, como também apareceu relacionado na narrativa de Otacílio sobre a várzea no passado:

“Pessoal Boa noite hoje jogamos na Vila Piauí contra o Vila Copos o time deles ganhando no primeiro tempo e mandando quebrar a perna do meu jogador e mandando dar no meio o juiz do primeiro tempo nota 10 no segundo tempo tiraram o juiz colocaram outro o juiz roubou muito o time deles bateram muito no final do jogo o juiz queria brigar com meus jogadores faltava 2 minutos tivemos que acabar o jogo para nos sair do campo sem se machucar meu time e de Barueri saímos de longe para ter um lazer no domingo e encontramos um time que só queria mandar dar no meio e quebrar as pernas do meu jogador por isso não recomendo time nenhum jogar lar blz.” (1 de outubro de 2017 – grupo de whatsapp Bola da Várzea, 78 participantes, criado em 09/08/2015).

Resposta:

“Como vc eh mentiroso... Seu time de muleke não sabe perder... E o lance da briga com o juiz foi pq seu jogador que por final eh seu filho (que falaram) mesmo fora do jogo chingou o juiz e veio pra cima dele... Aí que começou a briga... Eu (goleiro) ainda fui separar e passar pano pro seu jogador não apanhar por uma briga com o juiz... Time soh de moleque...muleke que não sabe fazer ambiente... Ainda que separamos a briga com o juiz e não deixamos nada acontecer pq se eh em qualquer outro lugar vcs nem se quer sairiam de lá sem tomar um pau... vários times vieram aqui e mesmo que nos perdíamos o jogo... Oq acontecia era futebol e soh...Agora nós ganhando o jogo vc acha que iríamos mandar quebrar a perna de alguém... Vc tem que policiar seus jogadores a respeitar para serem respeitados... Inclusive o técnico de vcs soh falava merda e tbm foi pra agredir o juiz... Ninguém eh trouxa de apanhar quieto.... E teve um jogador seus tbm que quando estávamos separando começou a falar que era função e que era do Munhoz... Citando quebrada pra intimidar quem? Por isso antes de falarem... Procurem respeitar as pessoas e saber chegar nos lugares” (1 de outubro de 2017 – grupo de whatsapp Bola da Várzea, 78 participantes, criado em 09/08/2015).

Do ponto de vista técnico, como acontece na imensa maioria dos jogos amistosos, o juiz tem uma difícil missão: sem contar com a ajuda de auxiliares de linha (bandeirinhas), recai sobre ele a tarefa de assinalar a regra de impedimento dos dois lados do campo, ao mesmo tempo em que tem que observar e julgar com presteza todo o resto que acontece em campo. Por isso, fazer o papel de juiz e lidar com a pressão desse papel é, no geral, uma tarefa pouco apreciada entre os que não recebem para tal.

E mesmo quando não se é deliberado de antemão que o juiz ajudará o time da casa, qualquer decisão tomada por ele pode ser assim interpretada. A existência dessa noção implícita, apreendida pela experiência, de que, em um lance duvidoso – ou mesmo nem tão duvidoso

assim - o juiz apitará para o time da casa, também é o mesmo princípio que instaura um olhar de desconfiança para qualquer lance assinalado por um juiz em um jogo de futebol de várzea. Não à toa, uma das grandes preocupações de juízes que apitam campeonatos de várzea, assim como dos organizadores desses torneios, é com a prevenção e a segurança contra agressões.

No ano de 2018, circulou pelos grupos de marcação de jogos de várzea, um vídeo caseiro gravado em uma partida válida por um dos torneios de maior prestígio disputado na cidade de São Paulo atualmente, a Copa Martins Neto, em que um time foi pra cima do árbitro e de seus auxiliares, os encurralando e agredindo na entrada do vestiário do campo em que a partida foi realizada. Por conta da agressão, os organizadores decidiram excluir essa equipe por cinco anos das futuras edições da competição, bem como suspender todos os jogadores e a comissão técnica – os que assinaram a súmula da partida – por um ano, impedindo-os, assim, de participar da próxima edição do torneio atuando por outra equipe.

Frente ao ocorrido, a empresa responsável pelos árbitros desse torneio, a WD Arbitragem⁷³, decidiu paralisar por uma rodada o campeonato em solidariedade ao árbitro agredido. A organização do torneio, no entanto, não concordou com a paralisação do campeonato, e tentou negociar diretamente com os árbitros que a empresa disponibilizava, oferecendo, inclusive, valores mais altos que os anteriormente pagos. Outras empresas de arbitragem também aderiram à paralisação⁷⁴, se posicionando de maneira a estabelecer solidariedade ao árbitro agredido.

Jogando fora do “pedaço”: as fronteiras simbólicas dos amistosos

"Eles têm campo de futebol, piscina, toda uma estrutura bem montada lá. Então, eles convidam a gente pra jogar - nessa época, eu jogava pela Ponte Preta (do Peruche). A gente chega lá, estaciona os carros onde tinha que estacionar e entra - você tinha que esperar alguém abrir o portão pra você entrar - e então, a gente entrava no campo. Entrava pelo lado social, onde todo mundo entra. Quando a gente começou o jogo, ainda não tinha gente, não tinha ninguém. Quando começava a chegar o pessoal deles, o lado social fechava e a gente tinha que sair pelos fundos. E a nossa briga era essa sempre: "nós vamos sair por onde entramos. Nós não entramos pelo fundo, nós entramos pela frente, nós vamos sair pela frente. E outra coisa, nós vamos utilizar o bar de vocês igual todo mundo está usando. Nós vamos

73 Essa mesma empresa de arbitragem, além de apitar os principais torneios do futebol de várzea hoje, também apita torneios e partidas internas de clubes como Paineiras, Paulistano e Banespa.

74 Foram essas a Pimentel Arbitragem, Hm Arbitragem, Ld Eventos Esportivos, LCT – Teixeira, 3ms – Vinícios e Salim, Padilha FPF Arbitragem, COOPASP – Renato Rocha, MoOvii – Vander e Lica Arbitragem.

usar, pode chamar a polícia, pode chamar quem vocês quiserem... Então, não convida a gente pra jogar. Vocês têm estrutura, têm tudo aí e nós não pode usar? E a nossa briga era essa sempre. Com restrições, mas deixavam, vigiado, com um monte de segurança do lado pra você não dar um passo a mais da onde você não podia" (Entrevista Nelsão).

"Você ia jogar em lugar em que tinha *função*, era jogo ótimo, você era bem tratado, e não tinha confusão. Você ia jogar em clube fechado... Olha, tinha preconceito. E o Dragões é um time da periferia, de um bairro que era de predominância negra, entendeu? Teve uma época que só tinha eu, meu irmão e o Otacílio que éramos brancos, os outros oito eram negros..." (Entrevista Geraldo).

"Nós jogamos dentro da detenção, aqui na casa de detenção do Carandiru (...) no meio do Pavilhão 9, nós chegamos lá e eram quatro portões pra atravessar... tivemos a maior torcida da nossa vida, todo mundo torcia contra a seleção deles... nós fomos tratados, assim, humanamente... só que quando você chega, você se depara com a forma desumana que era... e o mais ruim que a gente brincava (antes do dia do jogo, entre as pessoas do time) "cuidado, você não vai sair"... e quando chegamos lá, a primeira pessoa que eu vi foi um rapaz que estudou comigo, eu vi o cara em uma situação ali, aquilo chocou... a gente viu muita gente que a gente conhecia também porque a gente joga por aí, estuda, trabalha... gente que a gente não imagina que ia ver ali naquela situação..." (Entrevista Geraldo).

Em artigo sobre as identidades e alteridades do que chama de circuitos do clubismo, dentro do campo do futebol espetacularizado, Damo (2014) argumenta que os campeonatos cumprem uma função prática e simbólica de demarcação de fronteiras e reconhecimento de prestígio. O autor destaca os sentidos intrínsecos ao termo “liga”, remetendo a grupos de aliança, característica central para a compreensão dessa modalidade de competição alicerçada em circuitos clubísticos. Neste sentido, não importa tanto os espaços nos quais os jogos são realizados, mas contra quem e porquê se joga. Em oposição aos campeonatos e ligas, diz Damo (ibidem), estão os amistosos, que por sua falta de seriedade, tendem a desaparecer.

Se, por um lado, no universo do futebol de várzea de São Paulo, os amistosos são encarados com seriedade e compromisso, por outro, possibilitam, como afirma Damo (ibidem), interações de equipes que não pertencem aos mesmos circuitos e, portanto, ligas ou campeonatos, possibilitando não apenas a circulação dos times por outros espaços sociais da cidade, mas sobretudo, de jogar entre fronteiras simbólicas. Nos termos de Magnani, trata-se de uma experiência de disputa fora do “pedaço” (Magnani, 2007) e, muitas vezes, do “circuito” dos clubes e seus membros.

As três cenas de abertura se referem a amistosos, jogados fora de casa, nos quais os espaços dos campos são articulados a representações sociais e identidades. Assim, se essa modalidade permite com que se circule das quebradas aos presídios até clubes privados da elite, essa circulação não é realizada sem estranhamentos, conflitos, negociações e reflexões.

Quando Geraldo opõe, em sua fala, campos de função com campos de clubes privados, ele se refere a um imaginário de que seriam melhor tratados neste segundo espaço, por este pertencer a membros da elite, em uma equivalência de educação com escolarização. É na interação com essa classe, que se reúne não em campos de várzea mas em seus clubes pagos, que Geraldo confirma o preconceito contra seu time, por ser de periferia com quase todos os jogadores negros. Da mesma forma, Nelsão conta dos constantes conflitos que sua equipe tinha para “sair da mesma forma que entrou” em um clube judaico, que lhes negava também o uso dos equipamentos de lazer.

A ruptura existente nesses dois casos se transforma em continuidade quando os Dragões jogam no Pavilhão 9 no Carandiru. Ali, o choque, não foi pela discriminação, mas por encontrar tantos conhecidos, assinalando que qualquer membro do time poderia estar naquele lugar “desumano”. Se cruzar os portões dos clubes explicita uma realidade totalmente inacessível a esses varzeanos, passar pelas grades da prisão, apresenta um horizonte do possível.

Nessas interações e experiências travadas nos campos dos clubes, prisões ou de função, as fronteiras simbólicas e identitárias vão sendo delineadas na medida em que também se coloca em perspectiva o passado, presente e futuro de cada varzeano e sua equipe. Piscina, campo bem cuidado, bar, funcionários e portões, ou melhor “toda uma estrutura bem montada”, se opõe radicalmente à experiência de quem teve que construir com as próprias mãos e com muita *abnegação* seu campo de terrão. Por mais que Nelsão e seus parceiros brigassem para utilizar esses equipamentos, em nenhum momento, em sua fala, está a expectativa de que seu campo seria assim. Por outro lado, na reflexão de Geraldo, está o assombro de que a vida atrás das grades poderia fazer parte do futuro, ou do presente, de sua equipe.

A forma pela qual times com perfis heterogêneos e pertencentes a pedaços e circuitos tão desiguais e distintos marcam amistosos é o tópico do próximo item.

A Liga do Daniel ou como se encontrar para jogar

Há anos, Daniel cumpre a mesma rotina aos sábados pela manhã. Sai de seu apartamento no bairro da Bela Vista, centro da cidade de São Paulo, e conduz seu carro até algum campo de futebol de várzea. Nunca leva chuteiras ou uniforme. Carrega consigo apenas uma pasta de couro marrom, abastecida de cadernos e recibos. Quando chega ao seu destino, olha no relógio e marca cerca de 20 minutos. Conversa com algumas pessoas e observa um pouco do jogo em andamento. Recebe o que tem que receber e vai embora. Seu destino é outro campo de várzea. Em uma dessas manhãs de sábado, ele me conta que seu *golzinho* já vai até sozinho, conhece bem os caminhos. Nesse sábado que o acompanhei, o itinerário percorrido é o seguinte: do ponto inicial na sua casa no centro da cidade vai até o campo da Vila Manchester, na zona leste; depois se dirige até o campo do Mooquem, ainda na região leste, próximo a Avenida Aricanduva; atravessa, então, a ponte sentido rio Tietê e chega no campo do Flamengo da Vila Maria, já na zona norte da cidade; sai de lá e avança um pouco mais pela Vila Maria, quase na fronteira com o município de Guarulhos, e para no campo do Magnólia, no Parque Novo Mundo; depois retorna em direção ao rio Tietê e avança até a região do Campo de Marte; pelo caminho, passando perto do centro, olha para o outro lado do rio, onde está o campo do Anhanguera da Barra Funda e do Nacional do Bom Retiro, destinos também usuais de seu traçado, mas não dessa vez; aponta também os lugares onde existiram campos já desaparecidos, que também outrora estiveram em seu destino, se recorda do Bola Preta e do Sul-Americano; chega até o campo do Jardim São Bento, na Avenida Braz Leme; sai de lá e finalmente chega ao Complexo de Campos do Campo de Marte. Olha o relógio mais uma vez, como em todas as paradas, e faz o que tem que fazer até dar a hora voltar a dirigir, finalmente, de volta pra casa.

Daniel é um dos mais antigos *coordenadores* de futebol de várzea de São Paulo. Há exatos cinquenta anos, agenda jogos para times de futebol em campos de várzea de diferentes regiões da cidade. Começou marcando jogos para a sua própria equipe, o Saveiros Futebol Clube, do bairro do Canindé, local onde nasceu e residiu até sua vida adulta. Nunca foi muito bom de bola, restando apenas assumir alguma tarefa de organização pra poder participar efetivamente da equipe. No final da década de 1960, com apenas 16 anos de idade, conseguiu seu primeiro time. Passou a marcar jogos para o time da Nestlé São Paulo, aos sábados pela manhã, período em que os times ligados a fábricas e empresas preferiam jogar. Não existia, na época, nenhum *coordenador* especializado nesse período. Vislumbrou, então, uma oportunidade de construir uma trajetória nesse segmento. Abandonou as funções que exercia

no Saveiro e passou a se dedicar a função de *coordenador*. Dessa época até hoje, continuou cuidando da agenda de diferentes times que jogam pelos campos de várzea da cidade de São Paulo – sempre aos sábados pela manhã.

Daniel não é o único coordenador de várzea atuante na região metropolitana de São Paulo, embora seja um dos mais antigos e conhecidos. Esse é um nicho relativamente pequeno dada a abrangência da várzea. Os coordenadores de várzea se conhecem quase todos e mantêm algum tipo de relação entre si⁷⁵. Seja de apoio mutuo, socorrendo um companheiro de ofício quando está difícil arrumar um time para fechar um jogo, ou mesmo de rivalidade, fato normalmente atribuído a algum episódio em que um *coordenador* teria *atravessado* o negócio do outro.

Quando perguntado sobre esses outros personagens que dividem o mesmo ofício, Daniel não apenas cita de cabeça uma lista de cerca de dez componentes que conecta nomes e apelidos a lugares da cidade; mas também é capaz de reconhecer linhagens que foram se sucedendo ao longo do tempo; filhos e esposas que tocaram adiante o negócio do falecido pai e marido; bem como outros coordenadores que foram introduzidos nesse universo por personagens também já falecidos.

O próprio Daniel, nas vezes em que me contou sobre sua trajetória, sempre fez questão de reverenciar a sua própria linhagem. Quando começou a marcar jogos lá no final dos anos 1960, começou sendo instruído por um personagem, o qual se refere como seu *padrinho*: Alberto Gomes, o popular *Baleiro*, coordenador da conhecida e extinta Liga do Brás. Essa liga, embora ainda lembrada por veteranos da várzea, não tinha existência formal e nem se atribuía de organizar torneios e eventos esportivos específicos. A existência dela era confinada a um espaço e tempo precisos: às quartas e sextas-feiras, a partir do final da tarde, varzeanos se dirigiam a esquina formada pelo entrecruzamento da Avenida Rangel Pestana e da rua Maria Marcolina, no bairro do Brás, próximo ao Largo da Concórdia. A Liga do Brás não era sediada em algum edifício específica. Na verdade, funcionava como tantos outros

⁷⁵ Muitas vezes os coordenadores que tem boas relações se especializam dentro dessa área de agendar jogos. Assim como Daniel oferece jogos aos sábados pela manhã, por exemplo, Valter Sola é conhecido por ser especialista aos sábados a tarde. Outros coordenadores se especializam em determinadas regiões da cidade, alguns conseguem também marcar jogos, inclusive, para equipes que jogam em clubes privados, com desejados campos de grama natural, e recebem times adversários de fora.

pontos da cidade que eram escolhidos e apropriados por pessoas que compartilhavam o envolvimento com alguma prática específica⁷⁶.

Alguns relatos de quem vivenciou esse espaço indicam o seu funcionamento parecido como uma espécie de feira livre. Os varzeanos que por lá se encontravam para arranjar jogo simplesmente gritavam e anunciavam suas propostas: “*Sábado no meu campo! Pago vantagem*”⁷⁷; “*Domingo no meu campo!*”. Outros relatos, complementam com informações que ajudam a decifrar um pouco de sua reconhecida ordenação. Nesse local, a função de Baleiro - e de seus apadrinhados - era a de orientar os varzeanos, sobretudo os novatos nos encontros, e pelo conhecimento que já detinham dos campos e de seus funcionamentos, fazer conversarem os responsáveis de cada time. E não menos importante, era o papel que exerciam no sentido de formalizar essas partidas: providos de uma máquina de escrever, datilografavam os detalhes dos ofícios que ajudavam um tom oficial para as contendidas acertadas. Quem não conseguisse agendar uma partida na quarta-feira, voltava a comparecer na sexta-feira. Além da função pragmática de servir como referência organizacional de uma prática esportiva que não contava com apoio de uma federação, como não poderia deixar de ser, os encontros proporcionados pela Liga do Brás serviam também para se atualizar do que acontecia em outros campos, com as demais equipes, saber das séries de invencibilidade, de possíveis brigas⁷⁸, etc.

Concomitantemente a existência da Liga do Brás, do outro lado da cidade, no bairro da Lapa, zona oeste, também se reuniam varzeanos em uma esquina. A chamada Liga da Lapa funcionava de maneira parecida a do Brás, mas com os seus próprios personagens⁷⁹, atraindo para os arredores do Mercado Municipal e da estação de trem representantes de times de localidades mais próximas a essa região da cidade. Brás e Lapa, dessa maneira, dois lugares da cidade que concentravam – e ainda concentram - intensa atividade econômica na cidade; locais importantes de passagem e destino para onde muitos homens se deslocavam no papel

⁷⁶ Como por exemplo, funcionava o Largo do Paissandú, no centro da cidade, nas noites de segunda-feira no momento da pesquisa de Magnani (1984) Festa no Pedaco.

⁷⁷ Como era conhecida a ajuda de custo para a locomoção do visitante. Hoje em dia se perdeu esse costume.

⁷⁸ Hirata (2005) trás em seu trabalho relatos de como esses encontros na Liga do Brás, ao fazer circular o que se passava nos campos, poderia também funcionar como instância de debates, deliberações e sanções informais, com equipes e personagens se tornando mal vistos e constrangidos a não aparece mais no local – o que acarretava, por sua vez, também na restrição de suas possibilidades de circulação pelos campos de várzea.

⁷⁹ Daniel se lembra do nome de Perci Crota, personagem que exercia função equivalente ao que o seu *padrinho*, o Baleiro, fazia no Brás.

de trabalhadores, cumpridores de sua jornada de trabalho; mas por onde também, por meio dessas Ligas, conseguiam ganhar as suas esquinas encarnando outros papéis, de diretores, técnicos e presidentes de suas equipes de várzea, para organizar durante a semana, no tempo considerado do trabalho, a prática que escolheram para vivenciar em seu tempo livre.

Tirar do tempo e do espaço do trabalho para dar a várzea. Foi assim que Daniel conseguiu progredir na sua atividade de *coordenador*. Aquilo que identifica em sua trajetória como o grande ponto de virada, foi quando conseguiu conciliar os encontros na Liga do Brás com o seu trabalho em uma empresa de construção civil. De manhã bem cedo, começava sua jornada vigiando e vistoriando obras. Quando terminava o seu turno, durante a tarde, se dirigia até o escritório da empresa⁸⁰. Por conta da boa relação com o dono da empresa, que o chamava de “*seu filho preto*”, e que sabia da atividade paralela de Daniel de marcar jogos, conseguiu que uma linha telefônica fosse disponibilizada para seu uso. Permanecia, então, junto ao telefone no escritório até a noite, então, concatenando jogos de futebol que aconteceriam nos campos de futebol de várzea de São Paulo.

Ao narrar essa época, um de seus norteadores são os números dos telefones. Do “220-7239” utilizado na empresa, Daniel conta que conseguiu juntar dinheiro e comprar um telefone para sua casa, o “229-1447”. Nas entrevistas em que realizei com ele, bem como em conversas informais, parece gostar de relembra-los e enuncia-los.

Com a morte de seu ex-patrão e o consequente fim da empresa, após passar mais de duas décadas conciliando os dois ofícios, Daniel passou a se dedicar exclusivamente a função de *coordenador* de jogos. Se mudou para o apartamento onde vive hoje na Bela Vista, que conta, demonstrando gratidão, ter sido um presente deixado por esse mesmo ex-chefe. E desde então, com o fim do ponto de encontro no Brás, que Daniel explica que foi *se exterminando* por conta da popularização do acesso às linhas telefônicas, ele passou a tocar sua liga da própria sala de sua casa. É esse o endereço que consta nos cartões que distribui pelos campos de futebol de várzea.

Nas vezes em que estive em sua casa – e liga -, pude observar melhor o ritmo de seu trabalho. Entrevistá-lo sem interrupções é impossível. Começa às oito horas da manhã a atender e fazer ligações e encerra só perto das dez da noite. Em uma dessas visitas, ocasião em que gravamos

⁸⁰ Zaterka Sociedade Civil de Engenharia Ltda.

uma entrevista para ficar no acervo do Museu do Futebol, enquanto Daniel lembrava a época em que também usava a coluna “Convites para jogar” da Gazeta Esportiva, explicando se tratar de uma espécie de seção de classificados para arrumar jogos de várzea, o telefone tocou:

- Oi Douglas, tudo bom?... O Dú falou com você, né?... É, é, ele mesmo, eu marquei com ele semana passada, tá tudo certinho...Isso, ele ligou pra mim semana passada...Outra pergunta, sábado posso dar um pulinho no campo?... (Daniel gargalha bastante com a resposta de Douglas)... Então tá bom Douglas (rindo). Lá pra meio dia e meia eu to aí, tá bom? Um abraço, um prazer ouvi-lo, tchau, tchau.

Depois de desligar a ligação, rapidamente retomou normalmente a entrevista da parte em que havia parado. Daniel nunca fez nenhum telefonema nas vezes em que tive a oportunidade de entrevistá-lo, mas tampouco recusou alguma chamada. Como gosta de pontuar, “*toda ligação pra mim é importante*”; e não apenas por se tratar de uma oportunidade de casar um jogo, cumprir com o trabalho para o qual recebe. “*Eu não viso só o dinheiro, eu viso todas as coisas, tudo ao mesmo tempo*”, ele reflete sobre sua ocupação. Por isso, não aceita depósito bancário. Reserva os seus sábados pela manhã, período em que seus clientes jogam, para ir até os campos e receber os cem reais mensais que os times mandantes que usam seus serviços tem que lhe pagar⁸¹, assim como fora acertado no chamado de Douglas exposta acima. Transcorridos cerca de quinze minutos nessa mesma entrevista, enquanto conjecturava a respeito de sua ética particular, que dizia o separar tanto da *frieza* dos grupos de marcação de jogos gratuitos do WhatsApp como da figura de um *mercenário* interessado apenas no lucro, foi a vez de Daniel mobilizar e refletir sobre a ligação de Douglas que havia atendido há poucos instantes:

Você não viu que eu falei para o rapaz agora? Eu vou no campo... Esse rapaz trabalha comigo há 40 anos. Eu comecei a marcar jogo para esse cara aqui (Douglas), ele não era nem nascido... (risos de todos os presentes na entrevista). Antigamente o time chamava Só Caixa, joga lá no Manchester. Hoje chama Manchester... Ele não era nascido esse cara aqui... Eram outros rapazes que são falecidos.

Na parte final da mesma entrevista, quando perguntado se havia alguma história que gostaria de contar e deixar registrada, aparecem alguns desses significados que Daniel identifica a sua

⁸¹ Daniel trabalha também com pacotes de partidas “avulsas”, jogos “experimentais” e, inclusive, por diversas vezes não cobra das equipes visitantes, afinal, “*tem vez que não dá pra ganhar dos dois lados*”.

maneira de conceber seu trabalho para além do retorno financeiro. Daniel quis contar sobre um antigo sonho que tinha: marcar jogos no campo do Lausanne Paulista Futebol Clube, tradicional equipe da zona norte de São Paulo:

Eu conheci um rapaz chamado Eli, que é jogador do Lausanne. Esse Eli foi a mão palmatória para mim. Ele me levou para o Lausanne. Quando entrei no Lausanne, o presidente falou:

- Não, eu não quero liga aqui – há quatro anos atrás.

E esse Eli falou:

- Não, ele vai entrar, ele vai entrar porque eu quero que ele entre... eu conheço a pessoa.

Eu entrei... Faz 4 anos que estou lá. Faz 4 anos que não falta um jogo, não tem um problema. Entrou um novo diretor no Lausanne e eu falei pra ele:

- Olha, eu vou entregar.

Ele simplesmente me falou:

- Daniel, em time que se ganha, a gente não se mexe, a gente conserva. VOCÊ É UM PATRIMÔNIO AQUI DO LAUSANNE JÁ.

(Emocionado) Isso me deixou muito feliz... (chorando) Me deixou com mais vontade de fazer as coisa, me dá animo...

E durante sua trajetória de *coordenador*, Daniel acompanhou o surgimento de outras formas de se marcar jogos de futebol de várzea. Nenhuma parece lhe revoltar tanto quanto os grupos de WhatsApp. Por suposto, o advento dessa tecnologia e de sua apropriação pelos varzeanos como uma importante ferramenta de organização de seus eventos, gerou um impacto direto na vida de Daniel: perdeu muitos de seus clientes. Embora não reclame diretamente nesses termos; nunca ouvi ele falar algo do tipo “perdi muitos clientes por conta do WhatsApp”, costuma refletir bastante e expor sobre alguns valores que identifica serem intrínsecos a essa tecnologia, bem como sobre possíveis consequências de usá-la.

A forma de funcionamento de uma Liga de WhatsApp teria como marco o que Daniel identifica como uma *frieza* nas relações. Com o tanto volume de mensagens de times anunciando a busca por partidas, é fácil se perder, deixar passar e não conseguir agendar um jogo; não existe o contato direto via telefone como ele preconizou ao longo de seu trabalho. A partir disso, Daniel menciona também perigo do *desconhecido*, mobilizando e relacionando o episódio de um assassinato de um rapaz em um campo de Osasco em outubro de 2017, com o risco de se relacionar com quem não se conhece. E quando conta de antigos times que lhe abandonaram por conta do WhatsApp e que acabaram retornando por conta de experiências ruins, seja por não conseguirem agendar seus jogos ou por terem vivenciado brigas, é quando

demonstra de maneira mais enfática seus sentimentos sobre a tecnologia: “Esse negócio é LIXO...É Lixo... Isso não serve para o futebol... eu não trabalho com isso, é porcaria”.

Algumas vezes, como no jogo relatado contra o Barra Mansa, marquei partidas do Autônomos com o Daniel, conciliando com o uso das ligas de WhatsApp. De vez em quando o Daniel me ligava, perguntando se já tínhamos jogo para o sábado, oferecendo uma partida. Em uma dessas ocasiões, comentei com que jogaríamos em um dos vários campos do Parque Ecológico Tietê, informação que fez com que Daniel me aconselhasse veementemente: “Você vai acabar com seu time marcando jogos nesses lugares. Eu já vi muito time acabar assim”. Conquanto exista também entre os criadores e administradores das Ligas de WhatsApp uma rejeição ao trabalho dos *coordenadores*, por serem vistos por alguns desses como pessoas que só querem ganhar dinheiro na várzea, reprimindo inclusive menções nesses grupos de WhatsApp a esses *coordenadores* quando algum varzeano os indica a um time desesperado por não conseguir agendar um jogo, uma grande quantidade de times se valem dessas duas maneiras de conseguir jogo. Conservando antigas formas ou absorvendo novas maneiras, pouco importa, o que é mais urgente para os varzeanos é evitar o grande pesadelo de passar um final de semana sem jogar bola.

Campeonatos e torneios

Pedaços em um mesmo espaço: fronteiras negociadas

O campo estava cheio de curiosos que permaneciam no local depois de outras partidas. As equipes já estavam uniformizados em campo, enquanto a organização do torneio, em uma mesa na lateral do terreno, conferia seus documentos de identidade. Nesse momento, o trio de arbitragem informou: o camisa 9 do Autônomos, Bruno, estava proibido de jogar.

A razão alegada era que, durante o aquecimento, ele teria sido visto urinando atrás de um dos gols do campo. Bruno não negou: com medo de que a partida começasse logo e perdesse o pontapé inicial, ele decidiu não ir até o banheiro, localizado próximo a área social do campo, e fez o seu xixi discretamente atrás de uma das traves. Os jogadores do Autônomos não se conformaram com a proibição e uma discussão entre membros da equipe, arbitragem e os organizadores do torneio se iniciou, atrasando o início do jogo.

A infração não constava no regulamento e ninguém sabia explicar a razão em suspender o jogador antes do início da partida baseado em critérios que não constavam nas regras estipuladas. Durante a conversa, alguns jogadores do Autônomos passaram a reclamar entre si da formalidade do torneio, que o torneio “não tinha nada a ver” com o time. Um desses, mais exaltado, sugeriu que a equipe deixasse o campo e perdesse de WO, visto a grande injustiça que acontecia ali – apelo que não teve nenhum eco entre os demais jogadores do time.

No meio do acalorado debate, chegou a informação de que a ideia de punir o jogador teria partido de um homem de uma das equipes da casa e figura próxima dos organizadores. Ele estaria revoltado com a atitude do camisa 9 de urinar em público em um ambiente repleto de mulheres e crianças.

Após o bate boca, o Autônomos conseguiu “reduzir” a pena de seu camisa 9: ele poderia jogar, mas começaria a partida com um cartão amarelo por conta de sua atitude. Vitor Birner, técnico do Autônomos e jornalista esportivo da Tv Cultura, desempenhou papel fundamental nessa negociação. Talvez por conta de seu prestígio enquanto membro de um reconhecido programa televisivo de futebol, o Cartão Verde, tenha contado, junto com o pedido de desculpas e o reconhecimento de que essa atitude não foi correta.

Essa cena explicita a plasticidade dos regulamentos nos torneios da várzea. Embora haja a tentativa de formalizar as disputas com a criação de um Comitê Disciplinar e um regulamento com as regras e punições, como se trata de uma modalidade autoconstruída, os embates e resoluções se dão em um outro nível, mais pessoal e situacional, nos quais fronteiras morais são negociadas.

Se, durante o embate, foram alguns jogadores do Autônomos que expressaram seu descontentamento em participar de um torneio distante de suas práticas, no restante das ocasiões da Copa Clube da Várzea, como na cerimônia de sorteio dos grupos, quem tratou com desdém nossa equipe foi o organizador desse campeonato. Rafael “Gordão”, como é conhecido, nos tratava como se não pertencessemos, de fato, ao mesmo mundo varzeano que ele. O Autônomos entrou em seu campeonato apenas por ser mandante no campo do Baruel, onde os jogos de seu torneio foram realizados.

Mais do que a heterogeneidade da várzea paulistana, esse (des)encontro entre Autônomoa e Gordão mostra a característica reversível dos campos, que pode no mesmo dia, por exemplo,

receber um jogo que reúna velhos conhecidas de bairro logo cedo pela manhã, que depois se juntarão para tomar uma cerveja e se juntar a outros veteranos que já não jogam mais, mas que se encontram e jogam dominó na área social do campo; acolher um churrasco de comemoração do aniversário de um jogador de uma outra equipe, com a presença de convidados que não frequentam semanalmente o local, onde ocorrerá uma roda de samba; abrigar um jogo entre outros dois times de diferentes localidades que mantém há tempos uma boa relação, fato que fará com que seus diretores e alguns de seus jogadores confraternizem após a disputa; e ser palco de uma festa com uma banda de samba-rock, ou forró, ou discotecagem de soul e funk, que atrairão também pessoas que nunca haviam pisada anteriormente no espaço.

Aos seis clubes que administram os campos do Complexo de Marte, somam-se as equipes que preenchem o restante dos horários dos campos⁸², mais os adversários que visitam o local todos os finais de semana. O resultado é que, detendo-se apenas a prática do futebol de várzea, encontramos um cenário que mobiliza milhares de pessoas, homens em sua avassaladora maioria; divididas e organizadas em projetos coletivos minimamente estáveis, que inclusive podem chegar a décadas de existência, onde coexistem distintos níveis de comprometimento pessoal.

Existe, portanto, uma circulação de pessoas em função das atividades existentes que trazem a esses locais temporalidades distintas. Se cada um desses campos pode ser tomado como um *pedaço*, é como se fossem formados diferentes *pedaços* nesses locais a depender do dia e horário. Uma pessoa que frequenta o campo do Cruz da Esperança pela manhã de sábado, por exemplo - período e dia em que joga há anos um time da velha guarda dos Gaviões da Fiel, maior torcida organizada do país, criando um momento que proporciona o encontro não apenas daqueles que calçam as chuteiras para entrar em campo, mas também de homens e mulheres que se dirigem regularmente para essa localidade para encontrar amigos e colegas que fizeram e fazem parte do dia a dia dessa coletividade -, pode não reconhecer esse mesmo espaço aos domingos; ou mesmo aos finais da tarde de sábado, quando entra em campo a última equipe a jogar nesse dia no campo, o Grêmio Recreativo Gazeta Esportiva, time fundado, em 1951, por funcionários desse diário que exerceu um importante papel na cobertura – e mesmo alguma relevância na organização – do futebol varzeano, e que prosseguiu em atividade mesmo com o fim do jornal, se autonomizando do âmbito do

82 São em torno de mais trinta equipes.

trabalho onde fora criado - assim como a SADE, reunindo em suas fileiras desde antigos trabalhadores, seus descendentes, até pessoas que não fazem a menor ideia da antiga raiz laboral do clube; que antes de chegar ao Cruz atuava no campo do Bola Preta, extinto no começo da década de 2000; de onde chegara também vindo de outros campos também extintos no passado, como o América de Santana, que assim como o Baruel, se localizava no terreno onde seria construído o Parque Anhembi.

E se tratando de dinâmicas que já perduram por décadas conjuntamente a existência do Complexo de Campos, esses personagens se diversificam ainda mais. Muitas pessoas que hoje frequentam o Complexo de Campos foram levadas ao local por laços de parentesco; seus pais, tios, entre outros, jogavam nesses locais. Diversos desses personagens que no passado fizeram parte do cotidiano desse local, que chegaram a ocupar, inclusive, funções importantes na sua construção e organização, já não estão mais por ali, seja por já não fazerem mais parte desse mundo; ou por terem se mudado de bairro e de cidade; ou até se aborrecido com alguma coisa na várzea. Mas o local se mantém aberto, ao longo de sua sempre dinâmica constituição, a chegada de novas figuras. Por exemplo, alguns grupos migrantes e imigrantes que vieram a São Paulo e se estabeleceram nos bairros da região da Casa Verde, entre pessoas do interior da Bahia e da Bolívia, que encontraram no Complexo de Campos um local para conviver fora de seu horário de trabalho, onde seus times de futebol encontram campo para construir suas trajetórias.

Assim, sem a existência de uma instância reguladora das relações, partidas e torneios, interagir em um campo de várzea, antes, durante e depois dos jogos, envolve conflitos e negociação sobre os modos adequados de se comportar, que, por vezes, se estendem para dentro das próprias equipes. Depois do problema do camisa 9 do Autônomos no torneio organizado por Rafael “Gordão”, em outra ocasião, vi um de nossos jogadores urinando na lateral do campo e lhe chamei a atenção. “Cê tá chato hein? Tá parecendo esses diretorzinho de várzea”, me respondeu ele.

Se o campo do Baruel permitiu a convivência entre figuras tão distantes da várzea, opondo Autônomos e “Gordão”, o próprio Complexo de Campos possui suas fronteiras.

Na primeira vez que jogamos no campo do Pitangueira, me surpreendeu o fato de que Kiko, supracitado jogador que intermediou no final de 2015 um horário para o Autônomos ser mandante no campo do Baruel, criado nesse local, onde frequenta desde a infância, que aquela era a primeira vez que jogava no campo vizinho. Para se ter uma noção, a proximidade

física dos campos é tamanha que é comum que um chute em um desses campos faça a bola invadir um jogo realizado no outro. Como seria possível que ele nunca havia pisado no verde gramado vizinho?

Fora as figuras mais engajadas na organização dos clubes e de seus campos, entre as quais o *abnegado* Otacílio, esses locais eram e são vivenciados de uma forma mais restrita. Quer dizer, uma imensa maioria dos frequentadores se dirige ao Complexo para ir em apenas um dos seis campos existentes. Existe uma vivência separada entre esses espaços, tanto em relação a convivência regular nesses espaços, como na maneira de conduzi-los, onde cada um dos clubes responsáveis pelos campos tem autonomia para resolver suas questões administrativas em relação ao resto do Complexo, como, por exemplo, quais equipes usufruirão dos horários do campo, quais eventos sociais sediarão, etc⁸³.

Embora o Baruel e o Pitangueira, terceiro e quarto clubes a se instalarem no terreno do Complexo do Campo de Marte, respectivamente, possuam trajetórias com vários pontos que os aproximam – data de fundação próxima, mesma região da cidade, experiências de perda de campos-, acompanhar o dia a dia das duas agremiações em seus campos, *de perto e de dentro* (Magnani, 2012), é deparar-se com uma série de diferenças entre esses espaços e as formas de se vivenciar o futebol de várzea. Se ater a algumas dessas diferenças, que apresentarei a seguir, servirão como ponto de partida para aproximar-se de questões atinentes tanto ao Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte, seus personagens, lógicas e lutas pela permanência no terreno, quanto do próprio futebol de várzea, prática esportiva delineada por múltiplos sentidos – assunto que tratarei com mais acuidade descritiva mais adiante.

O campo de jogo do Baruel é o que se pode tomar como uma clássica representação do terrão do futebol de várzea. Composto na maior porção de sua área central por uma mistura de terra e areia que é contornada por porções de mato que crescem naturalmente nas suas extremidades laterais, o terrão do Baruel tem personalidade, traços típicos; contém uma série de miudezas conhecidas apenas pelos que ali jogam com alguma constância. Em um dos lados do campo, por exemplo, próximo ao bico da grande área, vive um pequeno aclave, que forma uma espécie de ilha; uma pequena porção de chão mais alta, disfarçada pela mata que a recobre, difícil de perceber pelo olhar; mas sentida por quem se desloca sobre ela, por onde não é incomum ver alguém se desequilibrar, perder a passada, velocidade, e até mesmo cair

⁸³ O que obviamente, como em diversos outros campos de várzea da cidade, bem como qualquer tipo de projeto coletivo, não é imune a discordâncias e disputas.

sozinho. Outro ordinário exemplo é o fato dos times que mandam os seus jogos no campo do Baruel geralmente escolhem atacar o primeiro tempo sempre para o mesmo lado do campo. Valendo-se de teorias elaboradas a partir das pequenas diferenças geométricas existentes entre as dimensões dos dois lados do campo, que possibilitaria mais espaço para atacar no segundo tempo do jogo, momento em que adversário estaria mais cansado, o que traria uma vantagem na disputa. E quando chove o campo do Baruel foi, ao longo desses últimos três anos, o campo mais castigado entre todos do Complexo – e os lamaçais formados por conta da facilidade do campo em concentrar água são explicados, por veteranos que viveram ou por jovens que ouviram falar, pelo fato de ali ter sido um curso d'água.

Já no Pitangueira o terreno de jogo é de gramado natural, coisa rara nos campos de várzea de São Paulo, dado o alto investimento e a custosa manutenção que isso exige. Dentro do Complexo, entre os seis campos, além do Pitangueira, apenas a SADE também mantém um campo com gramado. Mas é ao campo do Pitangueira que é atribuído, usualmente, em conversas com os varzeanos, o status de melhor terreno de jogo entre todos os campos lá existentes.

O calendário futebolístico do campo do Baruel é direcionado pelos times que por lá mandam suas partidas⁸⁴. Aos sábados, atualmente, jogam as equipes do GR da Casa Verde, Isso Memo do Parque Peruche, Grêmio da Casa Verde e o Autônomos FC, que é a única equipe que não tem sua origem ligada aos bairros da região; e só conseguiu um horário semanal no campo graças a influência de um de seus jogadores que também joga por um dos times do Baruel aos domingos. Sejam em partidas amistosas, festivais ou campeonatos⁸⁵, essas equipes jogam contra adversários que são parte do cenário do futebol varzeano, sendo esses velhos conhecidos, rivais ou desconhecidos vindos de todo canto da cidade e afora.

No campo do Pitangueira, além de atuarem algumas equipes⁸⁶ que recebem times de fora todos os finais de semana, o calendário do futebol é preenchido pela escolinha de futebol mantida pelo clube, aos sábados pela manhã, e também pelos torneios internos entre os sócios

⁸⁴ Essas equipes garantem seus horários mediante o pagamento de uma taxa de manutenção mensal, revertida pela diretoria do Baruel as despesas do campo. Conseguir um horário como mandante em um campo. Sobre esse valor, pra efeito de comparação

⁸⁵ Diferentes configurações que tratarei mais adiante.

⁸⁶ O valor da taxa de manutenção mensal do campo do Pitangueira é mais que o dobro da quantia cobrada no campo do Baruel. E pra efeito de comparação, mesmo assim, o valor do Pitangueira é proporcionalmente mais barato que o aluguel de uma quadra de futebol society na unidade mais próxima da franquia mais conhecida da cidade.

do clube. São campeonatos conhecidos como *paradões*⁸⁷, que reúnem associados das categorias veteranos e sêniores que, como o nome indica, já não possuem a vitalidade de outrora dentro de campo. As equipes são formadas a partir dos sócios que, além de não estarem inadimplentes com a mensalidade do clube, devem pagar uma taxa exclusiva de participação no campeonato. A maneira pela qual a divisão dos times participantes é muito mais fluida em comparação às equipes de várzea. Na edição do segundo semestre de 2018, por exemplo, os associados do clube que participaram do torneio dos *paradões* foram distinguidos por times que identificados por nomes de diferentes marcas de cerveja⁸⁸, se assemelhando assim a uma vivência esportiva comum aos clubes privados da cidade, que comumente realizam torneios internos entre seus associados.

Super Copa Pioneer, a Champions League da várzea

Chegando na avenida Brigadeiro Faria Lima, já próximo ao meu destino, a cena era curiosa: além da esperada e habitual presença de homens engravatados, pessoas em trajes sociais e uniformes de trabalho, que deixavam os prédios e centros comerciais da região, avançavam também pelas calçadas homens que ostentavam suas coloridas indumentárias, entre camisas, bonés e agasalhos, de times de futebol que traziam estampadas menções a bairros da periferia da cidade. Acompanhando os passos dos varzeanos pelas ruas do Itaim Bibi, chegamos até a porta do local, o Bibi Gastronomia, cuja fachada original havia sido substituída nesse dia por um grande banner que dava boas vindas aos convidados do evento. Completados exatos dez anos que o futebol de várzea havia sido varrido dessa região, por conta do processo que culminou na extinção dos campos de várzea do Parque do Povo, essa prática reaparecia em festa dentro de um elegante buffet.

Na entrada do recinto, duas jovens bem arrumadas recepcionavam as pessoas e faziam cumprir a ordem: só seria permitida a presença dos que estivessem com o seu nome em uma extensa lista de convidados. À esquerda, a poucos passos da porta de entrada, um grande banner com o logotipo de todos os apoiadores e patrocinadores do torneio servia de pano de

⁸⁷ Uma prática bem comum entre os varzeanos mais veteranos, sobretudo, são os chamados *rachões*, que são partidas internas, onde os dois times são formados por colegas e amigos do mesmo clube. Alguns desses varzeanos justificam a existência desses jogos pela maior tranquilidade dessas disputas em comparação aos jogos contra outras equipes de várzea, ocasiões em que são atribuídas a existência de maior tensão e de um clima mais propenso a confusões de mais difícil resolução. É comum ouvir desses justificativas como “já estou velho pra ficar brigando”, apesar dessas partidas rachões também não serem livres de possíveis desavenças.

⁸⁸ Esses times foram chamados de Kaiser, Budweiser, Proibida, Brahma, Heineken, Skol, Antarctica e Bohemia.

fundo para uma série de entrevistas. Diante desse cenário se posicionavam alguns repórteres, munidos de equipamentos amadores de audiovisual, que aguardavam a chegada de diretores dos times varzeanos para conversar sobre planejamentos, investimentos, contratações e perdas.

No grande e arrumado salão, garçons circulavam oferecendo cerveja, refrigerante e água para os convidados. Embora existissem dezenas de mesas bem arrumadas, com toalhas brancas, lugares pré reservados, onde constavam um caprichado material impresso com o regulamento do torneio, poucos eram os que permaneciam sentados. Os representantes das mais de 60 equipes participantes, muitos já conhecidos de longa data, preferiam interagir de pé uns com os outros; colocavam a conversa em dia, trocavam jocosidades, compartilhavam as dificuldades enfrentadas para *montar* seus times, encontrar as *peças* que faltavam, e demonstravam indignação com a *falta de palavra e comprometimento* dos jogadores que circulavam por um inflacionado mercado varzeano: "*jogador de várzea tá pior que puta, vai onde paga mais*". Pizzas, sanduíches de carne louca e diversos salgadinhos faziam com que os presentes se amontoassem em volta de uma mesa bem arrumada, coberta por toalhas brancas, criando a ocasião para mais interações.

Camisetas, casacos, bonés, de várias cores e com estampas espalhafatosas que apresentavam o distintivo do time e faziam menção à sua “quebrada” de referência. Se a espetacularização daquele ambiente havia me causado certa estranheza, o clima jocoso que imperava no trato entre os varzeanos não diferia dos campos de várzea que já havia conhecido. Ninguém ali parecia constrangido com as instalações “chiques” de um estabelecimento localizado no Itaim Bibi.

Foi neste contexto que vi o Rafael “Gordão” do Clube da Várzea entre os presentes. Sua vestimenta se destacava dos demais. Alinhava um blazer preto, com calça social e sapatos. Não pude deixar de lembrar da abertura da Copa Clube da Várzea, feita na área social do Baruel, e estabelecer uma comparação com o que estava vivenciando naquele momento. Tentava imaginar o que se passava na cabeça do Gordão, recém-lançado como empreendedor e organizador de campeonatos no universo varzeano, ao ver um evento daquele porte. A escolha da roupa não parecia nada aleatória. Ele certamente sabia de antemão o que encontraria naquele buffet da Faria Lima muito mais do que eu. Escolher a melhor roupa possível parecia um sinal claro de que estar respeitavelmente presente nesse evento significava muito para qualquer pretensão que ele tinha de “ser alguém” no mundo da várzea.

Pouco depois, cruzamos olhares que acarretaram em uma discreta saudação. Seguimos discretamente cruzando olhares algumas vezes ao longo da noite, como se quiséssemos decifrar a presença do outro naquele espaço. Imaginava a surpresa dele ao encontrar ali alguém vinculado ao Autônomos, uma espécie de time não bem recebido em sua Copa Clube da Várzea, um time de várzea sem quebrada, que não agregava nenhum prestígio ao torneio, pelo contrário, trazia apenas pequenas confusões e debates como na ocasião do jogador que urinou uniformizado em campo aberto.

Em um lugar de destaque do salão, estava exposto o cobiçado troféu de campeão do torneio. Cuidadosamente iluminada, posta em um pedestal de acrílico e protegida por cordões de isolamento, a taça era uma réplica idêntica do troféu da Liga dos Campeões da Europa. O artefato, banhado a prata, mobilizava o encanto dos presentes, que da distância permitida posavam para *selfies* e fotografias que pareciam já serem prontamente enviadas para aqueles (seus pares) que não haviam sido convidados para a festa.

A inspiração na competição de clubes de futebol mais rica do mundo ia além, não parava por aí. O sorteio que definiu os grupos e a tabela da competição foi precedido por uma pequena cerimônia que fez com que a intensa circulação pelo salão cessasse temporariamente. A atenção de todos se voltou para a mesa dos organizadores, dividida entre membros do Pioneer e patrocinadores do campeonato. Ao microfone, Sergio agradeceu primeiramente ao presidente da rede de farmácias Bifarma, a Eurosport, empresa paulista de materiais esportivos que desenvolveu bolas de futebol personalizadas para o torneio, e a Uniex, maior empresa de confecção de uniformes de futebol de várzea, localizada no bairro do Brás. Em seguida, Sergio passou a enfatizar a parte disciplinar do torneio, lembrando que das 64 equipes participantes apenas uma se tornaria campeã. Ou seja, era preciso controlar os ânimos e prezar pela disciplina e bom comportamento tanto da torcida, que deveria ter todo o uso de artefatos pirotécnicos controlado pelos organizadores do torneio, quanto dos jogadores, que deveriam respeitar os árbitros, contratados de uma empresa especializada.

Quando finalmente chegou o momento do sorteio, Sergio convocou as duas mulheres da recepção para se juntarem à mesa de sorteio. Alguns assobios acompanharam o trajeto delas até os quatro postes que separavam as equipes entre as grandes zonas da cidade, de modo com que os grupos do primeiro estágio da competição fossem compostos por um representante de cada região (leste, oeste, sul, norte). Os confrontos que emergiam do sorteio geravam grande comoção entre os presentes. Havia ali desde equipes tradicionalíssimas, como o Ajax da

Vila Rica, o Botafogo de Guaianazes, ambas da zona leste, passando por equipes mais novas ainda pouco conhecidas, como o já mencionado Vic Vic, até equipes de fundação recente que já gozavam de certo prestígio no universo varzeano, como o Favela de Heliópolis, de 2014.

Todas as partidas do torneio seriam disputadas em dois campos: o CDC Dorotéia, em Diadema, e a “Arena” Santa Amélia, na região de Santo Amaro. Ambos os campos foram reformados nos últimos anos, contando agora com gramado artificial no lugar do antigo terrão. A “Arena” Santa Amélia, álias, não é uma excentricidade no futebol de várzea de São Paulo hoje. Muitos campos da cidade que tem sido reformados com a aplicação de grama sintética tem sido rebatizados como “Arenas”, se valendo desse termo em voga que diferencia os novos estádios do futebol profissional brasileiro.

Com a definição dos grupos, as luzes se apagaram e Sergio pediu que os presentes prestassem atenção no vídeo que passaria no telão ao lado, enfatizando, sobretudo, a letra da música que tinha sido escolhida como hino do torneio. Se a inspiração para o design do troféu vinha da Europa, a referência da música escolhida como tema da competição não era diferente. Misturando elementos de dois universos futebolísticos aparentemente distantes, entre a projeção dos distintivos dos clubes participantes de regiões periféricas de São Paulo sob a trilha sonora do hino da Liga dos Campeões da Europa legendado e traduzida, a mensagem que o vídeo queria passar era explícita: "Estas são as melhores equipas; Elas são as melhores equipas de todas; O evento principal!"⁸⁹. A Super Copa Pioneer, competição organizada pelo Pioneer Football Club para a comemoração dos trinta e cinco anos da equipe fundada na Vila Guacuri, em Diadema, se firmava como o evento de maior prestígio no futebol de várzea de São Paulo atualmente existente.

A profissionalização da várzea?

Com o fim da Copa Kaiser, que foi disputada anualmente entre 1995 e 2014, chegando a reunir mais de 200 equipes de toda a cidade em um complexo sistema de disputa regionalizado, com duas divisões e pequenos torneios que serviam como seletiva para as fases finais do campeonato espalhados por diversos campos de várzea, criou-se um vácuo no futebol varzeano de São Paulo. Durante a sua existência, essa competição alcançou a posição de torneio de maior prestígio do calendário varzeano, o que incluiu, inclusive, a cobertura de

⁸⁹ A letra oficial do hino é cantada em francês, alemão e inglês. Esse trecho específico, no original, mistura os três idiomas: "Ces sont les meilleures équipes; Sie sind die allerbesten Mannschaften; The main event".

algumas mídias impressas de alta circulação voltadas para o futebol profissional e a apropriação de alguns de seus espaços tradicionais, como a realização das partidas finais do campeonato no estádio do Pacaembu.

Nos anos de 2015 e 2016, a Copa Bifarma, que leva o nome de uma rede de farmácia com forte inserção nos bairros periféricos da cidade, emergiu como candidata a ocupar o lugar de torneio mais importante da cidade chegando a pagar como premiação o valor de 20 mil reais à equipe campeã. No entanto, muitos varzeanos vem apontando o surgimento da Super Copa Pioneer, em 2016, como um novo marco na história do futebol de várzea de São Paulo. Organizado pelo Pioneer Football Club, da Vila Guacuri (Diadema), para comemorar o aniversário de 35 anos da equipe, o torneio tem forte inspiração estética na Liga dos Campeões da Europa, principal torneio de clubes profissionais do continente europeu.

Pode-se afirmar, dessa maneira, que a Copa Kaiser foi um grande marco na trajetória do futebol varzeano de São Paulo. Entre os varzeanos mais entusiastas - hoje já saudosos - e aqueles críticos ao que essa competição representou, todos são unânimes em apontar o fato: a Copa Kaiser catalisou um movimento de profissionalização do futebol varzeano. Não que antes de seu surgimento não se pagasse jogadores, mas durante o período em que essa competição foi disputada, essa prática tornou-se mais recorrente, atingiu um outro nível e estabeleceu um novo parâmetro: toda equipe de futebol de várzea que tenha a pretensão de conquistar os torneios considerados de maior prestígio precisa desembolsar um bom dinheiro para montar suas equipes⁹⁰.

Esses altos investimentos (ver Spaggiari, 2015) acarretaram em uma grande circulação de jogadores, técnicos e até mesmo dirigentes por clubes varzeanos. Ao mesmo tempo, cresceu o discurso, entre veteranos e varzeanos, de que o futebol de várzea estaria se descaracterizando. Os clubes de várzea, antes formados por jogadores que mantinham laços territoriais comuns às suas equipes, que jogavam por *amor à camisa* e à *quebrada*, agora para poder figurar entre os grandes clubes da várzea deveriam montar equipes competitivas, o que levava tanto ao pagamento dos jogadores como a busca por essas *peças* em outras localidades.

⁹⁰ E mesmo os raros casos de equipes que conseguem lograr uma conquista sem investir financeiramente no pagamento de jogadores, como é o caso apontado por varzeanos do Nos Travamos do Jardim Tupi, zona sul de São Paulo, campeão da Copa Kaiser em 2008, não permanecem alheios a essa dinâmica. Depois da conquista, essa equipe não conseguiu manter os jogadores do time campeão, assediados financeiramente por outras agremiações varzeanas. Ainda existem casos de times bem tradicionais

Nesse mesmo processo, começa também a figurar a noção de uma *elite* da várzea, que seria formada pelos clubes que correspondiam a esse alto investimento exigido para figurar nas primeiras colocações das maiores competições do futebol de várzea. E toda essa movimentação foi acompanhada também pelo uso situacional de outro termo para se nomear essa prática do futebol de várzea que se profissionalizava: futebol amador. Curiosamente, empregado por muitos envolvidos nesse universo tanto como uma espécie de *distinção* em relação aos demais clubes de várzea que não estavam inseridos nessas competições, de maneira a afirmar as fronteiras que o faziam parte de uma *elite* da várzea, bem como também parte de uma estratégia⁹¹ de trazer respeitabilidade a uma prática estigmatizada, o termo adotado - amador -, se tomado em seu sentido literal, é exatamente o oposto do que caracterizaria toda essa movimentação.

As formas de financiamento desses clubes da *elite* da várzea foi questão já trabalhada por alguns autores que se debruçaram sobre o tema do futebol de várzea. Entre práticas de mecenato, onde atuam personagens que se articulam em tramas que envolvem relações com o universo da política (Spaggiari, 2009 e 2015) e do legal/ilegal (Hirata, 2005), é possível deparar-se, como demonstram os depoimentos acima, também com a mobilização de noções que se aproximam da ideia de *abnegação*, bem como decorrentes conflitos com outros projetos.

No entanto, ao contrário do que acontece com a maioria das equipes de várzea que ainda hoje ocupam grande parte de seu calendário com a disputa de amistosos e torneios de menor prestígio, no qual muitas vezes a atuação de seus *abnegados* cumpre o papel de uma espécie de bastião de uma história que parece sempre carregar o perigo da dissolução, os clubes da

⁹¹ No primeiro evento do seminário sobre o futebol de várzea no Museu do Futebol, em setembro de 2017, um depoimento paradigmático de Flávio Adauto, idealizador da Copa Kaiser, dá a dimensão estratégica do emprego do termo, quando ainda idealizava e negociava com algumas empresas a criação dessa competição: "O grande desafio foi vencer o ranço do nome várzea. O nome remetia a tudo que pudesse ter de ruim. Remetia ao cara que se veste mal, ao cara que anda pendurado no trem, remetia só a coisas ruins. E eu tentando mostrar... Porque quem comanda as grandes empresas não são meninos como nós assim de setenta, setenta e poucos anos... são os garotos que tem MBA, são os garotos que saíram de Harvard. Eles é que dirigem praticamente todos os departamentos de marketing das grandes empresas. Quando vou me reunir agora como diretor do Corinthians com grandes empresas, eu encontro rapazes de no máximo 30 anos. Se eu falar pra eles, eu organizei um torneio de várzea, um vai virar pro outro e falar "o que que é isso?". Eu tive esse preconceito nos primeiros momentos que eu tive que induzi-los a aceitar que era Campeonato de Futebol Amador, que passou a ser o título que a gente usava, sabendo que eu estava dentro da várzea, eu dizendo várzea. Mas eu não conseguia vender a várzea... Porque o preconceito era tão grande... Aí diziam: "ah bom, se quer falar de futebol amador...é...aquele que joga no campo que não tem grama, aquele que joga no campo que o cara tá descalço..."...Não! Aqueles que estão nos campos que produziram praticamente a história do futebol brasileiro". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZytTmhg2qgI>

elite da várzea, em sua imensa maioria dos casos, se constituem como organizações muito mais complexas. Além de uma diretoria e de um plantel de jogadores, quase todos esses clubes são acompanhados por torcidas formadas a partir da localidade em que se inserem.

Do futebol profissional à várzea: a trajetória de um torcedor organizado

Mais de dez mil pessoas lotam um estádio do futebol profissional. A fumaça vermelha e amarela, a luz dos sinalizadores e outros artefatos pirotécnicos se mistura às bandeiras de mastro na arquibancada. Cantos organizados, acompanhados de percussão e gritos, ecoam durante toda a partida. Animados, os torcedores chegam em ônibus fretados para a partida, entoando seus hinos e carregando suas insígnias.

Essa cena se remete a partidas de grandes clubes do futebol profissional brasileiro, mas descreve as disputas da Super Copa Pioneer. Se Spaggiari (2015) conclui que muitos jogadores do futebol espetacularizado encontram inserção no futebol “profissional” de várzea, o mesmo acontece com membros das torcidas organizadas, que sob processo de criminalização e mudança, fundam ou se articulam a times de várzea, onde encontram o espaço social que começa a se esvaziar na matriz espetacularizada.

Esse é o caso de Ari, que com apenas 27 anos, reergueu o Vic Vic Futebol Clube junto de outros dez moradores da favela da Vila Prudente. O clube, fundado há 15 anos por um pernambucano na favela, não disputava os grandes torneios no início de sua trajetória. Foi só recentemente, quando Ari e outros resolveram reerguer o time que andava “meio caído” que a equipe passou a disputar os campeonatos mais reconhecidos da várzea de São Paulo. Esses personagens, todos homens e jovens, compõem hoje a diretoria da agremiação. Ari me contou que eles funcionam como uma cúpula que planeja, organiza e investe no time.

O engajamento associativo por meio do futebol não é algo novo em sua vida: o jovem da Vila Prudente, que trabalha atualmente como técnico de ar condicionado, foi membro atuante da Independente, maior torcida organizada ligada ao São Paulo Futebol Clube. Contou-me orgulhoso de histórias de caravanas com a torcida, de brigas, da amizade que mantém até hoje com ex-jogadores do clube, como o atacante Leandro “Guerreiro”, e com o ator de novelas Henri Castelli, conhecido por seu forte envolvimento com esse grupo. Ari me mostrou fotos e mensagens do seu aparelho celular, como se quisesse comprovar o que falava e não deixar nenhuma dúvida sobre a veracidade do que contava.

O cotidiano como torcedor organizado, com a constante presença em estádios e em viagens para acompanhar o time jogando fora de casa, no entanto, foi deixado de lado. Ari, envergando uma camiseta branca, verde e vermelha, cores do Vic Vic, que cobria o seu tronco forte de lutador amador de muay-thai, me falava como a equipe da Vila Prudente lhe tomava completamente o tempo e a vontade. Me explicava porque e como a várzea lhe empolgava hoje em dia muito mais do que o futebol profissional.

Longe de ser uma trajetória excepcional, a partir de etnografia na Super Copa Pioneer, encontrei muitas histórias semelhantes de torcedores que desencantados com as transformações do futebol profissional, encontram na várzea um espaço social de possível interação e construção. A percepção desses atores de esgotamento do espaço social dos estádios se relaciona tanto novos modelos de estádios, mais disciplinados, elitizados e preparados para o consumo e conforto (Florenzano: 1998; Cruz: 2005; Hollanda: 2014; Campos: 2014; Gaffney e Mascarenhas, 2014), como nos novos significados atrelados a experiência do torcer, resultado de um processo de crescente incorporação do cálculo do consumo racional a esfera esportiva (Toledo: 2002; 2010, 2012, 2014). Assim, se cada vez mais, a festa dentro dos estádios está submetida a regras rígidas e os ingressos se tornam mais caros, no universo varzeano, ainda há possibilidade de organizar canto, batuque e artefatos pirotécnicos⁹².

⁹² Podemos ver paralelos com outras experiências internacionais, como, por exemplo, o “calcio popolare” na Itália que surge em meio ao contexto de críticas ao futebol espetacularizado e a percepção de esgotamento do espaço social no futebol espetacularizado, que propõe e cria espaços sociais de relativa autonomia a essa matriz futebolística, por meio da fundação de equipes de futebol, organização de torneios, criação de redes de contato e comunicação próprias, articuladas ao universo da militância antifascista e de esquerda. Para saber mais, ver Piva, 2014.

Considerações finais

O que faz com que o futebol de várzea continue ocupando um papel privilegiado como modalidade de lazer e associativismo popular na cidade de São Paulo? Foi com essa pergunta, motivada por um contexto de ameaça de mais um espaço dedicado a essa prática, que iniciei a pesquisa.

Convivendo com os veteranos da várzea do Campo de Marte, os acompanhando em suas vivências onde essa prática esportiva aparece indissociável a luta pela construção e pela permanência dos espaços onde se inserem, eles me ofereceram outras maneiras de se olhar para essa questão: o futebol de várzea só seria possível por causa de seus *abnegados*, o que poderíamos entender como parte de uma lógica de compromisso que rege essa prática.

Desde os processos de construção e manutenção de seus espaços, frutos de intensa articulação e negociação com outros atores sociais, onde emergem figuras que personificam e realizam as necessárias ações de *abnegação* para lograr e garantir essas conquistas. Passando pela gestão interna dos times de várzea para se manter em atividade, onde se faz necessário que alguém personifique a figura do *abnegado*, que invista na realização de uma série de tarefas necessárias para sua existência. Até na seriedade esperada daqueles que tomam parte apenas das contendas esportivas, onde se espere que minimamente atendam a uma *performance* voluntariosa em campo.

Dessa maneira, sobressaltam também outras noções correlatas a essa ideia, também fundamentais a compreensão da trajetória desse fenômeno: negociação e autoconstrução.

Na dimensão de seus espaços sociais, os campos de futebol de várzea, como vimos no caso do Campo de Marte, por conta dos termos de sua cessão fundiária, se criou uma condição de ameaça permanente onde se fez necessária uma negociação constante pelo uso do terreno. E mesmo se olharmos para o passado dos campos de várzea que hoje possuem uma condição de existência mais estável, instalados em terrenos da prefeitura que se ancoram em legislações específicas existentes para atender a essa prática - os Clubes da Comunidade (CDC) - nos deparamos com um passado de intensa mobilização de varzeanos, articulados a instâncias da política, que possibilitaram conquistas. Não à toa, a principal bandeira encapada pelos varzeanos do Campo de Marte hoje, levada a discussão em reuniões com diferentes instâncias

da prefeitura de São Paulo, é a transformação da parte do terreno apalavrado a eles em um CDC.

A autoconstrução, dentro desses processos de negociação, surge como necessidade a partir do momento em que a garantia de espaços para essa prática esportiva são regidas pela égide das negociações e não dos direitos. Assim como no passado os *abnegados* dos campos de várzea do Campo de Marte tiveram que, a partir da negociação pelo uso do terreno em título provisório, garantir a construção da toda a infraestrutura desse espaço, entre o campo de jogo, bares, vestiários e áreas sociais, com o plano de construção do Parque Campo de Marte, mesmo que eles conquistem a implementação de um Clube da Comunidade no local, caberá aos futuros *abnegados* a responsabilidade de garantir qualquer a existência de qualquer edificação. Como já deixou claro a prefeitura de São Paulo em recentes reuniões: ceder essa parte do terreno e transformá-la em Clube da Comunidade, é possível; arcar com a construção dos campos e de suas estruturas, não.

E na dimensão da organização esportiva dessa trajetória na cidade de São Paulo, da mesma maneira, essas duas noções, autoconstrução e negociação, se fazem presentes de maneira importante. Como já tratado no capítulo 3, nenhuma instituição conseguiu se estabilizar por muito tempo como propulsora dessa prática esportiva na cidade de São Paulo. Foi, sobretudo, pela atuação dos varzeanos, a partir de diversas articulações e referenciais, que essa prática se organizou na cidade.

A várzea é imortal ou o meu medo maior é o espelho se quebrar

A nova geração veio e não deu sequência. Os boleiros foram se afastando e foi acabando... **Essa molecada não tem força.** É o que nós comentamos aqui: não é querendo se vangloriar, se amanhã, nós perdemos uns 4 ou 5 baluarte que têm aqui, vai **acabar. Porque se deixar na mãos desses moleque, eles nao faz nada! Eles querem encontrar tudo pronto,** criticar e quebrar... É isso que eles querem. **Eu sou um dos últimos.** Eu quero que a presidência seja do filho de um cara criado aqui. O filho do Didi, do Kalu, tô convidando ele pra ser presidente, os cara nao quer assumir. Tem garoto que nasceu aqui, eles são Cruz da Esperança, eles sabem o sacrifício, pra eles assumir, eles não querem.

(Entrevista Maurinho)

O fim da várzea, tantas vezes anunciado e denunciado nas práticas cotidianas desse universo pelos seus diferentes personagens, pode ser entendido, inicialmente, como uma reação dos

varzeanos ao desaparecimento dos campos de futebol relacionado às dinâmicas de transformação urbana. Esse processo, denominado de periferização da prática do futebol por alguns autores (Hirata, 2005; Spaggiari, 2009), parece explicar a contínua preocupação de abnegados, jogadores, frequentadores e até simpatizantes com o futuro e continuidade da várzea em São Paulo. Afinal, sem a permanência desse tipo de equipamento urbano, como poderia a várzea e todo seu leque de práticas e sociabilidades sobreviver?

Foi com esse pressuposto que iniciei meu trabalho. Apesar de ter formulado o projeto a partir da minha experiência enquanto jogador de várzea, durante a pesquisa, na intersecção de etnógrafo e varzeano, aprofundi minha entrada nesse universo, me tornando, aos olhos de meus parceiros e interlocutores, também um abnegado de modo a assumir novas funções em meu time, mas também no movimento pela preservação do Campo de Marte. O que trouxe alguns estranhamentos dentro do Autônomos, onde, muitas vezes, sou ironicamente retratado como um “velho da várzea”, um “diretorzinho desses”.

Passei a ser conhecido dentro das equipes mais antigas tanto por marcar os jogos do Autônomos quanto por estar fazendo uma pesquisa sobre esse mundo. Se muitos colegas etnógrafos têm dificuldade em recolher as narrativas de seus interlocutores, no meu caso, chegou a um ponto em que eu era procurado por veteranos que queriam me contar suas histórias para “meu trabalho de faculdade”. Donizete, presidente do Canto do Rio, único time sobrevivente dos que possuíam campo no Parque do Povo, soube que estava pesquisando o passado da várzea e me telefonou; queria deixar seu depoimento, me convidou pra assistir uma partida do time de veterano da equipe e almoçar com eles na sede social do clube. Nesse dia, a partir de sua insistência, sai de uma tarde na sede deles com uma coleção de jornais que o Canto do Rio chegou a editar no passado.

A partir da convivência mais intensa e das entrevistas concedidas, pude compreender melhor não só a história da várzea, com o surgimento e desaparecimento de campos atrelado à autoconstrução e luta de seus abnegados, mas também quais os sentidos imbricados na sensação de que esse universo chegava ao fim. Na narrativa desses veteranos da várzea, a iminência da finitude não se relacionava diretamente ao fim dos campos.

Tanto nas trajetórias daqueles que fizeram de tudo para o time não morrer depois do despejo, como é o caso de Sobrinho e Donizete, quanto nas memórias dos varzeanos do Complexo de Campos do Campo de Marte, o fim de um clube está muito mais atrelado à falta de

comprometimento de seus membros do que ao processo urbano que leva ao desaparecimento dos campos. “Os times que não tiveram essa abnegação, morreram”, conclui Otacílio.

Em uma prática autoconstruída desde os campos até as partidas, que se possibilita a partir das inconstantes dinâmicas da cidade, tendo de lidar a todo o tempo com suas ameaças, a *abnegação* é tarefa necessária para lidar com todos os percalços de um time de várzea, desde a dificuldade em encontrar com o fim da praça, do bairro ou da empresa na qual se conheceram, jogadores comprometidos, de encontrar um campo bom para mandar seus jogos, de marcar e organizar disputas e partidas, de ter uniforme lavado toda semana, até ter de lidar com as ameaças de despejo dos campos, de sobreviver ainda que circulando, entre outras.

Assim, é muito significativo quando Maurinho, no trecho de abertura deste tópico, reclama da geração dos filhos dos abnegados do Cruz da Esperança, que não reconhecem e não dão continuidade à garra e ao sacrifício de seus pais, que lutaram para conseguir o campo, que tiveram de construir tudo com suas próprias mãos e a partir de seu próprio dinheiro, abdicando de muitos projetos pelo clube. Uma nova geração que, em oposição à anterior que teve que autoconstruir desde a infraestrutura de seu bairro até seu equipamento de lazer, “quer encontrar tudo pronto” e só pensa em “criticar”, “quebrar” e não em fazer e se responsabilizar. Nem mesmo a presidência dos clubes, diz Maurinho, eles querem assumir. “Eu sou um dos últimos”, conclui ele, denotando sua preocupação sobre a continuidade do Cruz da Esperança; afinal, “a nova geração veio e não deu sequência”.

Além das dificuldades práticas relacionadas ao agendamento de partidas e não dispersão de jogadores, o desaparecimento dos campos apaga a história e o sacrifício de seus *abnegados*. Se os campos do Complexo do Campo de Marte forem mesmo destruídos, como quer o projeto de Doria, não será apenas a destruição do terreno do Cruz, da SADE, do Baruel, do VUP, do Pitangueiras e do Aliança, mas da cerca construída por Maurinho com o alicate de seu pai, do alambrado feito pela empresa de Antônio Leite, do piso da área social que o Brito mandou fazer, da rifa do fusca que Danúbio conseguiu, da mureta de Carlitos, dos muitos feitos de Xangô, dos vestiários conquistados graças ao Lalo.

A experiência compartilhada pelos varzeanos mostra que os campos podem sumir a qualquer momento, mas os clubes podem se manter ativos e sua história viva com o esforço e sacrifício de alguns membros, de modo que a expectativa da continuidade recaia na nova geração. Se a cidade destrói e apaga tudo, a memória tem que se manter a partir dos mais jovens. Mas, como a fala de Maurinho denota, há um descompasso geracional: os filhos já

não querem saber dos clubes como seus pais; quem chega junto, agora, denunciam eles, são desconhecidos mais interessados no lucro do que qualquer outra coisa, podendo desvirtuar tudo o que construíram.

A sensação de finitude que expressam continuamente está, portanto, muito mais relacionada à percepção de que assim que os “baluartes” não estiverem mais lá, seus clubes, pelos quais deram à vida, perderam esposas, fizeram dívidas, não vai continuar. Nem a história sobrar para ser rememorada. Não à toa, nas entrevistas, esses veteranos, imbuídos de todas as concepções heterossexuais que impedem os homens de chorar, se emocionaram diversas vezes ao rememorar suas histórias entrelaçadas às de seus clubes.

É por isso que meu trabalho, assim como meu comprometimento com a várzea, passaram a ser cada vez mais reconhecidos: um jovem que estava interessado em preservar a memória desse universo e escutar as histórias de seus veteranos. O esforço hercúleo e individual de Sobrinho, como discutido no capítulo 2, de dar materialidade à história de seu time anotando todas as partidas em papéis grampeados ganha uma nova perspectiva: a de integrar um trabalho da USP e o acervo do Museu do Futebol.

Por conta de meus interlocutores, minha pesquisa passou a adquirir outra conotação e importância, que não havia pensado e muito menos planejado, de manter viva as muitas histórias que se entrelaçam e articulam nesse espaço central ao futebol de várzea e que, a qualquer momento, pode desaparecer para dar lugar a um parque e um museu sem qualquer menção ao que algum dia se construiu ali, a exemplo do que ocorreu no Parque do Povo.

Se, por um lado, esses veteranos sofrem com essa triste perspectiva de fim, outras práticas parecem florescer na várzea, sobretudo no espectro da várzea “profissional” com arquibancadas cheias, torcida organizada, torneio altamente competitivo. Neste mundo, parece que se moldam novos arranjos entre abnegação, interesses coletivos e privados, reconfigurando à várzea dos veteranos de novos sentidos. São ex-membros de torcidas organizadas que, com o esgotamento do espaço social e de participação do futebol espetacularizado, procuram na várzea um local de construção; são abnegados que buscam também empreender e manter clubes, torneios, ou campeonatos, lucrativos.

Talvez a conclusão de Otacílio esteja certa: a várzea é imortal, o que muda são suas características, mas enquanto houver pessoas comprometidas por essa prática, ou seus abnegados, ela não morre.

Bibliografia

ANTUNES, Fatima Martin. FUTEBOL DE FÁBRICA EM SÃO PAULO. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

BIAGI, Diego Fernandes. AMADORES, PROFISSIONAIS E VARZEANOS: OS SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS NA CIDADE DE SÃO PAULO E OS CLUBES DA COMUNIDADE. Dissertação de Mestrado Acadêmico em História, Política e Bens Culturais apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2017.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). A geografia do futebol de várzea em São Paulo. In: _____ Estudo do tombamento do Parque do Povo. São Paulo, 1994.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.

_____. O espetáculo das identidades e alteridades - As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: Campos e Alfonsi (orgs). Futebol, objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. pp. 23 - 56.

DAS, Veena. Life and Words: violence and the descent into the ordinary. University of California Press: Berkeley, Los Angeles e London, 2007.

FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Buarque de (OrgS.) The Country of Football : Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil. London: Hurst & Company, 2014.

HIRATA, Daniel. O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAIA, Fred; CONTRERAS, Javier; PINHEIRO, Vinicius. Plínio Marcos - a crônica dos que não têm voz. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

MAGNANI, José Guilherme; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 24, p. 175-184, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 35, 1992, pp. 191-203.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (Org.); SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. “Etnografia como prática e experiência”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul.-dez.

MAGNANI, José G. C. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MASCARENHAS, Gilberto. São Paulo: a cidade e o futebol. Revista Digital Ef Deportes, Buenos Aires, Ano 8, nº 46, março de 2002.

MISKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2012.

OLIVEIRA, Raissa Pereira. Parque Anhembi: a produção de um centro de exposições em São Paulo (1963-1972). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, na área de Fundamentos e História da Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. Espaço Plural (Unioeste), v.29,p.115 - 140, 2013.

PACHECO, Reinaldo. xxxx. No prelo.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia, ou a teoria vivida”. PontoUrbe, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008.

RIGO, Antonio; JAHNECKA, Luciano; da SILVA, Inácio Crochemore. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. Revista Movimento, v. 16, n. 3. Porto Alegre, 2010.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

SEABRA, Odette Carvalho de L. “Futebol: do ócio ao negócio”. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). Infâncias na metrópole. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 129-146. 2008.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.21. n.2. p. 125-151. jul.- dez. 2013.

SILVA, Diana M. M. da. A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928 - 1950). Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SPAGGIARI, Enrico. Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TEDLOCK, Barbara. From participan observation to the observation of participation: the emergence of narrative ethnography. *Journal of Anthropological Research*, Vol. 47, No.1, Spring, 1991. pp. 69 – 94.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismo, cidade e política. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.

TOLEDO, Luiz H. de. Torcidas Organizadas de Futebol. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Lógicas no Futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.